

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

**“NOS CAMINHOS DA MEMÓRIA, NAS ÁGUAS
DO JAGUARIBE”.**

**Memórias das enchentes em Jaguaruana-CE.
(1960, 1974, 1985)**

Kamillo Karol Ribeiro e Silva

Fortaleza, abril de 2006

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

**“NOS CAMINHOS DA MEMÓRIA, NAS ÁGUAS DO
JAGUARIBE”.**

Memórias das enchentes em Jaguaruana-CE. (1960, 1974, 1985)

Kamillo Karol Ribeiro e Silva

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Social da UFC, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre, sob a orientação da Profa. Kênia Souza Rios.

Fortaleza, abril de 2006

Ficha Catalográfica

“NOS CAMINHOS DA MEMÓRIA, NAS ÁGUAS DO JAGUARIBE”.

Memórias das enchentes em Jaguaruana-CE. (1960, 1974, 1985)

Kamillo Karol Ribeiro e Silva

Dissertação defendida e aprovada pela banca examinadora constituída pelos professores

Dra. Kênia Sousa Rios – Orientadora, UFC

Dra. Denise Bernuzzi de Sant’Ana– PUC - SP

Dr. Eurípides Antônio Funes, UFC

Fortaleza, 20 de abril de 2006

*“O sertão vai virar mar!
O Mar vai virar sertania!
É uma previsão do fim,
O profeta já dizia.
Pois deste fim só escapa,
O poeta e a poesia”.*

Do cordel
Salvem os poetas populares
Sabiá Jaguaruanense.

A Weber e Lucília, com amor.
A Ana Daniella, com prazer.
A Marieta, com louvor.
A Luzanira, quem jamais vou esquecer.

“NOS CAMINHOS DA MEMÓRIA, NAS ÁGUAS DO JAGUARIBE”.
Memórias das enchentes em Jaguaruana-CE. (1960, 1974, 1985)

Sumário.

	Pág
Agradecimentos.....	08
Lista de Ilustrações.....	09
Resumo / Abstract.....	10
Considerações Iniciais – O Espetáculo das Águas nos trabalhos da memória.....	11
Capítulo 1 – Retirantes das Águas – Memórias do Cotidiano de quando as águas chegam e se vão.....	19
1.1 – “Não tem jeito, o jeito que tem é sair”.....	19
1.2 – “A Casa dos outros”. Lugares de abrigo durante as enchentes.....	36
1.3 – “A calamidade não é só lá, é quando se volta”.....	55
Capítulo 2 – “Fazer o quê?” Narrativas sobre trabalho, doenças e políticas públicas em tempos de enchente.....	67
2.1 – “Quase não tem como trabalhar”.....	67
2.2 – “A gente adocece, viu. É muito ruim”.....	83
2.3 – “O Governo passou a mão por cima”.....	99
Capítulo 3 – “Para um povo desabrigado”. – O Vale do Jaguaribe na cheia de 1974 e A construção da Vila do Padre.....	114
3.1 – A cheia de 1974 na memória e na imprensa.....	114
3.2. – “Vou me embora pros Cardeais, lá tudo é fácil”.....	134
3.3 – Lembranças, cimento, areia e barro – (re)Construída a Vila do Padre.....	147
Considerações finais – “Aí o céu se abriu, a chuva passou...”.....	164
Bibliografia.....	170

Agradecimentos

A Deus, muito citado pelos entrevistados: “*Graças a Deus!*”, “*Olhe, Deus que cuidou de nós!*”, “*Só Deus, mesmo, só Ele!*”. Eu repito: só Ele, só ele.

A FUNCAP, pelo apoio durante os dois anos em que desenvolvi esta pesquisa.

A Kênia. No primeiro dia, eu disse: - Que tal sermos amigos? Ela aceitou!

A Regina Jucá, pelo compromisso com seu ofício e pela nossa amizade, desde meu primeiro dia no mestrado, até o último, e para sempre, assim espero; e a Sílvia, pela sinceridade e sobretudo, pelo sorriso, desde seu primeiro dia no mestrado até o meu último.

A Gizafran Jucá, por ter recebido um e-mail de um desconhecido a 3 anos atrás e, sem questionamentos, ter-se disposto a ajudar sempre.

Ao professor Eurípides, por dispor sua grande experiência para o bom andamento desta pesquisa, sempre preocupado do jeito dele.

Ao professor Fred, coordenador do programa, pela disposição em me ouvir mesmo sempre estando tão atarefado.

Ao professor Régis, pela admiração que tenho por ele e por preciosas considerações durante a qualificação.

A Mônica Emanuela, por ter me recebido e ter dito, um dia, talvez em sonho, que eu não estava só.

Aos mais próximos, Terezinha, Tácito, Carlos Eduardo e Rodrigo, por serem amigos preciosos durante o processo da vida; e a Emília, Fábio, Egberto, Wagner, Isac, Túlio, Yuri, Carla, Lindercy e Soraya, por saber que, mesmo pouco se vendo, a amizade e admiração permanecem. Grandes companheiros!

Aos funcionários do Departamento de História e a Constantino, a quem por um ano chamei de *Guilhermino*, mas ele nem, nem...

Ao professor Manfredo de Cássio Borges, por confiar em mim, tendo esperado tanto tempo e por sua recepção e simpatia.

A Chico Pequeno, Avani, Alfredo, D. Cota, D. Eliza, D. Lourdes, Maria Sulina, Ferreira, *Seu* Joselias, Mãe-da-Lua, Chagas Serafim, Sebastião da Farmácia, Joaquim Cariri, Dionísia e Ducéu; por suas memórias, matéria-prima deste trabalho. Sem vocês ... ai....ai... , não gosto nem de pensar.

A Ana Daniella, simplesmente por acreditar em mim desde o princípio.

Lista de Ilustrações

Ilustrações	pág
Mapa de Jaguaruana	28
Foto 01 Estiva sobre o Rio Jaguaribe	74
Foto 02 Criança tomando banho nas águas da enchente	87
Foto 03 Armazenando água da chuva	88
Foto 04 Primeira rua da Vila do Padre – Cardeais	145
Foto 05 Detalhe dos tijolos – Vila do Padre - Cardeais	151

Resumo

Este trabalho refere-se a experiência da memória de homens e mulheres moradores da cidade de Jaguaruana – CE sobre as enchentes ocorridas nos anos de 1960, 1974 e 1985. Trabalhando com fonte orais, jornais e documentos oficiais, procura-se ver como as cheias do Rio Jaguaribe marcaram as lembranças do entrevistados e a forma como estas foram contadas. Percebendo também a materialidade do ato enunciativo através da performance, busca-se um entendimento das várias nuances e dos vários temas apontados pelas memórias. O trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro capítulo trás narrativas sobre o momento da saída e retorno para casa durante a enchente. No segundo capítulo, discute-se outros temas que figuravam nas entrevistas como as histórias sobre o trabalho, as doenças e as políticas públicas em tempos de enchente. O terceiro capítulo, centra-se na necessidade de ouvir as histórias sobre a construção da Vila do Padre.

Abstract

This work refers the experience of the men and women's memory residents of the city of Jaguaruana - CE on the inundations happened in the years of 1960, 1974 and 1985. Working with oral source, newspapers and official documents, tries to see her as the full of Rio Jaguaribe they marked the interviewees' memories and the form as these they were counted. Also noticing the material form of the act enunciated the performance, an understanding of the several nuances is looked for and of the several pointed themes for the memoirs. The work is I divide in three chapters. The first chapter back narratives on the moment of the exit and return home during the inundation. In the second chapter, other themes that represented in the interviews as the histories on the work, the diseases and the public politics in times of inundation is discussed. The third chapter is centered in the need of hearing the histories about the construction of the Priest's Villa.

Considerações Iniciais

O Espetáculo das águas nos trabalhos da memória.

“Se considerarmos a memória um processo, e não um depósito de dados, poderemos constatar que, à semelhança da linguagem, a memória é social, tornando-se concreta apenas quando mentalizada ou verbalizada pelas pessoas. A memória é um processo, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados. Em vista disso, as recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas. Porém, em hipótese alguma, as lembranças de duas pessoas são – assim como as impressões digitais, ou a bem da verdade, como as vozes – exatamente iguais”.

Alessandro Portelli

A idéia de se fazer pesquisa usando como fonte primária as memórias orais, ou seja, os relatos orais, passa por questões metodológicas sérias e por um compromisso com a escrita da história que fui descobrindo aos poucos durante a trajetória do curso de mestrado; fui percebendo que tal história não precisava ser rotulada, como alguns assim fazem chamando-a de “história oral”, como se o conhecimento histórico produzido a partir de narrativas orais fosse ou tivesse caráter e função diferentes da história que se conhece. Pensei assim, a partir das idéias de Mercedes Vilanova, que propõem chamar simplesmente de História, sem adjetivos, aquelas que usam como fontes os relatos orais, os dados, imagens e textos¹.

Passando por questões importantes como a ética que o trabalho com oralidade necessita², tomei a decisão de realizar este trabalho sobre as enchentes do Rio Jaguaribe na cidade de Jaguaruana, nos anos de 1960, 1974 e 1985. Caminhando pelos distritos da pequena cidade de Jaguaruana fui desvendando minha problemática; ou melhor, fui construindo uma problemática que não nascia apenas de uma simples curiosidade motivadora mas de questões específicas advindas da relação memória – história, o que aconteceu

¹ Ver. VILANOVA, Mercedes. La historia sin adjetivos con fuentes orales y la historia del presente. *História Oral*, São Paulo: ABHO. vol 1., n.º. 3, p. 31-42. 2000.

² Ver PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. *Projeto História*. São Paulo: EDUC, n.º 15, , pp. 13-33, abr 1997.

mais intensamente a partir de um maior contato com leituras teóricas e nos encontros de orientação.

Jaguaruana fica localizada na parte leste do Estado do Ceará, distando aproximadamente 180 Km da capital Fortaleza. Ocupando uma área de 966 km², em que vivem, segundo dados do IBGE (censo 2000), 29.735 habitantes, distribuídos na zonas urbana (55,76% da população) e rural (44,24%) É um dos municípios do Vale do Jaguaribe, lugar historicamente acometido por enchentes. A hidrografia da região possibilita tal afirmação, pois como se pode constatar, muitas são as comunidades ribeirinhas e o próprio centro urbano é rodeado por córregos e lagoas que, quando cheias, transbordam, invadindo a cidade.

Foi nesta cidade onde procurei as pessoas para conversar sobre a enchente. Minha avidez por tal assunto foi gestada no decorrer da pesquisa, mas também me foi bastante cara devido às histórias que ouvia desde criança, sendo as mais vivas em minhas lembranças, os contos ocorridos durante a cheia 1985. Muitos eram aqueles que me podiam falar sobre as cheias. desta forma, devido à proximidade temporal do acontecimento e à recorrência do tema no cotidiano das pessoas da cidade, conclui que muitos poderiam me falar sobre as enchentes.

Encontrei Avanir, ou melhor, encontrei Antônio Avanir de Almeida, 57 anos, agricultor, contador de histórias; um senhor que se mostrou ser um grande narrador. Numa de nossas conversas, disse-me a seguinte frase:

“E a minha vida, mesmo se você não interessar saber, mas bulindo comigo, Kamillo, é como mexer com um enxame de abelha, eu não faço paradeiro, nem sei resumir. A história é como diz o matuto, comprida³”.

Foi junto à Avanir que descobri outras indicações, que alargaram meu objeto de pesquisa. Na graduação queria estudar a seca mas fui migrando

³ Entrevista com Antônio Avanir de Almeida, 57 anos, entrevista realizada em 09 de julho de 2004, na cidade de Jaguaruana, no grupo escolar do bairro Alto, que fica na periferia da cidade. O Sr. Avani é um trabalhador rural que mora na periferia da cidade. Assim como Seu Chico Pequeno se mostrou sempre um grande narrador. Suas experiências serão relatadas nesta pesquisa, de forma que suas falas aparecerão em outros momentos quando formos dialogar sobre outros assuntos relacionados à enchente.

lentamente para o fenômeno da enchente, especificamente a ocorrida no ano de 1985. Descobri também que em 1974, ano de uma outra grande enchente, foi construída na comunidade de Cardeais uma vila de 89 casas onde os beneficiários foram famílias desabrigadas por causa da destruição ocasionada pela enxurrada. Era uma indicação encontrada dentre as narrativas sobre enchentes donde poderia florescer uma pesquisa cuja preocupação fosse saber, até que ponto, a memória de homens e mulheres, moradores daquela vila de casas, construída em tempos de cheia, tinha suas lembranças marcadas por tal fato.

E assim fiz. Meu projeto de mestrado resumia-se às narrativas acerca da Vila do Padre – a tal vila de casas, construída no bairro de Cardeais durante fins de 1974 e o ano de 1975, para abrigar retirados e desabrigados pela enchente ocorrida nos meses de janeiro a maio de 1974.

No entanto, com a continuidade da pesquisa fui encontrando pessoas que me confiaram preocupações que figuravam no ambiente da enchente e transcendiam a questão da construção da “Vila do Padre”. Elas me falavam da cheia! Do *espetáculo das águas*, do rio enchendo e do rio secando, das águas invadindo a cidade, de quando suas casas eram inundadas; falavam-me do momento da saída e da chegada em suas residências, antes abandonadas por conta da cheia, dos abrigos, das chuvas, das doenças, das alegrias nas pescarias, do trabalho, das ajudas, dos políticos e das políticas públicas dos Governos, das dificuldades mas também da fatura que fica quando termina a enchente. Assim, ouvindo melhor aqueles a quem entrevistei, descobri que meu objeto de estudo não seria este ou aquele fato ocorrido durante a enchente e sim a própria “cheia”, como um marco da memória destes homens e mulheres com os quais comecei a conversar.

O objeto desta pesquisa foi sendo gestado ao longo do contato com os narradores que me apresentaram suas memórias. Não desprezei, contudo, as narrativas sobre a Vila do Padre – pois como poderão constatar, este é o tema do 3º capítulo deste texto. Desde então, tenho buscado compreender o que representa as enchentes para estes sujeitos e como as cheias se estabeleceram como marcador de um tempo específico de suas lembranças.

O que me foi contado e da forma como foi, definiu o recorte espaço-temporal da pesquisa, situando-me nos anos de 1960, 1974 e 1985, anos de grandes enchentes. Muito embora tenha havido outras cheias como a cheia de 1940, 1950 ou 1989, quando dizia a alguém que gostaria de saber das histórias das cheias, eles diziam: “*As enchentes, eu vou contar de 60 pra cá. Já era pai de família, né*”.⁴ Ou “*Cheia, vamo ver, né. Cheia grande foi 60, depois teve outra nas era de 70 e a derradeira foi agora em 85*”.⁵ Pude perceber uma pré-seleção de memórias sobre as enchentes. Quando procurei falar com eles sobre 1940, 1950 ou 1989 não obtive resultados.

Há uma explicação para dispor a temporalidade da pesquisa nesta forma. Procurei entender que dizer *1960, 1974 e 1985* é diferente de dizer *de 1960 a 1985*. Fiz isso porque não é assim que os entrevistados me contam suas narrativas. Em todo processo de construção dos depoimentos pude notar como estes homens e mulheres procuraram delinear suas memórias com um rigor temporal próprio dela e dos narradores que não se querem fazer de desinformados. Quando conversava sobre as enchentes com Avani ou Chico Pequeno era comum um comportamento específico: falava-se o máximo que se podia sobre um ano de cheia, depois outro e assim por diante. Hoje posso dizer que este é um exemplo de metodologia possível na relação entrevistador-entrevistado durante a criação do depoimento oral. Falávamos sobre 1960. Quando advinha o silêncio, eu perguntava: “*E 1974? Como foi? Do que você lembra?*” E logo tínhamos outras memórias. Da mesma forma ocorria com os outros anos.

Pensei, então, que, mesmo sabendo que a memória, vez por outra, sempre apronta uma armadilha com nossas lembranças, seria importante respeitar o tempo de construção das narrativas de meus entrevistados. Depois percebi que era inútil tentar apreender os acontecimentos narrados através de uma linha temporal cronológica. Os

⁴ Francisco Luiz da Silva – Nascido em de agosto de 1921. Reside na comunidade de Jureminha, localizada à 5 km da sede do município de Jaguaruana. Mora em uma casa simples com duas filhas, rodeado, em seu terreno, pelas casas dos filhos. Concedeu-me esta entrevista no dia 19 jun. 2004, numa tarde, após uma chuva que quase tornou os caminhos da região intransitáveis. Seu Chico *Pequeno* – nome pelo qual é conhecido, fez questão de falar da agricultura, enfatizando que mesmo no alto dos seus 83 ainda trabalhar nesta e com orgulho.

⁵ Antônio Avani de Almeida, 57 anos, entrevista realizada em 05 de ago. 2002, na cidade de Jaguaruana, no grupo escolar do bairro Alto, que fica na periferia da cidade.

episódios tinham um outro tempo: o tempo da memória. Alguns falavam assim: “A cheia de 74 foi assim...”. Outros diziam: “De 85 eu me lembro muita coisa!” Mas havia aqueles que começavam suas narrativas de outra maneira. “Duma cheia dessa que teve por aqui, eu me lembro...” A experiência é que vai costurando o discurso. Logo, eles traduziam a cheia de muitas formas. Quanto à intensidade (*Cheia grande foi aquela onde a água passou por cima do parapeito da Janela*); Quanto à ajuda (*Uma destas cheia que mandaram muita mercadoria*); É comum se referir a enchente de 1960 como a *cheia do Orós*, - pois foi com o rompimento da barragem deste açude que a situação das cidades do Vale se agravaram. A enchente de 1985 é a *cheia do Gonzaga Mota*, então Governador do Estado do Ceará na época que visitou a região e mandou ajudas.

Um outro aspecto é a falta de continuidade nas narrativas. Quero dizer que os anos entre uma enchente e outra não são lembrados, ou pelo menos, não são falados. Desta forma, cheguei a conclusão que definir a temporalidade desta pesquisa de uma outra forma seria um erro. A opção em fazer um estudo sobre enchentes em Jaguaruana a partir das memórias de seus habitantes, trouxe esta disposição temporal.

Procurava por pessoas que me falassem sobre as enchentes, narrassem os fatos ocorridos; contassem-me como o fenômeno da cheia tinha marcado suas vidas. Quando se busca alguém para conversar com este objetivo, logo deve-se pensar em conhecer pessoas mais velhos, explorando sempre a relação senectude-experiência. Desta forma, cheguei ao Sr. Francisco Luiz da Silva, Seu Chico Pequeno. A visita a Chico Pequeno (84), levou-me à Dona Eliza (61). Os dois residem numa comunidade chamada *Jureminha*, distante 4km do centro da cidade. Seguindo as veredas do interior, cheguei à outra comunidade de nome *Capoeira* onde conheci o Sr. Chico Alfredo (80), o *Mãe-da-lua* (61), Seu Ferreira (66) e Dona Maria Sulina (84). Seguindo do campo em direção a cidade, minha próxima parada foi no bairro dos Cardeais. Lá encontrei Dona Cota (84) e Joaquim Cariri (77), dois antigos moradores daquela região. Partindo para o centro da cidade, encontrei com Dona Lourdes Alexandre (80), Seu Chagas Serafim (84), Chico Firmino (60), Sebastião da Farmácia (47), além da Irmã Dionísia (66), do Mons. Ducéu, (71). Não muito afastado dali, no bairro Alto, mais duas pessoas foram visitadas:

Seu Avanir (57) e Seu *Joselias* (76), o homem das cacimbas. Do outro lado da cidade, no distrito de Jurema, conversei ainda com o Sr. José Felipe da Silva (72). Ouvindo seus relatos, procurei encontrar as semelhanças e as diferenças das memórias orais sobre as enchentes de 1960, 1974 e 1985 em Jaguaruana.

Cada um teve sua especificidade, sua maneira de contar as coisas, sua forma de materializar a lembrança. Todos tiveram sua importância nesta pesquisa, falando de seus próprios lugares, sejam estes lugares o campo ou a cidade, a igreja ou o sindicato de trabalhadores rurais.

Quanto à Vila do Padre é preciso dizer que nenhum dos entrevistados é atualmente morador de lá. Somente Mãe-da-lua morou na vila durante seus primeiros anos de funcionamento. Dos habitantes atuais, conversei somente com Dona Geosa, mas, informalmente e poucas vezes. O espaço da comunidade sempre foi difícil de ser trabalhado já que as informações que buscava estavam distantes para os moradores atuais das casas. Aqueles a quem procurava, os primeiros moradores, haviam morrido ou saído de lá por alguma razão. Restavam apenas os herdeiros ou pessoas que tinham vindo de outro lugares, este não podiam dizer muita coisa. Dadas a estas dificuldades procurei pelas pessoas indicadas para me falar sobre o início da vila em outros lugares.

No que diz respeito aos temas específicos do texto procurei observar a identificação do narrador com algumas temáticas. Todos falam de doenças, foi o que Sebastião da Farmácia que ressaltou o problema das enfermidades. Todos falam sobre trabalho, mas Seu Chico Firmino foi mais enfático. Todos lembram das ajudas vinda em tempos de cheia, mas são as memórias de Avani que destacam esta parte. Sobre a família, Dona Cota; sobre os lugares de abrigo, D. Eliza; sobre o tijolo de cimento, Seu *Joselias*. Há ainda aqueles que se destacaram em quase todos os temas a partir de uma narrativa exemplar, como é o caso de Chico Pequeno e Avani.

Ouvindo estes homens e mulheres, consegui identificar uma matriz discursiva sobre as enchentes. Alguns temas se repetiram nas várias memórias, outros se confrontavam, alguns ainda se complementaram. O fio de memórias que se inscreve neste texto vai, ao poucos, sendo confrontado por outras fontes como o jornal, principalmente o Jornal O Povo dos anos de 1960, 1974 e 1985. Documentos oficiais como relatórios da comissão de Defesa Civil

do Estado e documentos da GESCAP (Grupo Especial de Assistência às Calamidades Públicas), órgão do Governo do Estado que atuou durante as enchentes de 1960 e 1974. Outras fontes são as fotografias de álbuns de família coletadas no decorrer de toda pesquisa. Como referências bibliográficas, foram usados livros, monografias e teses escritas na região, falando de realidades históricas próximas a estudada, como é o caso da monografia *O outro lado da ponte – O processo de formação do bairro Limoeiro Alto*, que versa sobre a construção de uma vila de casas na cidade de Limoeiro do Norte em 1974, com motivações semelhantes à construção da Vila do Padre.

A partir destas informações, estruturei os capítulos desta dissertação. O primeiro capítulo traz narrativas sobre o momento da saída e retorno para casa durante a enchente. Através de suas memórias, os narradores (re)constróem os vários momentos enfrentados durante as enchentes no que diz respeito a experiência com a água da cheia. O capítulo contempla narrativas sobre o processo de sair de casa, os lugares de abrigo e o retorno às suas residências quando do fim da enchente.

No segundo capítulo, salientei as memórias sobre o trabalho, as doenças e as políticas públicas em tempos de enchente. São três instantes onde se procura perceber o significado do trabalho na vida destes homens e mulheres durante 40 dias de cheia; quanto às doenças, precepei-me em entender que valor tal tema tinha para meus entrevistados. Por que ele era tão citado? E quanto as ajudas governamentais, o mote foi ouvir em “stéreo” os discursos sobre doação de mercadorias e a imagem dos políticos através de suas lembranças, além de perceber o valor que essas ajudas assumiram dentro da composição de suas narrativas.

Por fim, o terceiro capítulo centra-se na necessidade de ouvir e entender as memórias sobre a construção da Vila do Padre, visto que foram destes relatos que parti para uma pesquisa mais ampla e porque este tema foi preocupação também dos meus entrevistados. No primeiro tópico, procuro ver o Vale do Jaguaribe no ano de 1974 através das memórias e da imprensa, estabelecendo um diálogo com estas duas fontes. Em seguida, a partir das narrativas, procuro entender uma significação construída pelos entrevistados: “o bairro dos Cardeais é lugar de salvação”. A idéia foi procurar entender os

discursos acerca do bairro e tentar perceber que méritos e desvantagens são atribuídas a ele. No terceiro tópico está a tentativa de reconstruir a Vila do Padre através das memórias.

O trabalho com a memória aparece nesta pesquisa para ajudar a realizar a idéia sugerida pelo título deste texto: trilhar caminhos propostos pelos narradores e eu. Logo, foi problematizando, discutindo e tentando interpretar estas memórias que tentei direcionar estes caminhos para a História.

CAPÍTULO I

Retirantes das águas – Memórias de quando as águas chegam e se vão.

“Dizem: Quem relembra, sofre duas vezes.

Mas eu acho que é mais”.

Tia Novinha

1.1 “Não tem jeito, o jeito que tem é sair”.⁶

Sentar-se ao lado de Chico Pequeno para ouvir e ajuda-lo a criar memórias! De início, não parece ser uma tarefa muito fácil, contudo, os temas oferecidos por ele através de sua narrativas vão, aos poucos, reinventando conceitos e pontos de vista sobre o tema da conversa construídos anteriormente. Logo vi que poucos encontros não seriam suficientes e que aquele homem estava disposto a contar momentos da sua vida.

“As cheias? Não se preocupe, eu vou contar tudim, certo? Porque a minha vida foi essa mesmo, todo tempo, ou era seca ou era cheia. E eu me alembro de tudo, viu. O negócio que eu custo a lembrar, mas quando eu me lembro, aí é história, viu!”⁷

A decisão pelo uso de fontes orais na pesquisa histórica partiu do seguinte princípio: as memórias narram experiências e a partir das possibilidades vislumbradas nas narrativas, os relatos servem como matéria-prima para a escrita da História, que no caso desta pesquisa versa sobre

⁶ Francisco Luiz da Silva, entrevista no dia 19 jun. 2004, em Jureminha, Jaguaruana – Ce.

⁷ Francisco Luiz da Silva, id. ibidem.

enchentes. O que se encontra em cada narrador são possibilidades. Ao trabalhar com fontes orais, mergulha-se num ambiente pessoal de recordações que falam sobre fatos sociais. Portelli discute a relação de diferença existente entre a memória e a lembrança. Para ele, “*A memória pode existir em elaborações socialmente estruturadas, mas apenas os seres humanos são capazes de guardar lembranças*”.⁸

É nesta perspectiva que falo de possibilidades. Ter como fontes as memórias orais é trabalhar com o vivido, com o criado e até com os sonhos dos nossos depoentes, o que ativa um outro aspecto da memória que fala também de desejos de futuro⁹. É nesta relação que se sobressai a subjetividade existente no trabalho com a oralidade.

Este tópico trata das lembranças que versam sobre o momento em que os “retirantes” têm que deixar suas casas. O momento da saída, como eles falam, é a certeza da incerteza. Diante de seus olhos está a necessidade do deslocamento. Para onde ir e quando retornar está além da visão, restando apenas esperar o fim da enchente.

Encontrei-me com o Sr. Francisco Luiz da Silva, “Seu Chico Pequeno”, como é conhecido e gosta de ser chamado. Recebeu-me em sua casa, na comunidade de Jureminha, interior da cidade de Jaguaruana. No alpendre, deitado em sua rede, protegido pela comodidade de sua residência, Seu Chico logo me convidou a sentar, perguntou se peguei a pequena chuva caída naquele dia e fala de sua admiração pela breve precipitação ocorrida em tal época do ano:

“Esse ano foi diferente de todos os outros. Começou a chover muito cedo. Logo, logo, se encheu tudo isso aqui. A cheia veio, viu, esse ano, ela veio sim. Mas ela ficou daquela casa pra lá e nós se agüentando, se agüentando. Na chuva grande que deu voltou a lavar

⁸ Segundo Portelli, “A essencialidade do indivíduo é salientada pelo fato de a História Oral dizer respeito a versões do passado, ou seja, à memória. Ainda que esta seja sempre moldada de diversas formas pelo meio social, em última análise, o ato e a arte de lembrar jamais deixa de ser profundamente pessoais”. PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. *Projeto História*. São Paulo: EDUC, nº 15, pp. 13-33, abr 1997.

⁹ Sobre este tema, ver o texto PORTELLI, A. Sonhos Ucrônicos Memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. *Projeto História*, São Paulo: EDUC, (10), dez de 1993.

a barragem. Mas todo mundo com medo já. Aí parou um tempo, e numas época dessas chove de novo, né?”¹⁰

Seu Chico Pequeno foi uma indicação dos amigos e moradores daquela região que irão aparecer mais tarde no texto. Seu Chico foi-me indicado porque era o tipo de pessoa que eu procurava: “uma pessoa que gosta de contar histórias”. De fato este homem se mostrou um narrador nos moldes Benjaminianos, pois se destacou dentre outros como produtor do texto oral e sempre esteve disposto a oferecer suas memórias¹¹. É um velho disposto a falar sobre suas experiências de quando enfrentou os problemas ocasionados pela enchente, neste caso, a saída de casa. No entanto, não foram somente as histórias das cheias que foram contadas, pois Seu Chico sempre quis falar sobre muita coisa. Enquanto Benjamin denuncia que em sua época “o homem [de hoje] não cultiva o que não pode ser abreviado”¹², Seu Chico responde a pergunta inicial, quando da minha segunda visita:

Kamillo - “Seu Chico fale um pouco da vida do senhor. Comece por onde o sr quiser”.

Seu Chico - “Falar um pouquinho, é? Ta difícil. A vida é essa mesma que nós vive. Mas se for pra falar só um pouquinho, fica difícil, pra quem viveu muito, né?”¹³

No início da conversa sobre as cheias, Seu Chico construiu um relato recheado de fatos impressionantes. Seu discurso esteve marcado por constantes conflitos do poder entre aqueles mais abastados e os mais pobres. Quando ele falou das pessoas que lhe deram abrigo durante a enchente, iniciou o relato que mais figura neste tópico. Contou das suas saídas de casa nos anos de boas invernadas e de como as águas entraram em sua casa.

A fala de Seu Chico foi escolhida para iniciar o tópico porque é portadora de um grande número de elementos para discussão proposta pelo

¹⁰ Francisco Luiz da Silva. Entrevista realizada em 19 jun. 2004. Jureminha, Jaguaruana – Ce.

¹¹ Ver BENJAMIN, Walter. O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In. *Obras Escolhidas*. Magia e técnica, arte e política. Brasiliense: Rio de Janeiro, 1976.

¹² Idem. Ibidem. p 206.

¹³ Francisco Luiz da Silva, entrevista realizada em 19 jun. 2004. Jureminha, Jaguaruana – CE.

capítulo, o que foi mais uma razão para reconhecer nele as virtudes d'O Narrador¹⁴.

Seu Chico mostra-se um artesão da palavra, transformando sua fala em possíveis indicações a serem interpretadas e, mais que isso, seguidas, no que diz respeito às memórias de outras pessoas, pois é preciso dizer que este tema também é relatado por todos aqueles que foram entrevistados. Mesmo aquelas pessoas que não precisaram deixar suas casas, em virtude dos alagamentos provocados pela enchente, descreveram eventos relacionados a este caso específico, porque ou observaram de perto aquilo que chamam de movimento das águas¹⁵ ou abrigaram pessoas que precisaram sair de suas residências.

Em suas memórias, a primeira vez que Seu Chico precisou sair de casa foi em 1960, ano da famigerada cheia do Orós. Por causa de um período invernosso intenso, o Açude Orós, que na época estava em fase de conclusão, teve sua estrutura avariada pela força das águas, arrombando em meados de março de 1960 e agravando o ambiente de enchente que já se anunciava às populações ribeirinhas.

O que há de mais interessante neste fato construído pela memória social da população da cidade de Jaguaruana é o clima de tensão ocasionado pela notícia da quebra do açude. Segundo o historiador Olivenor Chaves¹⁶, vivia-se um grande temor pelas autoridades locais e estaduais e, especialmente, pela população do Baixo Jaguaribe, em virtude da possibilidade

¹⁴ Para Benjamim, “A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesão – no campo, no mar e na cidade –, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o ‘o puro em si’ da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa da vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso”. (sic) BENJAMIN, Walter. Op. Cit. p. 205.

¹⁵ A expressão *Movimentos das águas* usada por muitos dos entrevistados acabou sendo de muito valor na medida em que eles se reportavam sobre as enchentes, usando esta expressão. O movimento das águas pode ser definido também como o cotidiano da época, onde não somente a água tem um papel predominante, mas também os corpos e os objetos, como canoas, cavaletes (armação feita de madeira usada como suporte para atravessar rios e se movimentar pelos lugares alagados), bolsas de alimentação, entre outras coisas. Neste sentido é possível também estudar a história através destes outros suportes da memória. Cf. RAMOS, Francisco Régis Lopes. *A danação do objeto*. O museu no ensino de História. Chapecó: Argos, 2004.

¹⁶ Cf. CHAVES, José Olivenor Sousa. *Atravessando Sertões*. Memória de Velhas e Velhos camponeses do Baixo-Jaguaribe-Ce. Tese de Doutorado em História apresentada a UFPE. Recife: 2002. p. 557

de rompimento da barragem do açude Orós, ainda em construção.¹⁷ O quadro climático da época era de grandes chuvas caídas na bacia hidrográfica do Jaguaribe, por isso as autoridades convocaram a imprensa cearense a fim de manter informadas às populações comumente afetadas pelas águas do Jaguaribe sobre a gravidade da situação, bem como, recomendar a desocupação das áreas mais críticas. Este fato configurou um ambiente singular às saídas: naquele ano os deslocamentos ocorreram, mas diferente de outras enchentes, os que saíram, deixavam suas casas ainda no seco, já que comumente, a saída de casa em tempos de enchente se dá quando as águas invadem ou ameaçam as residências.

Em 1960, as pessoas saíram de casa porque temiam o fim do mundo. A notícia do rompimento da barragem do orós seria a realização da profecia que dizia: o sertão vai virar mar.¹⁸ No Jornal O Povo de 22 de março de 1960, os termos técnicos, se transformavam, aos olhos das pessoas mais simples, em anúncios da profecia.

(...). “No entanto, trombas d’água de mais de 250 milímetros, caídas na bacia hidrográfica, motivaram a maior enchente, já observada. As quatro horas da madrugada de hoje, na ponte de Iguatú, o Rio Jaguaribe marcava 35 pés, ou seja, aproximadamente onze metros e meio de lâmina d’água. Houve, portanto, uma elevação de seis metros em menos de 15 horas. Apesar de não haver muita possibilidade de salvamento da barragem, somente poderemos informar, com precisão, dentro de vinte horas”. (...).¹⁹

A imagem mais recorrente é a de que as águas cobririam tudo, só ficaria fora d’água a torre da igreja matriz de Sra. Santa’na. Acredito que possa

¹⁷ Parte da parede do Açude Orós rompeu-se no dia 21 de março de 1960, ocasionando sensíveis perdas às populações ribeirinhas do Jaguaribe. As obras foram retomadas e concluídas em no ano de 1961.

¹⁸ Segundo Kênia Rios, a profecia é muito conhecida nos sertões e apresenta-se nas falas destes homens e mulheres de muitas formas. [...] “*Histórias, contos e cordéis criam de forma variada a idéia de que “o sertão vai virar mar e o mar vai virar sertão”*”. Cf. RIOS, Kênia Souza. *Engenhos da memória: narrativas da seca no Ceará*. Tese de Doutorado em História apresentada a PUC. São Paulo: 2003. p. 256. Para Olivenor Chaves, a presença de contos proféticos nos relatos dos sertanejos, (...)Trata-se de uma expressa capacidade que se tem de traduzir as experiências de vida à luz das profecias que os mais antigos contavam a respeito do fim do mundo. Na verdade, uma reinvenção da concepção bíblica referente à consumação dos séculos”. (Sic) Cf. op. cit. p. 378.

¹⁹ *O Povo*, 22 de março de 1960. p. 01 e 02.

haver pelo menos duas explicações para tal afirmação feita naquela época e repetida ainda hoje, quando os moradores se referem a um possível rompimento da parede do açude Castanhão²⁰. A primeira delas é simplesmente por ser a igreja a edificação mais alta da cidade. Com 46 metros de altura, a imponência do prédio se destaca no meio das outras construções da cidade. A outra idéia seria a de que o edifício mantém uma relação com o caráter sagrado da sua representação. A igreja é a casa de Deus e a água seria uma benção divina, por isso, ao passo que somente Deus pode dá-la, somente Ele poderia segurá-la.

Esta relação entre a enchente e a fé pode muito bem ser vista na fala de Dona Lourdes. Em seu relato disse, que ao sair de casa em 1960, colocou uma medalha milagrosa na porta a fim de que esta segurasse a força das águas. Segundo ela, deu certo: “Faltou bem uns dois palmos, uns 40 centímetros para chegar na medalha”.²¹

“Foi um ano de pouco inverno, mas de muito sofrimento. Porque a gente nunca ouvia falar no Orós, mas de repente, uma coisa daquela de uma hora para outra, para o povo se retirar de dentro da rua que as águas iam cobri a torre da igreja”.(D. Lourdes Alexandre)²²

(...)

“Lembro do povo dizendo que a barragem ia quebrar. O Toinho Alexandre era locutor da radiadora da igreja. Ela ia numa hora dessa (de tarde) e começava a alarmar: o mundo vai se acabar, se acabar, se acabar...O orós, a barragem do Orós e isso até muito tarde. A conversa era essa: vai se acabar, vai se acabar tudo. A água quando

²⁰ Em 2004 o açude Castanhão, localizado entre as cidades de Jaguaribara, Jaguaretama e Alto Santo teve recebido um grande volume d'água, ajudando a controlar as enchentes no Vale do Jaguaribe. No entanto, frente as notícias que a cada dia que se passava o açude se enchia cada vez mais, a lembrança do rompimento do açude Orós em 1960 foi inevitável. Aqueles que acompanharam as enchentes de 1960, temiam o rompimento do Castanhão nos dias de hoje. Segundo eles, daquela época haviam escapado, mas se o que aconteceu em 1960 se repetisse nos dias de hoje, seria difícil escapar alguém.

²¹ Maria de Lourdes Alexandre, entrevista realizada no dia 27 mar. 2004 em Jaguaruana. Dona Lourdes é esposa do já falecido Toinho Alexandre, radialista que noticiava nos idos de 1960 as notícias sobre o rompimento do açude Orós.

²² Maria de Lourdes Alexandre. Id. Ibidem.

passar por aqui vai dar na torre da igreja, vai faltar um metro para cobrir ela”.(Seu Chagas Serafim)²³

Do ponto de vista daqueles que moravam na cidade, a narrativa se concentra na admiração ocasionada pelo retorno.

“Eu me lembro que quando nós viemos, porque tinha havido um pouco d’água, mas não chegou a alagar a cidade. Você ouviu falar que não alagou a cidade? Foi nos baixos, foi nos baixos. [...] Quando nós chegamos, a mamãe só pensava como era que tava a nossa casa: tudo seco, tudo normal, do jeito que nós tínhamos deixado”.²⁴

Aqueles que contaram suas lembranças através de visões da cidade, disseram que ficaram poucos dias fora de casa e, quando voltaram, a cidade não estava alagada. Mas não foi isto que disseram os que moravam perto das margens do rio. A experiência da enchente de 1960 não diferiu muito para estes no que diz respeito a abandonar suas casas. Seu Chico Pequeno assim relatou o momento em que soube da notícia do Orós:

“O Orós, aí um tal dia, só se ouvia dizer que o Orós ia se quebrar, se quebrar, se quebrar. Aí quando foi um tal dia, eu sai de casa pra ir trabalhar na Passagem da Moita, lá no beijo do rio. Eu saí, eu disse pra muier. Eu digo:

- Olha se você ver falar que o Orós quebrou-se, você manda o menino me dizer pr’eu vim embora. Que ele quebrando lá, ele vem bater aqui.

Eu tirei a primeira carreira de mato [risos]... tava limpando, quando dei fé, o menino chegou. O Chico.

- Pai, a mamãe manda dizer que o Orós quebrou. O Raimundo Matos andou lá em casa e disse que o Orós tinha se quebrado.

- Mas meu fi, ante deu pegar aqui. Aí eu pensei, eu digo:

- Você vá simhora, que eu vou acolá.

²³ Francisco da Chagas Serafim Neto, Entrevista realizada no dia 25 mar. 2004, no Bairro Juazeiro em Jaguaruana. Com 84 anos Seu Chagas Serafim relembra com dificuldade do episódio de 1960, mas resolvi entrevista-lo por ter sido ele umas das poucas pessoas a ficarem na cidade, resistindo àquilo que poderia ser o tão famigerado *fim do mundo*.

²⁴ Antônio Avani de Almeida, 57 anos, entrevista realizada em 05 de ago. 2002, na cidade de Jaguaruana, no grupo escolar do bairro Alto, que fica na periferia da cidade.

Eu ia pra Lagoa Vermelha atrás de uma colocação pra mim. Aí pensei, não, vou me embora. Vou mais o menino. Cheguei, eu tinha uns mafegado²⁵ de carnaúba, encostado, a casa não era essa, era acolá. Eu fui tinha forquilha, tinha tudo, fiz um jirau. Do tamanho que era a sala, fiz um jirau. Pra atrepar a bregueçada, que eu não podia carregar tudo”.²⁶

Através deste trecho percebe-se que Seu Chico construiu uma seqüência de possíveis saídas para enfrentar o tempo da enchente. Quando o filho lhe falou que o açude havia quebrado, ele deixou transparecer uma certa indignação, denotando que nem mesmo o trabalho daquele dia havia começado e que, portanto, seu dia estava perdido. Havia, naquele momento, uma preocupação mais importante que era enfrentar a cheia iminente. Seu Chico já sabia que era inevitável o abandono do lar. Citou a comunidade de Lagoa Vermelha, pois esta, por ser localizada num lugar mais afastado da margem do rio, bem no pé da chapada do Apodi, distante 28 km do centro de Jaguaruana, era naquele momento um refúgio a ser procurado.

Analisando a topografia do município a partir deste mapa, pode-se concluir que a cidade é um lugar predominantemente cercado por reservatórios d'água. Lagoas, açudes e braços do Rio Jaguaribe cortam o município fazendo com que as comunidades e o centro urbano sejam facilmente inundados durante os bons invernos. Para seu Chico, pensar a Lagoa Vermelha como saída deve-se a sua experiência como homem que passou por muitas cheias. Por ser uma comunidade de “pé-de-serra”²⁷, é uma localidade mais alta, onde as águas chegam, mas com dificuldade.

Seu Chico percebeu que tomar aquela decisão poderia acarretar outras perdas. A idéia que se tinha era de que, se houvesse uma enchente, esta seria devastadora; e como foi dito anteriormente, havia a idéia de fim do mundo. Ele decidiu ir pra casa e lá chegando fez um jirau pra atrepar a bregueçada. Naquela noite ainda saiu de casa.

²⁵ Madeira de carnaúba cortada em ripas e linhas para se fazer o madeiramento e telhado de casas.

²⁶ Francisco Luiz da Silva, entrevista realizada em 19 jun. 2004 .Jureminha, Jaguaruana – CE.

²⁷ “Pé-de-serra” – Comunidade localizada nas encostas das serras, normalmente lugar geograficamente mais alto,.

Foi na continuação da narrativa deste fato que a fala de Seu Chico Pequeno ganhou uma especificidade:

"Deixei a família em riba da barreira e ganhei o mato. Lá do retiro, no meio da noite. Fui numa casa, não arrumei, fui em outra encostada, arrumei. O dono da casa não estava. Tava as meninas, eram conhecidas.

- 'Não Seu Chico, vá buscar seu povo, pode ir, a casa cabe'.

Voltei pra buscar a bregueçada pra lá, na cabeça. Fumos. Cheguei lá, se arranchemos. A casa grande mas não tinha armador pra armar rede. Passou-se a noite assentado".²⁸

Ao ler este depoimento e ao tentar visualizá-lo, percebi algo de semelhante com uma outra narrativa, que da mesma forma é comovente e fala da migração e da necessidade de hospedagem. A fala de Chico Pequeno lembra o episódio do nascimento do Cristo narrado pelos evangelhos bíblicos, onde, no lugar distante, não havia hospedagem para a família refugiada que ficou numa estrebaria. Da mesma forma, Chico Pequeno e sua família somente obtiveram um lugar para ficar porque o dono da casa não estava. Quando este retornou, pediu que procurassem outro canto para ficar, afirmando que também, a qualquer momento, poderia se retirar.

"Quando foi mais tarde o véi chegou. Eu fui disse pra ele, era Chico também:

- Seu Chico, eu vim pedir pra passar uma noite, as meninas me deram. O senhor não leva a mal.

- Não senhor, eu só no diga que o senhor não fique aqui mais eu, porque eu não sei se até eu vou me arretirar, mas se eu soubesse que não saía de casa, o senhor ia ficar mais eu".²⁹

Talvez o narrador nem sequer tenha imaginado tal semelhança, mas sua história repete a narrativa bíblica evidenciando que estes relatos entram no cotidiano dos contos e "causos" das pessoas mais simples e

²⁸ Francisco Luiz da Silva, entrevista realizada em 19 jun. 2004. Jureminha, Jaguaruana – CE.

²⁹ Francisco Luiz da Silva, entrevista realizada em 19 jun. 2004. Jureminha, Jaguaruana – CE.

começam a fazer parte das suas vidas. É assim com as narrativas da seca, onde quem é indagado quase sempre repete as imagens do sofrimento, da migração, da chegada à cidade grande e do desejo de voltar para seu lugar de origem, se um dia voltar a chover, como canta Luiz Gonzaga em suas músicas ou Patativa do Assaré em seus poemas³⁰. Há uma resignificação de várias matrizes presentes na cultura que instrumentalizam estes homens e mulheres no ato de contar suas histórias. Conforme Olgaria Matos, o tempo da narração não dualiza lenda e mitos, não separa tradição oral e conceitual, o dizer do crer³¹. É nesta perspectiva que o texto bíblico empresta sua matriz à fala de Seu Chico. As histórias bíblicas são contadas e recontadas no universo do sertão e passam a pertencer à dimensão da experiência dos indivíduos. As lembranças do momento de sair de casa tornam-se fronteiras balizadas que se deslocam constantemente, apresentando para nós historiadores um jogo de temporalidades que nos desafia ao mesmo tempo em que nos dá condições de criar História através das memórias³². Seu Chico, no momento de sua fala, nada mais faz que viajar nos deslocamentos dessas fronteiras, fazendo com que a narrativa bíblica, naquele momento se torne experiência. Não obstante, a tônica do deslocamento permanece.

A casa que lhe deu abrigo, naquela noite, não pôde acolher sua família por muito tempo. No entanto, não se pode negar as ligações solidárias em tempos de enchente. Mesmo que por uma noite, Seu Chico conseguiu refúgio.

Em 1960 o retiro definitivo de Seu Chico e sua família foi numa fazenda, na serra da Pacatanha, município de Jaguaruana, a convite de uma senhora chamada Maria Abreu, que lhe propôs cuidar dos bichos dela. Segundo ele, foi assim que passou a “cheia do Orós”.

Em 1974, a experiência de Seu Chico assemelha-se mais a de outros homens e mulheres que também conheci durante esta pesquisa. Seu Avani, D. Eliza, D. Maria Sulina, assim como Seu Chico e sua família, retiraram-se de suas casas para áreas que ficavam no centro da cidade ou em lugares geograficamente mais altos, como foi o caso da serra da Pacatanha e o

³⁰ Cf. RIOS, Kênia Sousa. Op. Cit. p. 95

³¹ MATOS, Olgaria. O historiador e as fontes orais. S/d. p. 17

³² Cf. GROSSI, Y.S. & FERREIRA, A.C. Razão narrativa: significado e memória. *História oral*. São Paulo: ABHO. Vol 2, n° 4, p. 28, 2001

Bairro de Cardeais. Contudo, a partir dos relatos de Seu Chico, uma das saídas mais angustiantes foi durante a enchente de 1985:

Kamillo - “Como é que foi a saída em 85?”

Seu Chico – “85? Foi do mesmo jeito que em 74. Foi do mesmo jeito. Olha, eu morava ali, do canto daquela casa de taipa e a água começou a chegar e eu me agüentando, me agüentando, me agüentando, até que pela madrugada ela chegou. Agora, perto desta oiticica aí, tinha um alto que eu já tava com as coisas quase tudo neste alto. Fora. Já tava com quase tudo fora. Dali pra cá veio uma correnteza que quando ela entrou dentro da minha casa, quando ela entrou, dava água aqui, fora e dentro de casa ainda tava no seco. Dentro de casa no seco e fora pra gente chegar no portão já dava quase aqui, (Seu Chico aponta para sua cintura o que dá por volta de 1m de altura) um metro d’água. E as coisas quase tudo aqui. E aí, eu esperando por canoa, canoa, canoa. Eu digo, não vai dá certo não. Quando foi de manhãzinha, peguei um cavalete, botei n’água, isso aqui tudo coberto, coberto d’água tudinho. Botei o cavalete e disse:

- Vocês fique aí que eu vou atrás de uma canoa. Aí, saí. Fui encontrar uma canoa no beijo do campo grande. Do Antônio Salvador. Cheguei lá tava o véi pai dele.

- Seu João, cadê o Antônio?

- Tá pra fora. Tava pra cá.

- Seu João tô lá aperriado, tô com as coisas tudo fora e a água tomando de conta.

- É? Pois ele tá pra lá. Boto o cavalete pra trás, encontrei ele naquele portão que você passa ali. Encontrei com ele ali.

- Antônio, tô aperriado. Antônio a água ta cobrindo nós ali lá num altozim de nada.

- Pois rumbora já buscar. Foi só virou a canoa, cheguei lá buscamos as coisas”.³³

Assim como sua história, o comportamento de Chico foi “aperriado”. A fala trêmula e a falta de sossego na cadeira me fez pensar que o que estava diante de mim não era apenas um homem contando-me as suas

³³ Francisco Luiz da Silva, entrevista realizada em 12 jan. 2005. Jureminha, Jaguaruana – CE.

memórias, mas também a própria recordação se corporificando no ato da narrativa. Como nos diz Paul Thompson, quando atenta para as particularidades do enunciado a partir da voz humana, “faz o passado surgir no presente de maneira extraordinariamente imediata. As palavras podem ser emitidas de maneira idiossincrática, mas, por isso mesmo, são mais expressivas. Elas insuflam vida na história”.³⁴

Outra particularidade do trecho da fala de Seu Chico é que para o trabalhador rural a chuva sempre é um bom sinal, mesmo quando sorrateiramente os rios começam a encher e ameaçar a moradia das pessoas. Acompanha-se com cuidado o desenrolar da quadra invernososa, mas sair de casa é uma atitude semelhante a uma loteria. É difícil saber realmente quando as águas invadirão as residências, por isso, agüenta-se até o último momento. Saber se é hora de sair de casa ou não somente pela observação das chuvas é arriscado.

Diferente de 1960 e 1985, o ano de 1974 começou chovendo. O Jornal O Povo, 03 de janeiro de 1974 anunciava: “*O fim de semana foi de muita chuva no município de Iguatu e cidades vizinhas. É um prenúncio de um bom inverno para o corrente ano*”.³⁵ Não demorou muito para o tom das notícias mudarem. A coluna destinada aos municípios do interior que diariamente divulgava as chuvas em várias localidades, conclamando os agricultores a plantarem, vai aos poucos divulgando outros fatos: as destruições ocasionadas pelos aguaceiros e pelas pequenas enchentes. “Chuvas na Zona Norte interditam BR -222”³⁶ ou “*Rio Curu carrega ponte*”.³⁷ No final do mês de janeiro, as notícias já descreviam cidades isoladas, adutoras rompidas e estradas cortadas³⁸ por causa das enchentes que se romperam em todo o estado.

O Jornal O Povo de 31 de janeiro de 1974 trás a seguinte matéria: “*Enchente do Rio Acaraú isola as cidades de Marco e Bela Cruz*”. A notícia descreve a situação dos municípios, falando de como as populações foram pegas de surpresa e como o nível do rio aumentou consideravelmente.

³⁴ THOMPSON, Paul. *A voz do Passado: História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 41.

³⁵ Jornal O Povo, 03 jan. 1974. *Municípios*, p. 12.

³⁶ Jornal O Povo, 18 jan. 1974. *Primeira página*, p. 01.

³⁷ Jornal O Povo, 19 jan. 1974. *Primeira página*, p. 01, 12.

³⁸ O Povo, 31 jan. 1974 p.13, Coluna Municípios.

No Vale do Jaguaribe não foi diferente. Segundo dados coletados no site da Funceme, em Janeiro de 1974, somente no centro de Jaguaruana choveu 312mm. Se forem somados os outros volumes registrados nos postos de DNOCS, Borges e Giqui, que são distritos da cidade, chegamos a um total de 1.024mm. Esta marca só é semelhante ao ano de 2004, quando somente em Janeiro, as precipitações somaram 1.110mm³⁹. Em 1974, quando a cidade de Jaguaruana foi pela primeira vez citada pelo referido jornal, a notícia é uma matéria de capa que diz “Calamidade pública a qualquer momento pra Jaguaruana, Itaiçaba e Aracati”.⁴⁰ No corpo da matéria, a defesa civil do Estado do Ceará já contabilizava um número de 1.214 famílias desabrigadas na cidade de Jaguaruana.

Seu Avani me contou o momento de sua saída em 1974:

“Quando foi em abril de 74 aí, falando bem matuto, nos tava de molho morrendo afogado. Aí não foi brincadeira não, foi água, era tanta água que era como se parece que vinha de barco, jorrando, cobriu a cidade toda”. [...] “Fomos lá pro dito posto de gasolina que tinha aquelas casonas. Em 74, nos arranchemos lá e lá ficamos por muito tempo”.⁴¹

Em 1974 Seu Avani já estava casado e tinha filhos, era um pai de família com muitas responsabilidades, diferente do moço, sem maiores compromissos que enfrentou a cheia de 1960. Suas memórias são organizadas a partir dessas referências, pois mesmo falado muito de 1960, afirma que calamidade só viu mesmo em 1974, pois em 1960 ainda se considerava um menino.

Já as temporalidades expostas pela memória de D. Eliza são mais organizadas pelo trabalho e pela relação com o campo. Diante da seguinte indagação, ela assim me respondeu:

³⁹ Informações retiradas do site: www.funceme.br que tem catalogado e disponível através de *links* as pluviometrias de todo Ceará a partir de 1971.

⁴⁰ Jornal O Povo, 20 mar. 1974. *Primeira página*, p. 01, 12.

⁴¹ Antônio Avani de Almeida, entrevista realizada em 09 jul. 2004, Jaguaruana, bairro alto.

Kamilo – “A Sra. nunca saiu de casa a não ser em época de enchente”?

D. Eliza – “Época de enchente, a não ser. Uma festa de Santana eu passo em casa, tá com trinta e tantos anos que eu não vou uma festa de Santana”.⁴²

Para D. Eliza o depoimento sobre o deslocamento foi ainda mais traumático, pois os exemplos que suas memórias ofereceram como marcos foram a doença do filho mais novo, a dor de deixar a casa, o medo de roubos e o cotidiano dos abarracamentos, descrito por ela como algo sombrio. A enchente em Jaguaruana organizou a memória de pessoas diferentes de diferentes maneiras. D. Eliza lembrou o momento da saída do seguinte modo:

“Quando chegou a água por aqui nessa região, foi uma aflição só. Eu dentro de casa, com esse dois menino. Um menino e uma menina. Esse era recém-nascido, nera. Aí foi eu disse pro véi:

- Home tu num tá vendo que a água tava ali pra lá daquela cerca, ontem. Hoje já tá aí. Vai arrumar uma canoa pra gente se arretirar daqui.

– Não, não tem perigo não.

Hum, só sendo. Começou uma chuva assim da mei dia pra tarde, quando foi assim, umas cinco horas, você pode me acreditar, a água tava no beijo do batente, desse batente aí, pra entrar dentro de casa. Aí foi o homem se arrumou e sai em busca duma canoa. E haja chuva, haja chuva, e eu já aflita, que o home num chegava. Ele chegou com a canoa assim umas nove horas da noite. A água já tinha passado por cima do parapeito. Veloz, viu. Foi uma enchente veloz. Eu nunca tinha passado uma experiência com água desse jeito. Nem o Orós, viu, nem o Orós.”⁴³

⁴² Francisca Eliza da Silva, 59 anos, nascida em 15 mar. 1945. Entrevista realizada na comunidade de Jureminha, interior de Jaguaruana – CE no dia 24 jul. 2004. Resolvi ouvir esta senhora devido aos comentários em que a mesma se mostrava uma grande contadora de histórias. Agricultora aposentada, ainda hoje planta e trabalha com a terra. Neste trecho, Santana a quem D. Eliza se refere é a santa padroeira da cidade de Jaguaruana. A festa da padroeira acontece sempre no último final de semana de julho.

⁴³ Francisca Eliza da Silva. Entrevista realizada em 24 jul. 2004. Jureminha, Jaguaruana, Ce.

D. Eliza relata sua saída em 1974 falando da dificuldade imposta pelo fenômeno da enchente. Pode-se imaginar o quanto é difícil abandonar a casa no meio da noite, às pressas, sem nenhuma perspectiva de retorno. Para ela, sair de casa era uma questão de tempo, pois a exemplo de muitos outros, a casa de D. Eliza fica perto de um braço do Rio Campo Grande, afluente do Jaguaribe, que corta a cidade de Jaguaruana nas imediações destas comunidades que visitei, onde também mora Seu Chico Pequeno.⁴⁴

As experiências de D. Lourdes e Seu Ferreira não são muito diferentes dos outros depoentes. O interessante na fala de D. Lourdes é o lugar que a fé em Deus assume em seu discurso. No momento em que alguns afirmavam que sua casa iria cair por conta das inundações, ela confiou em Deus e colocou uma medalha milagrosa na porta da casa, afirmando que aquela medalha seguraria sua casa, que de fato, não caiu.

Por se tratar de um trabalho com memórias, reitero a prerrogativa que me guia por entre as narrativas dos entrevistados: estudar tais relatos significa visitar várias temporalidades. Isso é o que me autoriza utilizar diversas marcas temporais que podem parecer desordenadas para olhos não treinados no limo das lembranças, mas que, ao contrário, apontam o ambiente caótico no qual a memória se inscreve. Daí estarmos sempre falando de tempos não seqüenciais, no que diz respeito à cronologia, mas, tempos da memória, que respeitam à experiência, por isso, estamos visitando constantemente 1960, 1974 e 1985.

Para D. Lourdes a saída, em 1960, foi inevitável. O clima de tensão ocasionado pelas notícias do Orós era, no caso dela, mais específico, afinal, uma das pessoas que transmitiam notícias à população era seu esposo. Seu Toinho Alexandre era radialista da cidade e falava à população através de um serviço de som (radiadora) colocada em uma carnaúba alta, localizada no centro da cidade. É provável, que, ao contrário da maioria, D. Lourdes já estivesse acostumada com as notícias do Orós que eram veiculadas por seu próprio marido.

⁴⁴ A Jureminha é uma das inúmeras comunidades ribeirinhas da cidade de Jaguaruana. A convivência com as águas é uma constante, pois só falta água nesses lugares em períodos de seca extrema. Os relatos de quem mora nas proximidades de braço de rio, lagoas e açudes são portanto, recheados de histórias de quando o rio encheu e invadiu as casas.

A tensão da saída só foi compensada pelo retorno, onde encontrou sua casa de pé, como deixara, segundo ela, por causa da medalha.

Seu Ferreira relata sua saída em 1960 junto com sua mãe, em busca da serra. Foi prevenido pelos boletins soltos pelos aviões e pela observação da natureza, pois segundo conta, foi a sua interação com o rio que o alertou para abandonar sua casa. O fim do trecho de sua fala oferece um episódio que provoca risos em nós dois, mas ao mesmo tempo, choca pela rapidez dos acontecimentos.

“Aí 60 quando foi que saiu na rádio, havia as notícias do Orós, de que bateu o chuva, aqui que começou os aguaceiros no meio do mundo e os aviões soltando aqueles boletins e nois morava numa casa que nem nossa não era. Um alto que era uma coisa medonha. Ai eu fui e disse pra mamãe, papai nem ai não tava:

- Mamãe, sabe de uma coisa, vamos se arretirar daqui porque você tá vendo a água daquele jeito, no meio das vagens daquele jeito, num tá enchendo não, tá correndo.

Ai ela disse:

- Meu filho não vem água aqui não, numa altura dessa.

Eu digo:

- Não, mas ninguém se confia e você vendo que boletim é soltando aqui direto, você tá vendo.

Ai eu falei:

- Você não tem um cunhado lá em cima da serra, mas será possível que chegando lá ele não dê a sombra a nois, lá.

Ela disse:

- É, dá.

Arranjei um jumento, botamos as coisas dentro dos cassoá, um doente, um aleijado. Eu fui. Enquanto eu fui a subida da serra e voltei pra levar o jumento que eu não tinha levado, quando eu cheguei a água já tinha levado. Em 60. Tinha aqueles fogão à lenha. Tinha uma galinha deitada, ela deixou em cima. Ela disse:

- Quando você for e voltar, você venha e olhe a minha galinha de que jeito tá e leve pra casa do compadre Chico que era o irmão dela.

Quando eu cheguei, a galinha tava atrepada numa meia parede que nem essa aí e a baciazinha com os ovos tava boiando n'água. Em 60, viu (risos)⁴⁵

Falar sobre sair de casa em tempos de enchente é bastante difícil, principalmente se encarmos as memórias como um espaço de recordação onde o ato de recordar muito intimamente se relaciona com o ato de reviver e de esquecer. Como nos diz Benjamin, a narrativa não se entrega⁴⁶ e, portanto, não está ali para ser explicada. Se fosse necessário justificar o ato de sair de casa quando o rio revolta-se e inunda as casas no campo e na cidade, não sei se faria melhor que Seu Chico que disse que quando a água vem mesmo, “não tem jeito, o jeito que tem é sair”.

⁴⁵ Antônio Araújo da Silva, Seu Ferreira, nascido em 29 de julho de 1940, tem 64 anos, é agricultor, pai, casado e pai de 6 filhos. Procurei Seu Ferreira porque ele havia sido me indicado como o morador mais antigo do bairro. Mora atualmente com esposa e filhos, na comunidade de Capoeira, lugar que foi escolhido para instalar as barracas durante as enchentes de 1974 e 1985. Entrevista realizada no dia 23 mar. 2004, em Jaguaruana, Ce.

⁴⁶ Cf. BENJAMIN, Walter. Op. cit. p 217

1.2. – “A Casa dos Outros” – Lugares de Abrigo durante a enchente.

*“Onde é casa, é tapera! O importante
foi nós ter escapado”.
Chico Pequeno*

Os acontecimentos ocorridos no período de enchente seguem uma certa lógica no que diz respeito à resolução de problemas mais imediatos, como é, por exemplo, a chegada das águas. No entanto, como foi falado no tópico anterior, algumas pessoas insistiam em não se retirar, suportando as enxurradas o máximo possível, como relatou Seu Chico Pequeno. Segundo ele, “em 74 deu umas chuvinhas, mas a gente se agüentando, se agüentando. Ninguém esperava que houvesse cheia não, viu?⁴⁷”. Quando isso não é mais possível, vem o momento da retirada. Como foi visto, este, marca de forma peculiar as memórias das pessoas que vivenciaram tal fato. Não obstante, os problemas não terminam por aí. Na verdade, eles só começam. Ao sair de casa, um outro momento decisivo dos períodos de cheia aparece. Surge a indagação: para onde ir? Onde ficar?

Em tempos de enchente, quem tem este tipo de problema? No caso das cheias estudadas – 1960, 1974 e 1985 – é quase impossível responder tal questão com maior objetividade. É que as populações ribeirinhas, moradores da zona rural da cidade, cujas casas ficavam perto do leito do rio e moradores da periferia da cidade, onde ficam córregos e lagoas são as mais afetadas. Nestes lugares as águas chegam mais rapidamente e é necessária a mudança.

As memórias sobre os lugares de abrigo são tão fluidas quanto as lembranças dos momentos de saída e chegada em casa.

D. Eliza relembra do lugar de abrigo em que ficou através do cruzamento de várias histórias. Ela, que durante a entrevista, fez questão de

⁴⁷ Francisco Luiz da Silva, entrevista realizada em 19 jun. 2004. Jureminha. Jaguaruana - Ce

esclarecer que não deixa sua morada por nada e que somente havia saído de casa durante período de cheia, falou dos momentos de angústia vividos nos abarracamentos organizados pela Defesa Civil do Estado, no bairro dos Cardeais.

“Aí tiremos e fumos pros Cardeais. Lá fumos para umas barraquinhas que tinha de lona, tudo emendada umas com as outras. Tinha aquele pessoal da lagoa. De noite ninguém dormia, com brigadeira deles. Atiravam. Batia macumba, todos bêbados. Era uma confusão. Passavam nas barracas. A gente tinha tanto medo deles passar nas barracas, né. Eles passavam dizendo coisas. Um dia, eu já tava que não me agüentava, tava com um menino muito doente, aí eu abri um pouquinho da barraca pra ver se corria um vento pra dentro. Aí eu tava assim fumando, aí passou um sujeitão bebo, ali da banda da lagoa e disse:

- Hei tia, ô fumaçada boa pra eu te derrubar com bala.

Aí mais depressa baixei a lona, entrei pra debaixo da barraca e fiquei lá. Ah meu Deus, uma situação dessa. Mas não tinha pra onde partir, né”⁴⁸.

O espaço dividido com o outro é um dos motivos que faz com que o cotidiano das famílias retiradas seja constantemente reinventado. A fala de D.Eliza mostra como ela via o abarracamento em que ficou retirada. Mesmo sendo seu único abrigo, em momento nenhum demonstrou algum sentimento de tranquilidade em relação ao lugar. Seu discurso é marcado pela angústia da saída e pela insatisfação com o lugar de retiro. A memória do que foi vivido por ela no período em que esteve nos abarracamentos permanece viva, sendo suficiente para que ela construa um discurso desta natureza.

“Olha, não troco a minha morada por nada. Nasci e me criei aqui, meu pai nunca saiu do setor onde ele morava, porque ele dizia que

⁴⁸ Francisca Eliza da Silva. Entrevista realizada no dia 24 jul. 2004. Jureminha, Jaguaruana – CE.

tinha medo de sair e as dificuldades são muitas e a gente procurando o cantinho da gente é melhor”.⁴⁹

Segundo os relatos dos entrevistados, fica clara a diferença entre ficar retirado em barracas de lona que ficavam no meio do mato ou nos lugares de refúgio do centro da cidade e outros lugares de abrigo, como, por exemplo, casas de parentes.

Seu Avani, mesmo não tendo ficado nos abarracamentos, contou-me como eram essas barracas e como funcionavam. Segundo ele, sempre gostou de saber das coisas, parar e observar o que acontece, “não pra sair contaminando igual ao mosquito da dengue, mas pra entender como as coisas funcionam”.

“Ali em cima da avenida botaram muitas, muitas barracas. Naquela pracinha ali onde tem a estátua do Chico Jaguaribe. Foi feito um fileira do lado, uma fileira do outro lado, de barracas assim talvez umas 20, 10 de um lado, 10 do outro. Em cima da igreja, da calçada da igreja, tinha duas no patamar da igreja, duas, em cima do patamar da igreja as barracas preparadas de lona que ficavam assim idêntica a uma casinha assim bem dizer, com a croinha, a pessoa ficava dentro, dava pra escapar, passar a chuva”⁵⁰.

A praça citada por Avani fica no centro da cidade, em frente a igreja matriz. Sua forma de ver o abarracamento pode ser vislumbrada como um olhar de fora. Ele e sua família, quando precisou de retiro, não ficou numa barraca.

As casinhas de lona foram refúgios de muitas pessoas. Segundo o Jornal O Povo de 22 de abril de 1974, Jaguaruana chegaria ao fim do mês de abril com um número superior a 3.000 desabrigados⁵¹. O que significa esta cifra de desabrigados para uma cidade tão pequena e com infra-estrutura precária? A cidade mal tinha iluminação elétrica e passava por sérias restrições na área

⁴⁹ Francisca Eliza da Silva. Entrevista realizada em Jureminha, Jaguaruana – CE no dia 24 jul. 2004.

⁵⁰ Antonio Avani de Almeida Entrevista realizada em 06 jan. 2005. Bairro Alto, Jaguaruana – Ce.

⁵¹ Jornal O Povo. 22 Abr 1974. p. 10.

da saúde, devido a enchente. A partir dos relatos, pode-se dizer que a maioria das casas da periferia eram feitas de taipa revestida (casa coberta de telha de alvenaria e paredes de madeira, revestida com barro) estas caíram com as inundações, gerando logo uma grande cifra de desabrigados.

Os primeiros destinos sempre foram as casas de parentes, amigos, e até mesmo desconhecidos, residências que porventura estivessem fechadas durante o período da enchente, grupos escolares e a Igreja Matriz da cidade.

“Dentro da igreja ficou lotada. Foi desativada a igreja, homem. Ficou lotada, lotada. Eu lembro uma pessoa armou uma rede sabe como ficou ali, o altar de Nossa Senhora das Graças, uma pessoa pegou assim um pau, botou calcando assim o altar por dentro em cima do altar, por dentro, assim como diz o matuto, mesmo assim raspando a santa. É ali onde nós chamamos a mesa da comunhão, ali o cabra armou uns pauzinhos ali debaixo e armou uma rede”.⁵²

Contudo, muitos foram aqueles que ficaram em abarracamentos. Este trecho da fala de Avanir encontra uma ressonância nas matérias de jornais da época que destacava que em Jaguaruana, até as igrejas serviam de locais de abrigo⁵³. Seu Chico ao narrar sobre seu lugar de abrigo durante a enchente de 1974, também contou o episódio da morte de sua mãe:

“Quando foi na cheia de 74, quando a água encostou e eu me retirei. Quando eu saí, ela já velha (sua mãe), não tinha saúde. Ela foi disse:

- Meu fi, eu vou mais não volto. Ela disse pra mim.

- Que é mamãe? Seja o que Deus quiser. Mas nós tem que se retirar, procurar um canto alto.

Aí peguei a canoa e embarcamos, fomos bater no matinho. Na casa do veio Quinco Batista. Aí, a cheia alteando, alteando e ela

⁵² Antonio Avani de Almeida. Entrevista realizada em 06 jan. 2005. Bairro Alto, Jaguaruana – Ce.

⁵³ Jornal O Povo 27 mar. 1974. A matéria de capa que tem como título “*Calamidade Pública em Vários Municípios*”, fala que as cidades de Aracati, Itaigaba e Jaguaruana decretaram o estado de calamidade pública, e que em Jaguaruana, as igrejas serviam como locais de hospedagem.

doente, ela doente. Fiquei lá até que eu pude me mudar pros Cardeais. Cheguei lá arrumei uma casa. Casa até da véia minha sogra. Arrumei a casa, eu digo:

- Agora tá bom!”⁵⁴

A casa da sogra foi para Chico Pequeno um retiro seguro. Localizada na comunidade de Cardeais, num lugar alto aonde água não ia, as dificuldades eram menores comparadas à situação das comunidades localizadas na zona rural. A comunidade que é cortada pela rodovia estadual que liga Jaguaruana a outros municípios, fica apenas 3km distante do centro da cidade e por isso é até considerada como zona urbana e porta de entrada da urbe.

A maior dificuldade para se chegar à cidade em 1974 se deu no momento em que a ponte que liga as ruas principais à estrada quebrou, sendo necessário o uso de canoas para se completar o percurso. Mesmo assim, Cardeais era um ponto privilegiado e conseqüentemente tornou-se o lugar escolhido pela Defesa Civil para se instalar as barracas de lona que abrigaram famílias retiradas de áreas de risco. Esta mesma iniciativa se repetiu durante os anos de 1960 e 1985.

Inevitavelmente, enquanto penso sobre o processo de mudança e saída de casa durante a enchente, imagens da seca sobrevivem à minha memória. Assumir chamar os desalojados por conta da enchente de retirantes subtende uma responsabilidade que se deve ter com a significância que o termo adquiriu ao longo dos tempos. Os deslocamentos em tempos de cheia são momentâneos e internos; como já foi dito, busca-se vizinhos, casas de parentes e amigos, abrigos públicos. A saída por conta da seca reinventa, de fato, uma saga, uma odisséia, cuja maior companhia dos dias seguintes é a incerteza.

No que tange a lugares de abrigo, as diferenças são muitas. Em tempos secos, quando as famílias são obrigadas a abandonar suas terras, busca-se quase sempre um lugar distante e de referência como as capitais e cidades grandes. É comum ver nestas cidades, periferias inchadas por migrantes que procuram melhores condições de vida. Mais comum é ver o

⁵⁴ Francisco Luiz da Silva, entrevista realizada em 12 jan. 2005. Jureminha, Jaguaruana – CE.

primeiro membro da família que saiu de casa e se estabeleceu num grande centro, receber outros parentes ao longo dos anos. A carga simbólica das duas fugas – a fuga da seca e a fuga da cheia – se difere, em perspectiva, no tempo e no espaço. Nos dois momentos se vive a demora dos dias, a perda dos bens, a dor da saída e o castigo da incerteza, mas de formas diferentes.

Sobre o funcionamento dos lugares de abrigo e dos abarracamentos, Avanir foi quem melhor me falou. Depois de me contar a experiência de ficar retirado com sua família embaixo de um cajueiro na comunidade de Pasta no ano de 1960, ele me falou das experiências de 1974 e 1985 com uma riqueza de detalhes própria do narrador “com incrível facilidade de se mover para cima e para baixo nos degraus de sua experiência, como se fosse numa escada”.⁵⁵

“Fui lá pro posto de gasolina que tinha aquelas casonas. Em 74, nós nos arranchemos lá e lá ficamos por muito tempo. Ali eram uns armazém grande e depois o Dedé desmanchou pra fazer aqueles negócio do posto. Aquele posto ali antes era só casa de uma rua a outra, você conhece ali, né?, Pois é, ali era só armazém de uma rua a outra.

Aí, o Rochinha, mandou em 74, falou com o Benévolo, que ele já morava em Fortaleza o seu Rochinha, mandou tirar as coisas do armazém todinho e botar só num galpão grande que tinha. Aí o Benévolo mandou fazer o galpão e guardou todo o material lá e entregou o armazém para o povo e lá ficou 60 famílias. Eram 60 famílias contadas. Lá a situação, o almoço ou a janta era igual a esses encontro de pessoas: ninguém sabia de quem era panela, de quem era prato, ninguém sabia quem tava naquela mesa almoçando ou jantando, ninguém via ninguém sentado em banco ou cadeira, que não tinha local. Era pessoas sentadas no chão, pessoas sentadas em cima de pano com prato em cima. Prato, panela, cumê

⁵⁵ Cf. BENJAMIN, Walter. BENJAMIN, Walter. O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In. *Obras Escolhidas*. Magia e técnica, arte e política. Brasiliense: Rio de Janeiro, 1976. p 215.

pelo chão, fogos por todos os lados, fogão a lenha, o que era parede era tudo preta, tudo triturado. Era assim uma misturada”.⁵⁶

A história contada por Seu Avani sobre o ano de 1974 mostra como a sua memória viaja por diversos significados que a enchente adquiriu no momento que esta aconteceu. Certa vez, quando o indaguei sobre o clima de uma cheia ele me respondeu:

“É o seguinte, a retirada da cheia, para aqueles que já sabem o que é no linguajar matuto, uma tormenta, se vê assim angustiado para uma saída de cheia. Deixa a casa porque vai ser retirado por uma cheia, mas para aqueles, aquelas pessoas de que todo jeito tá bom, tá bem, pessoas que até batem palma com o movimento, você sabe que tem quem bata palma para própria calamidade? Pessoas que acham que tá bom a coisa? Então é o seguinte, hoje pra mim mudar de cheia, com esses meus netos, que nenhum ainda viu cheia, de 14 anos, a 8 netos que eu tenho, nenhum viu cheia não sabe nem como é, só vê água se for no rio. O Rio Jaguaribe você sabe que é um rio seco, só se vê água se for lá, quer dizer que pra eles pode ser muito bom, mas pra nós... Você vê, você mora dentro de uma casinha empresadinha, vamos dizer, que uma família em torno de 8, 10, 15 pessoas dentro daquela casa, tá tudo muito bem. Com almoço ou sem almoço, com janta ou sem merenda, tá tudo bem. Mas para você se mudar pra realmente lá onde tá, vai viver de recursos angariados, doação, quer dizer, só tem uma palavra a não ser uma: calamidade”.⁵⁷

O conhecimento adquirido após tantas cheias o autoriza a pensar deste jeito. As diferenças nas suas narrativas são marcadas pela própria vivência e pelas condições de vida que a memória recupera nos momentos específicos. Avani me conta a cheia de 1960 com denotada jocosidade, falando de sua saída de casa e das notícias desesperadoras que chegavam na cidade de várias formas – por exemplo, através de um rádio amador que existia na

⁵⁶ Antonio Avani de Almeida. Entrevista realizada em 09 jul. 2004. Bairro Alto, Jaguaruana – Ce.

⁵⁷ Antonio Avani de Almeida. Entrevista realizada em 06 jan. 2005. Bairro Alto, Jaguaruana – Ce.

cidade, da radiadora da paróquia, dos caminhoneiros e dos boletins soltos pelos aviões, avisando o possível rompimento do açude Orós. Segundo Cicinato Ferreira Neto (2003) apud Lauro Oliveira Lima (1997), um dos papeluchos dizia o seguinte:

“Atenção, atenção, povo Jaguaribano! O Governo do Estado determina o afastamento imediato de todos os moradores das cidades de Aracati, Itaiçaba, Jaguaruana, Jaguaribara, Russas, São João do Jaguaribe, Limoeiro do Norte, Jaguaribe, Castanhão e Icó.

Com o rompimento da barragem do Orós, todas as pessoas residentes nestas localidades estão com suas vidas em GRANDE PERIGO, POIS SERÃO LEVADAS PELAS ÁGUAS! Procurem os pontos altos, as serras, os morros, IMEDIATAMENTE! Abandonem suas casas! Fuja logo, senão você morre! É ordem das autoridades!”⁵⁸

O clima ocasionado por estas notícias, para alguns parecia cenário de um filme fantástico. Seu Avanir tinha apenas 13 anos em 1960. Vivia em uma situação muito parecida com a de seus netos na atualidade. As notícias que chegavam por toda parte, por mais ameaçadoras que fossem, não eram vistas pelas crianças da mesma forma que pelos adultos. O que Avani quis dizer talvez foi que 1960 a responsabilidade em retirar-se e arrumar um local de abrigo não era dele, diferente das cheias posteriores, como em 1974 e 1985, onde já assumia outras responsabilidades. Por exemplo, em 1974, ele já era casado, tinha filhos, entre os quais um era criança recém-nascida:

“Eu era casado assim de pouco tempo, e esse meu filho que hoje tem 30 anos, o Bismarck tinha nascido em 73 em novembro, era bem novinho tava doentinho, a minha atenção era mais voltada para ele, pra tomar de conta dele, pra ter comer, pelejando e tal”.⁵⁹

⁵⁸ LIMA, Lauro de Oliveira. Apud. FERREIRA NETO, Cicinato. *Estudos de História Jaguaribana*. Documentos, notas e ensaios diversos para a história do médio e Baixo Jaguaribe. Fortaleza: Prêmios, 2003. p. 497.

⁵⁹ Antonio Avani de Almeida. Entrevista realizada em 09 jul. 2004. Bairro Alto, Jaguaruana – Ce.

A forma de contar a enchente mudou assim como a maneira de ver o fenômeno e os problemas enfrentados. Daí por diante, sua fala vai ser centrada na dificuldade que seria hoje se retirar em virtude de uma enchente. O presente de Avani dialoga com seu passado fazendo com que sua narrativa assuma uma postura de ensinamento⁶⁰. Sua fala denuncia a partir de suas vivências pessoais, como seria sair de casa, ficar num local de abrigo e retornar de uma enchente nos dias de hoje.

Na visão de Avani, o funcionamento dos abarracamentos era precário, só podendo esperar por duas coisas: ajudas do governo e as águas baixarem. Talvez por sua memória ter sido marcada também pela doença do filho, Avani se lembra de um fato ligado a situação da saúde dos retirados.

“Eu lembro até um dia que levaram uma pessoa para consultar não sei aonde. Levaram numa rede duas pessoas, agora não sei aonde foi, onde era que ia consultar. Não sei se era no hospital, naquele tempo era muito limitado o hospital, se tinha o hospital, não tinha? Em 74. Tinha. Porque o hospital vem de 71 pra cá! 70, 71. Embora que tinha só o começo mas tinha. Eu lembro que foi uma tardinha, num dia de sábado. Saíram duas pessoas com uma pessoa dentro de uma rede, pra ou pra colocar num carro ou pra levar pra algum canto porque a pessoa não tinha como ir, não tinha um meio não tinha um transporte, não tinha nada, levaram na rede. 74 isso aí, saindo a pessoa lá saindo de uns galpões que hoje é a escola vovô Pontes, Pontes Barbosa”.⁶¹

As pessoas que ficaram abrigadas em prédios públicos foram inúmeras, sendo difícil estimar um número exato de famílias. Entretanto, a partir de relatos e de consultas feitas aos administradores destes locais, chegamos aos seguintes números: na Igreja Matriz ficaram retiradas cerca de 140 pessoas; na Escola Correia Lima, abrigaram-se mais de 100 famílias, nos

⁶⁰ Cf. BENJAMIN, Walter. Op.cit. p. 200.

⁶¹ Antonio Avani de Almeida. Entrevista realizada em 09 jul. 2004. Bairro Alto, Jaguaruana – Ce.

Armazéns do DNOCS ficaram 70 pessoas, nos antigos galpões onde hoje fica o posto B. Gomes Diniz ficaram 60 famílias⁶².

Um aspecto interessante da fala de Avani é a admiração expressa ao falar de algumas pessoas que ele viu nos lugares de abrigo:

“A gente se encontrava com pessoas que ninguém nem esperava. Pessoas assim, mais ou menos que tinham uma vida, ninguém esperava de encontrar naquela situação, misturado uns com os outros”.⁶³

Encontrou pessoas que considerava ter boas condições financeiras. Mas, essas pessoas tiveram também suas casas atingidas pelas águas. Sua fala é uma tentativa de dizer que a enchente muda não só a paisagem, mas também afeta a vida de todos e, em certo sentido, os torna semelhantes. Em suas próprias palavras, “quem tinha algum recurso se arremediava por ali, ia até pra Fortaleza, né, mas isso também não deixa de ser uma mudança, né? Pega todo mundo, pega todo mundo”.⁶⁴ É certo que alguns mais ricos saíram da cidade. O interessante é perceber que tal afirmativa inverte a lógica do ato de retirar-se em períodos de seca: durante a estiagem, são os pobres que se mudam, são as pessoas despossuídos que abandonam a cidade.

Uma outra faceta das pessoas que tinham uma melhor situação financeira ou aquelas que não tinham suas casas atingidas pelas águas era a de abrigar. Como já foi dito, homens e mulheres que residiam em comunidades interioranas se deslocavam para a casa de parentes e amigos no centro da cidade. Era a “vontade de ajudar”, a solidariedade ou a necessidade que faziam com que as portas fossem abertas para abrigar, até pessoas estranhas ao convívio daquelas famílias. Neste caso específico, sirvo-me de três relatos

⁶² Os números apresentados são observações feitas pelos próprios entrevistados no âmbito da pesquisa. No que diz respeito ao lugar em que ficaram abrigados, eles são precisos em afirmar a quantidade de pessoas que ficam em um mesmo lugar. Quanto a outros abrigos, vagas são as lembranças, mas muitas são as previsões. Neste caso, que melhor me ilustrou o ambiente de escolas, galpões e abarracamentos foi Avani, que costumava sair pela cidade a observar os retirados.

⁶³ Antonio Avani de Almeida. Entrevista realizada em 09 jul. 2004. Bairro Alto, Jaguaruana – Ce.

⁶⁴ Antonio Avani de Almeida. Id Ibidem.

de pessoas que ao invés de se retirarem, abrigaram ou foram responsáveis por este processo. D. Maria Rebouças, conhecida por D. Cota, a quem visitei por duas vezes, Francisco Firmino Neto, que mesmo falando muito pouco, me ajudou a compreender melhor este lado do processo e o Mons. Raimundo de Sales Façanha, o Pe. Ducéu, que na época, além de vigário da paróquia, era Secretário da Educação do Município e ajudou na liberação da Igreja e dos grupos escolares no intuito de servirem como abrigo.

Fui procurar D. Cota com o intuito de saber algo sobre a construção da Vila do padre. Ela foi indicada por ser uma das moradoras mais antigas da região dos Cardeais, lugar onde esta mesma vila foi construída, que por coincidência, ou não, fica localizada no quintal de sua casa. No entanto, ao invés de encontrar uma pessoa que poderia ser referência no que diz respeito à memória do bairro, encontrei uma pessoa preocupada com outras coisas. A fala de D. Cota pouco tocou no assunto da enchente, voltava-se mais para o tema familiar, pessoas dos mais diversos parentescos, uns vivos, outros já mortos. D. Cota se queixa da falta de pessoas pra pedir a bênção! Ela quis transmitir que antes de tudo tinha uma história, algo para ser contado e que, para ela, aquilo era mais importante que a construção de uma Vila e por isso era o que deveria ficar registrado - com muita atenção é possível até remontar sua terceira geração através da entrevista.

Solteira, se diz uma "vitalina"⁶⁵. D. Cota nunca trabalhou fora de casa, nem mesmo na agricultura. Seu trabalho sempre foi o doméstico. "Desde os quatro anos eu já ajudava a mamãe". Hoje, com 83 anos, mesmo enfrentando a relutância da sobrinha, baseado em um problema de saúde que se abateu sobre uma de suas pernas, D. Cota ainda varre o terreiro de casa e ajuda nos afazeres domésticos.

É no momento que fala dos trabalhos de casa, ou seja, algo que explicita grande parte de sua vida, que D. Cota se remete ao tema da enchente. No que diz respeito à enchente de 1974, seus relatos se concentram nos momentos onde sua casa recebeu retirantes. Sua mãe ainda era viva e em época de enchente a casa ficava cheia, remontando o ambiente familiar tanto falado por ela:

⁶⁵ Vitalina: Moça velha, popularmente conhecida como aquela que ficou para tia; não casou, não tem filhos.

“Ah, aqui ficou meus irmãos, o Tadeu ainda morava aqui, meus sobrinhos, esse filho do Monardo foi retirado aqui. O Mundim Bengala passou a cheia todinha com a família, o compadre Moreira que entrou água na casa dele, teve muita gente aqui. A água veio aqui pra cá daquela primeira carnaúba, mas aqui nunca. Nem em 24 veio água até aqui. Em 24 que foi a maior cheia que houve não veio aqui. Aqui é alto não vem cheia não. Aqui, no Julio Rocha, não vem água também não. Outras casas mais velhas que essa aqui nossa também não entrou não, que essa aqui foi feita em 24 e igual a casa do Julio Rocha e a do Zé Benedito já era rancho para o povo durante a cheia. Aqui nunca faltou gente não”.⁶⁶

Em suas lembranças sobre como era o ambiente de sua casa no momento em que abrigava tantas pessoas, D. Cota expõe o problema do espaço, mesmo sendo sua casa muito grande, com muitos ambientes, diversos quartos e salas, lembrando até aqueles casarões do período colonial. Ela me disse que em determinado momento, seus “hóspedes” dormiram no chão porque não tinha nem onde armar as redes⁶⁷. Este trecho das lembranças de D. Cota apresentou um aspecto importante do ambiente da enchente trazido pela memória: a falta de espaço. Seus visitantes dormiam no chão porque não havia lugar para armar rede? Sua casa é muito grande. Isto me fez pensar que na época a casa era pequena e não apresentava as condições atuais ou então seriam muitos os retirados. No entanto, pareceu-me mais plausível ouvir o pensamento de Seu Avani que precisou se retirar e se abrigar várias vezes com sua família por causa de enchentes. Ele me disse que “em época de cheia tudo fica pequeno”.⁶⁸

Esta situação é absolutamente nova para qualquer família. Receber pessoas em sua casa repentinamente significa a criação de um outro cotidiano. Isso tanto serve para D. Cota que diz que teve sempre casa cheia como para Seu Chico Firmino, que morava somente com sua esposa e seu filho único.

⁶⁶ Maria Rebouças – D. Cota. Entrevista realizada no dia 24 jul. 2004, em Cardeais, Jaguaruana – CE.

⁶⁷ Maria Rebouças. Id. Ibidem.

⁶⁸ Antonio Avani de Almeida. Entrevista realizada em 09 jul. 2004. Bairro Alto, Jaguaruana – Ce.

“Na minha casa moravam⁶⁹ aproximadamente 15 pessoas a mais. Eu lembro que alagou tudo, alagou a cidade todinha. No centro da cidade ficaram muitas casas inundadas e outras quase alagadas. Eu não estava retirado de cheia. A minha casa ficou do mesmo jeito, não ficou inundada. Ficou só brejada. Ainda recebi lá umas três famílias”.⁷⁰

O clima de sociabilidade, e por que não dizer solidariedade, das pessoas que se encontravam sob o teto de uma casa se diferia dos locais de abrigo no que tange ao aspecto do relacionamento. Enquanto nos abarracamentos o ambiente se caracterizava por uma espécie de caos, as casas particulares exigiam um mínimo de integração. As pessoas precisavam se relacionar bem e esta faceta vai aparecendo nas memórias. Segundo D. Cota, o clima de paz reinava em sua residência.

“Em paz, agente vivia com um povo, um povo calmo, o povo aqui do alto também passou aqui a cheia .

Naquele tempo a água era muita, tomava banho aí no terreiro, agente via as lanchas passar. Não havia muitas dificuldades porque eles ajudavam também na luta de casa. A Ritinha, a mulher do Chico do Josias, nós cozinhava tudo junto.

Quando era hora de fazer era uma família só, um família muito educada, ela colocava uma esteira grande e outra esteira pequena de desbuiar o feijão, colocava aquela esteira de paia no chão aí colocava o comer dele, botava, não tinha do que se reclamar... Era umas pessoas ótimas, ninguém tem o que reclamar deles”.⁷¹

É difícil estabelecer uma relação entre os espaços da experiência, que neste caso poderiam ser definidos como público e privado em condições tão adversas, contudo a partir do que nos diz Arlette Farge, “o momento de sofrimento gera um conflito sociológico pós-acontecimento que está ligado a

⁶⁹ *Moravam* = Ficaram Abridados (grifos nosso)

⁷⁰ Francisco Firmino Neto. Entrevista realizada em 09 ago. 2002, na cidade de Jaguaruana.

⁷¹ Maria Rebouças – D. Cota. Entrevista realizada no dia 24 jul. 2004 em Cardeais, Jaguaruana – CE.

determinados pontos do discurso da memória coletiva que se atém coisas boas”⁷² e dentre outras coisas, no caso específico das populações interioranas, cultura é responsável por isso, visto que é comum abrir portas para acolher outras pessoas. Isto se verifica muito comumente nas migrações para cidade grande. Seria por isso, talvez, que ocasiões como essas apresentadas na fala de D. Cota sejam lembradas mesmo que ela tenha sido uma das entrevistadas que pouco falou sobre o “movimento das águas” de modo mais direto. Para ela, lembrar da enchente é lembrar sua casa cheia de gente como nos tempos de sua mãe, mote que dá o suporte da sua memória e a faz descrever os fatos vivenciados a partir de seus quadros de recordação. Nesta idéia, concordo com Adler quando diz que “o passado é o que você lembra, convence a si mesmo que lembra ou finge lembrar”.⁷³

Sobre os abrigos institucionais falou o Mons. Raimundo de Sales Façanha, Pe. Ducéu, como é conhecido, representando a igreja e também o poder público já que na época ele assumia, junto a professora Cleonice Alexandre, a Secretaria Municipal da Educação. Suas falas devem nos guiar também durante as reflexões do terceiro capítulo desta dissertação que trata de como os entrevistados lembram das políticas públicas em tempos de enchente e especificamente da construção da “Vila do Padre”, que foi uma vila de casas construídas na comunidade de Cardeais para aquelas pessoas que ficaram desabrigadas em virtude dos alagamentos.

Sobre sua experiência durante a cheia de 1974, o Pe. Ducéu disse:

“Bom, o meu trabalho de começo foi um trabalho emergencial. O pessoal estava com fome, daí conseguimos das escolas, panelas, pratos e conseguimos sair no mercado atrás de arroz, feijão, milho. De início a prefeitura não tinha nem dinheiro para comprar. Mas a própria comunidade tentava dar os produtos. Aí fizemos lugares de distribuição de alimento. O Juazeiro, a igreja do Juazeiro recebeu tanto a população, como se inventou um cozinha pra cozinhar. Aqueles panelões grandes que a gente saía distribuindo lá e lá se ia

⁷² FARGE, Arlette. Do Sofrimento. In: *Lugares para a História*. Lisboa: Teorema, 1999 p. 13-26.

⁷³ Citado por Adler em “Pinter’s Night: a stroll down memory lane”, Apud. LOWENTHAL, David. Como Conhecemos o Passado. *Projeto História*. São Paulo: EDUSC (17), nov. 1998. p. 462.

para o Correia Lima. Que o Correia Lima, lá também tinha fabricação de alimentos e no 2º grau também se fazia. E a matriz que também recebeu toda a população desabrigada”.⁷⁴.

A forma como Mons. Ducéu expõe suas memórias difere dos outros entrevistados desta pesquisa. Por considerar-se um “homem das estruturas”, no sentido de estar preso à elas, seu discurso vem intercalado da responsabilidade social que sua condição de vigário da paróquia denota. Sobre o cotidiano dos lugares de abrigo, falou:

“Todas aquelas colunas tinham cordas amarradas para armar redes. Colunas até que foram danificadas pelas cordas, que o povo ficava se balançando e ficavam cortando até o contorno da coluna. Aí tinha o fornecimento de alimento duas vezes por dia, com almoço. A gente dava de manhã, eu mesmo saía no meu carro, botava as panelas onde se fazia as comidas e a gente já levava a comida feita. Daí ia assim, distribuindo um pratinho pra cada pessoa, às vezes quando era menino a gente botava três, quatro moleques com três, quatro colheres tudo pra comer num prato só. Tudo que a gente tinha era pouco para atender esse acontecimento.

E nisso aí, acredito já passavam três meses de cheia. Foi do 9 de abril até, maio, junho, até os fins de junho. As primeiras enchentes que chegou assim ao lado da casa paroquial...”⁷⁵

Contudo, mesmo falando a partir do lugar que pertence, as lembranças da enchente lhe dão oportunidade para um mergulho em suas memórias pessoais.

“Eu lembro que eu fui fazer até um casamento, lá no Nanginha, no Córrego do Machado. Fui de canoa, já vendo a água nas várzeas.

⁷⁴ Raimundo Sales Façanha – Pe. Ducéu, realizada no Pólo de lazer de Jaguaruana – CE, no dia 25 jul. 2004. O Pe. Ducéu é vigário de Jaguaruana há 38 anos. Desde então desenvolveu vários projetos sociais na cidade. Um deles foi a construção da vila de casas para retirados da enchente de 1974 na comunidade de Cardeais, a conhecida Vila do Padre, hoje Vila Severino Batista.

⁷⁵ Raimundo Sales Façanha – Id. Ibidem.

Dia 13 de fevereiro de 74. Foi a primeira cheia que eu assisti aqui em Jaguaruana”.⁷⁶

Desta forma é possível ver que o Pe. Ducéu fala de muitos lugares, isto é, produz discurso a partir de várias experiências. Seu lugar social é a paróquia como um todo, mas sua fala deixa transparecer o discurso da instituição que ele está à frente: a Igreja. Sua fala é uma tentativa de por em evidência seu caráter caridoso. Suas memórias expõem uma construção estratégica onde se pode ver a partir de um diálogo com o pensamento de Célia Lucena que, o real que se inscreve no discurso biográfico provém das determinações de um lugar abalizando seu ato enunciativo⁷⁷. Padre Ducéu quis mostrar o papel que desempenhava como chefe da Igreja Municipal, durante as cheias ocorridas no município. No entanto, como a memória é dona de muitas temporalidades e a vivência pelos anos significa acúmulo de experiência, hoje, o padre se posiciona de maneira contrária às suas atitudes do passado. Como o presente é forte e aparece de forma marcante nos momentos em que a memória se remete ao passado, a idéia de atravessar novamente uma enchente faz o padre pensar, hoje, de uma forma diferente. Talvez por estar envolvido num processo de restauração da Igreja Matriz de Jaguaruana, ele disse que não abrigaria mais ninguém nas dependências da igreja mesmo se necessário fosse.

“Quando eu abriguei pessoas dentro das igrejas da sede e dos distritos, eu acho que fiz uma obra de caridade, cumpri uma certa missão, mas eu analisando hoje, eu não faria mais isso, na visão que eu tenho de uma igreja, que ela é um patrimônio, que hoje nós estamos reformando. Na época não gastou tanto quanto a gente pensava. Mas houve umas danificações que foram graves que talvez até hoje a gente não possa avaliar os prejuízos. Houve gente que tocou fogo até em peças...

Lá no Borges, por exemplo, chegaram a tocar fogo em peças do harmônio. Aqueles gradeados do coro da matriz, colocaram fogo. As

⁷⁶ Raimundo Sales Façanha. Pe. Ducéu, realizada às margens do Rio Jaguaribe, no Pólo de lazer de Jaguaruana – CE, no dia 25 jul. 2004.

⁷⁷ Cf. LUCENA, Célia de Toledo. *Artes de Lembrar e de inventar*. (re) Lembranças de imigrantes. São Paulo: Arte e Ciência, 1999.p. 24.

dificuldades que houve em algumas igrejas através do tempo da cheia, peças que saiam boiando nas águas, onde a igreja foi alagada como no Borges. Algumas tábuas nadando pela cidade a fora. São pequenas coisas passáveis que talvez hoje a gente podia fazer de outra maneira.

Outra maneira de socorrer as pessoas através de casas de lonas e não arriscar um patrimônio que é do povo e que merece a História. Ninguém pode destruir. De modo que eu acho que este evento faz parte da minha experiência, meu excesso de caridade no passado. Não estou arrependido porque fiz o que consciência mandava, mas hoje eu não faria mais pela experiência que eu tenho. Foi muito bonito para o povo, mas analisando em questão generalizada cultura e fé e religião, e teologia, talvez não haja necessidade de tanto exagero. Fui excessivamente bondoso além do que podia. Fiz o que pude, mas não fiz o que devia. Porque eu devia ter tido mais prudência”.⁷⁸

A fala entrecortada por muito auto-elogios apresenta uma construção discursiva diferente das outras falas vistas até agora. Pe. Ducéu não foi um retirado, não precisou sair de casa. Abrigou pessoas. Contudo, este ato teve uma pequena peculiaridade, pois o padre não trouxe pessoas para dentro de sua residência, mas, para dentro da igreja matriz e dos grupos escolares que ele era responsável. Ou melhor, a preocupação que da população mais carente em abrir sua casa para outros, não é a mesma do padre pois este ofereceu abrigo nos prédios das instituições.

O exercício da interpretação ajuda a entender como as pessoas lembram dos lugares de abrigo. Os que enfrentaram tais situações subvertem o cotidiano e o recriam, demonstrando que vivem diariamente assim, resignificando seus espaços de vida e experiência, encarando desafios diários e experienciando o dia-a-dia de modo astucioso⁷⁹. Sejam eles abarracamentos, grandes galpões ou a casa de familiares e amigos, existe a criação de um novo cotidiano que vai reger por determinado tempo as relações sociais daqueles

⁷⁸ Raimundo Sales Façanha – Pe. Ducéu, realizada às margens do Rio Jaguaribe, no Pólo de lazer de Jaguaruana – CE, no dia 25 jul. 2004.

⁷⁹ Cf. CERTEAU, Michel de. *A invenção do Cotidiano*. Artes de Fazer. Petrópolis: Editora Vozes. 1990. Partes I e IV.

indivíduos que, naquele momento, se submeteram às condições adversas. Os momentos passados nestes lugares, sejam eles de aflição ou contentamento, tornaram-se marcos de memória, a enchente pode ser vista através de uma determinada estrutura que é múltipla, dialógica, que apresenta semelhanças e dessemelhanças e que se expõe nas falas dos entrevistados. Sigo este caminho oferecido por eles para tentar escrever este texto: estudar os temas que mais explicitam os conflitos das memórias acerca da enchente. Quando indagados sobre as cheias pelas quais atravessaram, estas pessoas sempre contam o momento da saída de casa, dos lugares de abrigo e da esperança do retorno. Para se completar o caminho falta falar do outro aspecto que também é forte nos relatos: voltar para casa.

1.3. – “A calamidade não é só lá, é quando se volta”.⁸⁰ – O retorno e o recomeço.

“Quando dizem: Baixou as águas!
Pronto: é arrumar as coisas
Pra voltar e recomeçar, né!”
Avanir

O que representa o retorno pra casa em tempos de enchente? Medo ou esperança? Em um de nossos encontros, Seu Avani define aquilo que chamei do movimento das águas, numa simples frase: “A ida, uma calamidade, e a vinda é de expectativa”.⁸¹ A palavra expectativa, neste caso, abrange diversos sentimentos.

Poucos foram os que contaram com detalhes o momento da saída do abrigo e o retorno pra casa, no entanto, este tema do retorno desdobra-se em especificidades. Por exemplo: todos descreveram a situação em que se encontravam suas residências no fim da enchente e das iniciativas tomadas em relação ao retorno ao trabalho na agricultura e a outras atividades que poderiam ser feitas com a passagem da cheia, como as caças e as pescarias.

O retorno tem, no relato de todos, um impacto emocional muito forte, porque neste momento se depararam com a destruição ocasionada pela cheia: os destroços da casa e restos dos objetos deixados na saída. As lembranças que puderam ser ouvidas sobre as comunidades ribeirinhas, foram das diversas casas de taipa que tombaram em virtude da enchente e dos utensílios e móveis destruídos pelo constante contato com a água. A fala de Avani remete ao estado de sua casa quando retornou em 1985.

⁸⁰ Antonio Avani de Almeida. Entrevista realizada em 13 nov. 2002. Bairro Alto, Jaguaruana – Ce.

⁸¹ Antonio Avani de Almeida. Entrevista realizada em 06 jan. 2004. Bairro Alto, Jaguaruana – Ce.

“Mesmo quando as chuvas pararam a calamidade continuou.

Aqui, quando a gente começou a dizer que tava no enxuto, era enxuto no nome, mas era pra gente enfrentar todas as coisas que nós chamamos de horríveis. Em relação a uma família dentro daquela casa. Quando eu me lembro que eu vim pra cá trazendo a minha mulher, quando ela veio de Russas, trazendo a criancinha nova, ela já veio, passamos só dois dia dali e viemos pra cá. Então, era de se tirar ruma de lama, aquela lama horrível, podre, e jogar fora na outra lama do terreiro e procurar dum meio. Eu forrei a minha casa por um bom tempo com pedaço de pau, pedaço de carnaúba, tijolo, assim improvisado, porque o inverno continuou”.⁸²

Os relatos sobre a visão das casas após a enchente ressaltaram o aspecto coletivo da memória. Estas lembranças mostram que a enchente atingiu a todos os entrevistados, mas cada um experienciou e contou este momento com as particularidades referentes às suas próprias vivências. Esta parte das memórias que versam sobre a situação das casas são semelhantes até na maneira de contar. Mesmo sendo pessoas diferentes, em lugares diferentes e atravessando enchentes em anos diferentes, os relatos se aproximaram. Contudo, não se pode deixar de lado o conflito existente nas memórias no que diz respeito ao tema do retorno como por exemplo, o prazer de voltar e a dor em ver os estragos ocasionados pelas águas.

O relato transcrito acima pertence às lembranças de Avani durante a cheia de 1985. Seu Chico Pequeno assim contou o seu retorno em 1960.

Seu Chico – “Quando eu vim de lá pra cá, morava acolá, a casa tinha arremado⁸³, só não tinha caído. A casa veia lá era de taipa, só tinha faltado cair mas ficou toda pendida. Quando cheguei ainda não dei pra entrar pra debaixo, fiquei debaixo da oiticica em frente de casa”.

Kamillo – “Tinha muita coisa pra fazer. O que o sr. fez?”

⁸² Antonio Avani de Almeida. Entrevista realizada em 13 nov. 2002. Bairro Alto, Jaguaruana – Ce.

⁸³ Expressão regional que significa pendido mais para um lado.

Seu Chico – “Tinha. Eu tirava a lama pra fora, tirava aquela lama veia pra fora e acabá ia caçar uma coisa mais seca pra botar lá, pra endurecer alguma coisa, um arisco mais seco, pra entrar dentro de casa. Aterrei a casa todinha, tapei os buracos da parede, meti a virga onde tinha pendido. Foi preciso quase construir a casa inteira de novo”.⁸⁴

Outro relato de igual matiz é o de D. Eliza, na cheia de 1974. Segundo ela

“A gente já saiu daqui, já era em ais de⁸⁵ cair as casas em riba da gente. E quando a gente voltou a casa era muito destiorada. Ficava uma lama, uma água, uma lama fria, aquele gelo medonho. Nós rapava aquela lama dentro de casa aí cortava as paia de carnaúba, cortando paia e colocava. É, e muita gente adoecia, né, do brejo, cristão! Que passava muito tempo aquele brejo”.⁸⁶

As pessoas pobres, geralmente, não possuem muitos objetos. A imagem dos retirantes, criada a partir da experiência e reinventada pelos relatos orais, pelos cordéis e pela literatura, é da família composta por pai, mãe, filhos pequenos, um bicho de estimação e trouxas na cabeça onde se carrega pouca coisa. Nos dizeres de Chico Pequeno “*Um prato, um copo, uma colher, uma rede pra dormir e um pano pra se enrolar*”.⁸⁷

A perspectiva do deslocamento na atualidade, ou melhor, sair de casa por causa de uma enchente nos dias de hoje, é algo que aflige a população e isso pode ser constatado nas falas dos entrevistados desta pesquisa.

É certo que há 30 anos as pessoas não tinham quase nada. Hoje, no entanto, o consumo atinge os lugares mais remotos do país. É possível ter mais conforto e uma casa bem apresentável em 36 suaves prestações! E como os discursos cruzam realidades diferentes, falar de 1960 ou 1974 para D. Eliza

⁸⁴ Francisco Luiz da Silva. Entrevista realizada em 12 jan. 2005. Jureminha, Jaguaruana – Ce.

⁸⁵ *Em ais de*: Em ares de, prestes a.

⁸⁶ Francisca Eliza da Silva. Entrevista realizada no dia 24 jul. 2004. Jureminha, Jaguaruana – CE.

⁸⁷ Francisco Luiz da Silva, entrevista realizada em 19 jun. 2004. Jureminha, Jaguaruana – CE.

ou para Chico Pequeno, que nestas épocas, quase não tinham o que comer, é diferente do momento atual, pois os dois são aposentados, e como enfatiza sempre Chico Pequeno, “o tempo é o de hoje. Hoje é mais fácil eu arranjar mil real do que naquela época eu arranjar um conto de Réis”.⁸⁸

Seu Chico diz que sempre está brigando com as filhas por causa de certas compras que elas fazem.

“Isso aqui, nessa época de 60, 74 e essas outras que eu já tenho passado aqui, nós se arrumava aqui pra passar uma cheia dessa fora, o que nós tinha levava. Era uma redinha, uma roupinha, o prato de comer dentro, dava pra levar tudinho. Mas hoje, vem uma cheia de lá pra cá, que aí a gente tem é perdido quase tudo. Se der uma cheia de lá pra cá, o que tem é perdido quase tudo, e não é só na minha casa não, é na casa de todo mundo. Que nessa região não fica nada, que hoje todo mundo tem sua cama, tem seu guarda-roupa e ninguém pode se retirar com isso ele vai ficar dentro de casa. A cheia entra, acaba com o compensado, quando o camarada chegar ta tudo acabado. Se a cheia não acabar, vem outro, carrega”.⁸⁹

Muitos pensam desta forma. As semelhanças das falas passam pela questão do retirar-se nos dias de hoje até às atividades necessárias para a retomada da vida após uma enchente.

A interpretação feita a partir destas passagens, passa pela discussão referente ao caráter da coletividade presente nas memórias⁹⁰.

Saber que a memória é um jogo composto por diversas temporalidades e que é algo que recompõe uma história vivida a partir da experiência humana de uma destas temporalidades⁹¹, que é a do indivíduo, ajudou-me a compreender que, ao sair para o campo, a fim de criar ou ajudar a

⁸⁸ Francisco Luiz da Silva, Id. Ibidem.

⁸⁹ Francisco Luiz da Silva, Id. Ibidem.

⁹⁰ Ver BOSI, Ecléia. *Memória e Sociedade*. Lembrança de velhos. 3ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

⁹¹ Cf. PINTO, Júlio Pimentel. *Os muitos tempos das memórias*. Projeto História. São Paulo: EDUC, (17). p. 209. 1998.

criar⁹² relatos orais sobre as enchentes, deparar-me-ia com diversos olhares, tantos quantos fossem os entrevistados. O caso discutido neste momento diz respeito à semelhança. Diferente da idéia de memória coletiva que homogeneiza as individualidades este acontecimento revela uma metáfora que diz que a memória lembra uma fronteira, cujas territorialidades itinerantes redefinem-se continuamente.⁹³ O que aconteceu foi que essas fronteiras se tangenciaram através da experiência social – e porque não dizer da estrutura social daquele processo específico que era a enchente em Jaguaruana – permitindo com que os relatos apresentassem semelhanças.

Sobre o momento específico do retorno, Avani me falou que,

“Foi idêntico a ida: ajeitei as coisas em cima de uma carroça que eu tinha arrumado e fui me embora. Voltei pra casa. A diferença é que foi no enxuto. A ida foi dentro d’água e a volta foi no enxuto. Dentro da lama, mas bem dizer no enxuto”.⁹⁴

Seu Chico Pequeno disse-me que em 1974 ainda precisou de canoa para voltar pra casa. “De canoa. A volta ainda foi de canoa. O rio ainda tava cheio, né? Ainda voltei de canoa. Fumos e voltemos de canoa”.⁹⁵

As duas falas revelaram algo muito importante. Foi a atitude tomada perante a situação vivida que traduziu o desejo extremo do retorno. A partir dos relatos pode-se perceber que a ânsia para voltar pra casa era enorme. Nas falas de Chico Pequeno e Avani percebe-se que não importava a situação das estradas, os vizinhos ou qualquer outro aspecto. O que se faria imediatamente após a saída das águas de dentro de casa, era voltar, não importa em que situação fosse. Avani chamou isso de desejo de recomeçar.

⁹² A idéia de igual responsabilidade entre entrevistador e entrevistado na criação do depoimento oral é algo que levanta uma série de questões. Sobre o assunto ver SILVA, Olga Brittes. *Documentação Oral e o fazer do historiador*. S/D; PORTELLI, A. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre ética na História Oral. *Projeto História*, São Paulo: EDUC. (15), 1997; VILANOVA, Mercedes. La historia sin adjetivos con fuentes orales y la historia del presente. *Historia Oral*, 1, 1998; VOLDMAN, Danièle. A invenção do depoimento oral. In: *Usos e Abusos de História Oral*/Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira, coordenadoras – 5 ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. p 247 – 266.

⁹³ GROSSI, Y.S. & FERREIRA, A. C. Op. Cit. p 28.

⁹⁴ Antonio Avani de Almeida, Entrevista realizada em 06 jan. 2004. Bairro Alto, Jaguaruana – Ce.

⁹⁵ Francisco Luiz da Silva, entrevista realizada em 19 jun. 2004. Jureminha, Jaguaruana – CE.

“Quando a gente está numa época daquela, de calamidade pública, a gente fica na expectativa, né, ouvindo falar: ‘Tá vazando, começou a vazar’. Hoje nós falamos em centímetro e milímetro, mas naquele tempo era ‘quantos dedos’? ‘Vazou quantos dedos’? ‘Três’. No outro dia: ‘A vargem encheu dois dedos’? E a expectativa era essa. Até que chega o momento de definir a vazante. ‘Vazou’? A gente começa na expectativa de ver a casa como é que tá, de ver o terreno, já começa a pensar na planta. Você entende como é o meu linguajar, né? É, mas a situação de quando é pra gente voltar é quase pior do que quando é pra gente ir.

Apenas a gente tem um prazer, uma satisfação muito grande da gente voltar porque vem novamente recomeçar”.⁹⁶

Mesmo com águas altas, quando era possível, visitava-se a casa para ver como estava o restante dos pertences que haviam ficado. Frente à obrigação de sair de casa, resistia a necessidade de sempre estar por perto das residências.

“Lá de Jaguaruana, pra gente vim aqui, vê a casa como é que tava, as coisas, os pertences, que ninguém leva tudo pra onde vai de mudança, quanto mais numa época de cheia, era um sacrifício. Só vinha aqui quem era muito disposto. Por exemplo, gente como era o meu pai, idoso, e outros idosos, foram, e só vieram quando dava pra pisar firme. Só vinha pessoa disposta. Nem pessoa nova, pessoa jovem, não vinha porque não tinha como vir. Só se fosse de transporte e transporte não se tinha.

Eu vinha aqui mais o Raimundo Ivan, meu cunhado, quase todo dia. Mas nós vinha com ‘cama de ar’, porque aqui na estrada, quase no centro da estrada, era água no nariz da gente, todo esse setor aqui. A gente vinha era nadando, talvez nem trator passasse”.⁹⁷

⁹⁶ Antonio Avani de Almeida. Op. Cit..

⁹⁷ Antonio Avani de Almeida. Entrevista realizada em 06 jan. 2004. Bairro Alto, Jaguaruana – Ce.

No discurso de Avani nada está mais expresso que a existência de uma relação do retirado com sua casa e o desejo do retorno durante todo o processo. Anterior a isso, ainda subsiste a vontade de nunca ter saído de casa.

As imagens do retorno vão se formando num misto de sentimentos que são experimentados pelo ato de recordar. Esta primeira parte composta por três momentos – sair, ficar e voltar, materializa-se nos corpos dos entrevistados de uma forma peculiar. Quando contam sobre tais passagens, arrisco dizer que, mesmo momentaneamente, a memória destes homens e mulheres apronta alguma “cilada” de emoções para eles. Pensar assim talvez explique a voz trêmula e a aflição dos movimentos do corpo de Seu Chico Pequeno quando relatou do momento angustiante da saída de casa em 1985 e o suspiro aliviado de Avani quando falou sobre o retorno pra casa em 1960. É o que pode ser chamado de corporificação das lembranças.

No trabalho com a oralidade deve-se encarar com importância não somente o que é dito, mas também como é dito, como são usados os recursos da língua e como o corpo serve de suporte material para a concretização destes enunciados. Desta forma podemos evidenciar um caráter de cultura material que pode ser dado à fala, principalmente se pensarmos que a materialidade do pensamento tem em uma de suas manifestações a voz; ou seja, para adiante da comparação maniqueísta que poderia se fazer, por exemplo, entre oral e escrito, no corpo estariam recursos para a concretização de um outro tipo de escrita diferente desta que conhecemos hoje, que usa caneta e papel.

Nada mais adequado para se pensar estas nuances da pesquisa que uma das implicações do trabalho de Roland Barthes. Quando discute a relação existente entre a ritmicidade e a vocalização de certos textos que parecem ter uma relação intrínseca com a voz, chegando a dizer que nestes casos a escrita responde a um jogo pulsional do corpo, da voz e afasta-se do visual, conclui:

[...] “As populações são capazes de exteriorizar símbolos não concretos; quanto à correspondência entre a ritmicidade dos traços e a ritmicidade da palavra, implica que, paralelamente ‘à escrita’

pictográfica, tenha desenvolvido outra linguagem escrita, que parece essencialmente centrada no oral”.⁹⁸

Desta maneira, passo a entender que a fala de meus entrevistados não traduz suas vidas, ela é uma prática; e que existe uma espécie de escrita que está colocada na suas maneiras de falar, gesticular, vestir, sentar-se, rezar, ect.

Quando se reporta ao retorno pra casa, D. Eliza evidenciou outro aspecto peculiar a este episódio, que poderia muito bem iniciar uma discussão sobre a idéia de recomeço exposta por Seu. Avani. O que foi dito por ela e por outros entrevistados também pode ser vislumbrado no adágio popular que se adequa muito bem a esta situação: “*Depois da tempestade vem a bonança*”. E a calma das águas pode ser expressa pelas memórias dos entrevistados sobre o que se tinha pra fazer na volta pra casa, no fim da cheia. O desejo mais comum era o de plantar. A pescaria e a caça também são lembradas.

Os relatos de D. Eliza, D. Lourdes, Seu Chico Alfredo, Seu Ferreira e D. Maria Sulina, também se reportam ao reinício das atividades agro-pastoris logo apos às enchentes e eles se lembram disso com grande satisfação. Chico pequeno não subverte esta tônica, contudo centra sua fala em outras particularidades que são as atividades da pesca e da caça.

A lembrança da caça vem abalizada pelas condições que Seu Chico atravessava na época. Uma coisa que insistia em dizer é que o tempo é o de hoje, porque tá tudo no céu. Sacrifício era antigamente. Deduz-se que as soluções para amenizar o problema da miséria eram poucas ou menores que as alternativas dos tempos de hoje, por exemplo, os programas sociais de repasse de renda como o Bolsa Escola ou o Programa Fome Zero do Governo Federal e ainda as instituições e fundações filantrópicas espalhadas pelo país com o discurso de combate a fome.

“Café, café quem gostava de um cafezinho cansou de fazer a semente do mata-pasto. O sr. sabe o que é mata-pasto? Pois tem mata –pasto, ele bageia, fica deste tamanho. Pegava aquela bagem

⁹⁸ BARTHES, Roland. Oral/escrito. In: *Enciclopédia Einaud*. (Oral/Escrito – Argumentação). Lisboa: Surpresa Nacional/ Casa da moeda. Volume 11. p 35

de café ou a mangiroba ou a salsa, essa salsa braba, na vagem também, pra torrar, pra pisar pra fazer um cafezinho pra beber...com aquela rapadurazinha salgada. Hoje quem é, a mangiroba fulora assim, bageia e se perde todinha. Quando passava a enchente, se a gente não tinha o que comer, a gente ia caça, pescar. Eu me lembro que em 74 foi o ano que eu vi mais preá na minha vida. Ficou um alto assim, entre o rio e o baixiu. Eu ia mais o Paulo que era mais velho. O Paulo com um saco e eu ia na frente. Ele abrindo o saco e eu jogando os preá⁹⁹. Porque eles não podiam correr. Era água de um lado e de outro. Trazia de toda qualidade”.¹⁰⁰

As histórias sobre caça e pesca constituem marcos significativos nas memórias destes homens e mulheres, apresentando, de certa forma, as saídas para o recomeço, depois de dias de enchente.

A natureza experienciada por estas pessoas, não deve ser pensada como algo oposto à cultura ou à história; ao contrário, as concepções de natureza que norteiam a vida destes homens e mulheres com os quais falei, deve ser produto das suas relações com o mundo natural, em diferentes tempos e situações de suas vidas¹⁰¹. Foi assim que consegui entender a fala de Seu Chico quando disse que a “enchente” deixou muito peixe; a enchente, e não outra coisa!

A enchente deixava muito peixe. Ficava muito peixe, era muito bom. Esse ano mesmo ficou muito peixe. Todo o buraco d’água ficou peixe, graças a Deus. Peixe mesmo dá muito. Às vezes, a safra não é muito boa não. Uns não fez, outros fez uma coisinha, outros não fizeram mas a safra de peixe ta aí, todo buraco d’água se encheu de peixe. E toda vida foi assim, toda enchente que havia ficava peixe, toda vida, graça a Deus, toda vida ficava peixe. E pescaria era isso, juntava quatro cinco e:

- Bora pescar?

⁹⁹ O preá é um roedor mais desenvolvido do que os ratos domésticos. Também conhecidos como porquinho-da-Índia ou porquinho-do-mato, eles são animais silvestres muito perseguidos nas caças ainda nos dias de hoje.

¹⁰⁰ Francisco Luiz da Silva, entrevista realizada em 25 jul. 2004. Jureminha, Jaguaruana – CE.

¹⁰¹ Cf. THOMAS, Keith. *O Homem e o mundo natural*. Mudanças de atitudes relação às plantas e aos animais, 1500-1800. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

- Bora!

E quando era nos córregos nós vivia na beira da pescaria. Vixe Maria, era cheio de gente! Pescava de tarrafa em cima da balsas e ia daqui pescar lá na Barra. E era boa a pescaria, vinha gente de todo o canto. Era uma festa mesmo”.¹⁰²

Avani também fala das pescarias, mas é o relato de Maria Sulina, que disse que, durante a enchente, pegava peixe na porta da casa de sua irmã Rosa. Quando indagada se ela se lembrava de alguma cheia ocorrida naquela região, respondeu:

“Duma cheia que passou por aqui, eu me lembro. Nós pegava peixe ali na porta da Rosa. Os peixes passando pra lagoa do canto. Nois ia pegá os peixes na casa da rosa, era só abrir a porta que nois pegava era com a mão”.¹⁰³

O que naquele dia pensei ser uma brincadeira de D. Maria Sulina – pegar peixe com a mão –, foi confirmado por Seu Chico Pequeno numas das vezes em que falou das atividades quando do retorno da enchente. Numa dessas pescarias, afirmou que “*pegava peixe com a mão, dava um mergulho bem fundo e não dividia com ninguém. Cada qual que fizesse o seu*”.¹⁰⁴ Esta afirmação de Seu Chico explicita o caráter conflituoso da memória ao revelar que as lembranças sobre as enchentes trazem outros aspectos do fenômeno como as alegrias, as festas e a “*furtura*” dos tempos dos bons invernos. No olhar do agricultor, a água da chuva é sinal de vida e mesmo tendo enfrentado uma enchente, que para grande maioria tem conseqüências desastrosas. Os entrevistados sempre falaram das agruras da cheia com esperança. Pode-se ver claramente a expectativa pelo fim das chuvas para imediatamente, retornar às atividades corriqueiras. E a principal era plantar.

¹⁰² Francisco Luiz da Silva, entrevista realizada em 25 jul. 2004. Jureminha, Jaguaruana – CE.

¹⁰³ Maria de Lourdes da Silva, D. Maria Sulina, 84 anos, nascida em 15 de julho de 1925, concedeu-me apenas uma entrevista. Nas outras vezes que a procurei, alegou não lembrar de mais nada. Aposentada, mora com seu marido na comunidade de Capoeira. Foi-me indicada por ter sido a primeira moradora da comunidade. Idosa e com um senso de humor produtor de anedotas singulares, foi entrevistada no dia 26 mar. 2004, na comunidade de Capoeira, Jaguaruana, Ce.

¹⁰⁴ Francisco Luiz da Silva. Entrevista realizada em 19 jun. 2004. Jureminha, Jaguaruana – Ce.

O Jornal O Povo que no dia 01 de maio de 1974 noticiava a existência de “*Cento e doze mil desabrigados*” em todo o Estado do Ceará¹⁰⁵, em menos de uma semana mudou a tônica de suas matérias, noticiando no dia 08 mai. 1974 a distribuição de sementes ocorrida em Aracati. Segundo a matéria, *com a diminuição das águas, o Governo começa a distribuir sementes e enviar o povo para o replantio*.¹⁰⁶ Mesmo sabendo que a situação em vários municípios era crítica, a necessidade do recomeço era urgente, e neste caso até a iniciativa do próprio Governo do Estado, com a distribuição de sementes para o reinício das atividades no campo foi de fundamental importância. Seu Avani relembra nostalgicamente destes episódios, dizendo ao final de sua fala que bom seria que as campanhas feitas pelo Governo funcionassem mesmo.

“Você lembra até de uma propaganda que tinha numas estradas ‘Planta que o governo garante’, você lembra? Pois teve uma época aqui até nas estradas apregavam as placas como se fosse uma propaganda hoje dos políticos ‘Plante que o governo garante’. Aí tinha um desenho de um capucho de algodão e umas pessoas colhendo como se colocasse dentro de um saco, sabe, ‘Plante que o governo garante’”.¹⁰⁷

Avani sempre assumiu uma determinada postura quando a entrevista está pra terminar. Ele se torna um porta-voz dos trabalhadores rurais diante do gravador. Fala do prazer que tem em ser agricultor, mas também denuncia a calamidade pela qual passam; a hipocrisia dos governantes, a burocracia do sistema, a vida de miséria que levam e durante todo o interregno de sua fala, chama atenção que para “*aquilo que disse fique gravado*”, de fato.

“Você sabe que o amparo do homem do sertão nordestino é a agricultura. Apesar desta agricultura estar arrasada, acabada, pisada, mastigada e jogada no mato que nem quem joga palito de fósforo no mato. Mas quando a gente voltou da enchente, nós fomos trabalhar, plantar algodão, ter safra. Nós os agricultores de

¹⁰⁵ Jornal O Povo 01 Mai. 1974. *Cento e Doze mil desabrigados*. p. 12

¹⁰⁶ Jornal O Povo 08 Mai. 1974. *Sementes em Aracati*. p. 12

¹⁰⁷ Antonio Avani de Almeida. Entrevista realizada em 09 jul. 2004. Bairro Alto, Jaguaruana – Ce.

Jaguaruana e porque não dizer do Vale do Jaguaribe todo. Todo mundo teve safra abundante. Algodão, feijão, só não tenho conhecimento do milho, mas algodão, feijão, jerimum, melancia, à vontade. Passamos a calamidade muito mal, agüentado fome, doença, mas resistimos. Aí, fomos pras vacas gordas, como diz o ditado, a safra do verão. Eu mesmo enchi a minha casa de mercadoria, da safra da cheia, do molhado da cheia”.¹⁰⁸

O tema do retorno pra casa foi então, apresentado de diversas formas e é uma espécie de porta para outras histórias como, por exemplo, o retorno como recomeço, a volta para agricultura, as pescarias e as caças e a reconstrução das casas. Pode-se perceber que a memória tem muitos tempos e muitas nuances. E é neste jogo de temporalidades e experiências distintas que nascem os mecanismos condicionantes da produção narrativa¹⁰⁹ dos meus companheiros e, por quê não dizer, de todos os outros sujeitos que vivem e contam suas lembranças pelo mundo.

Perguntar aos entrevistados pelas enchentes vividas, significa autorizá-los a despejar, através da oralidade, parte de suas vidas. Neste caso específico, o momento do retorno foi o que mais se ramificou, desdobrando-se em várias memórias. Não obstante, anterior ao momento do retorno pra casa, existem relatos que falam das possibilidades de trabalho durante o fenômeno da cheia, das doenças e das políticas públicas de combate e convivência com a enchente. Devido a recorrência destes temas nas falas dos sujeitos desta pesquisa, são eles os assuntos do próximo capítulo.

¹⁰⁸ Antonio Avani de Almeida. Entrevista realizada em 13 nov. 2002. Bairro Alto, Jaguaruana – Ce.

¹⁰⁹ Cf. PINTO, Júlio Pimentel. Op. Cit. p. 489.

Capítulo II

“Fazer o quê?” Narrativas sobre trabalho, doenças e as políticas públicas em tempos de enchente.

“O trabalho hoje é tudo. Tá no seco.
Mas naquele tempo, não tinha
o que se fazer não”.
Avani

2.1 – “Quase não se tem como trabalhar”.¹¹⁰

As diversas situações enfrentadas por aqueles homens e mulheres chamados aqui de retirantes das águas aparecem em suas memórias das mais distintas formas e com intensidades diferentes, às vezes estimulados pelas perguntas, outras, pelos acontecimentos que rodeiam o ambiente onde se está fazendo a entrevista. As conexões entre entrevistado, entrevistador e o meio deram a esta pesquisa uma chance de vislumbrar melhor determinados acontecimentos que surgiram nas nossas conversas e se tornaram característicos ao longo do percurso feito, ganhando assim um maior espaço de reflexão neste texto. Foi assim com a questão do trabalho.

A maioria das pessoas que figuram nesta pesquisa são agricultores, tendo a partir disso uma estreita relação com a terra e com a natureza por quase o ano inteiro, ora preparando a terra, ora esperando a chuva para iniciar o plantio. No entanto, como aqui falamos de períodos de cheia, momentos de grandes invernadas, a situação comum de espera pelas

¹¹⁰ Antônio Avani de Almeida, entrevista realizada em 09 jan. 2005, na cidade de Jaguaruana, bairro Alto.

chuvas se inverte e assim o agricultor passa a pedir que não chova mais. Isto pode ser visto nas falas de Chico Pequeno, Avani, Seu Ferreira e outros que falaram da situação enfrentada, dizendo como não agüentavam mais o ambiente da enchente e como esperavam pelo fim das chuvas. A cheia, nesta perspectiva, “paralisa” a cidade e o campo. O desenvolvimento costumeiro da municipalidade, as relações de trabalho e a agitação comum do cotidiano dá lugar a um outro tipo de movimento que aqui está sendo chamado de *movimento das águas*. Ao ser indagado sobre o que se podia fazer em relação a trabalho durante a enchente, Seu Avani responde: “*Fazer o quê? Quase não se tem como trabalhar!*”

As narrativas sobre a questão do “ter o que fazer” divide-se em dois momentos: por um lado, vê-se o trabalho como qualquer atividade que se possa fazer a todo instante, por outro, encara-se como aquilo que dá dinheiro, uma atividade remunerada. Para Seu Chico,

“Em tempo de cheia sempre se tem o que fazer dentro de casa: é uma cerca pra arrumar, é um bicho pra tomar de conta, né. Salvar da água, é a parede que cáí, de barro, né. É tudo, assim, num falta não. Mas agora, dizer assim: - Chico, vai ali, fulano tá precisando de alguém pra dar um dia de serviço, paga tanto! Vai plantá, vai fazer não sei o quê, aí não tem não. É debaixo d’água direto, né, na chuva”.¹¹¹

O trabalho como atividade que significa a relação de troca – força humana por dinheiro torna-se uma questão delicada, na medida em que a situação da enchente não cria condições para a manutenção das famílias e de si mesmo. A cheia, sorrateiramente, os surrupia a terra, de onde constantemente retiram o sustento e as oportunidades, como por exemplo o trabalho na construção civil. Como disse Seu Avani, durante o verão,

“Nós somos uns verdadeiros bóias-fria, embora nós somos as pessoas que temos um trabalho que vem a ser o trabalho mais digno

¹¹¹ Francisco Luiz da Silva, entrevista realizada em 12 jan. 2004. Jureminha, Jaguaruana – CE.

de todo mundo, que é produzir grãos para o alimento das pessoas que trabalham e dos que não trabalham.

Então nós que somos bóias-frias, a gente trabalha em tudo. A gente trabalha o verão cortando madeira no mato, a gente faz aquelas carradinhas de lenha, vende por R\$ 20,00, faz um trabalho pra uma outra pessoa acolá, um trabalho assim de plantio de vazante, a gente abraça também um trabalho de servente, se carrega um carro de tijolo e descarrega acolá. Então, um bóia-fria é aquele homem que você entende muito bem o que é bóia-fria. Bóia fria é um cidadão que não tem seguro da atividade que faz, aquele seguro. O bóia-fria nunca tem um 13^o, nunca tem um seguro-desemprego, nunca tem férias, nunca na vida tem um hora-extra, não, tem que trabalhar efetivamente ganhando o mínimo”.¹¹²

Durante a enchente, entretanto, raras são as opções de serviço. A sobrevivência torna-se uma situação mais adversa ainda.

Cotidianamente, grande parte da população interiorana, moradora do semi-árido nordestino, atravessa uma situação de miséria. Na cidade de Jaguaruana, no período que compreende este estudo, 1960, 1974 e 1985, o ambiente não foi diferente. Mesmo sendo conhecida como Terra da Rede, pela importante produção de redes para dormir, e as décadas de 1970 e 1980 terem sido períodos promissores da história do fabrico e vendas destas peças, nos momentos em que as enchentes se instalaram, essa produção foi estagnada. As casas de produção e as fábricas não funcionavam por conta das inundações e parte do processo de produção da rede – tingimento e secagem de fios – era impossível de ser feito. O sol não aparecia para secar os fios e a produção já confeccionada não podia ser escoada por conta das estradas que tinham sido destruídas.

O Jornal O Povo de 22 de abril de 1974 apresentava uma espécie de radiografia das cidades do Vale do Jaguaribe durante o período da enchente e, quando se referiu a Jaguaruana, avisou: “com a elevação do nível do Rio Jaguaribe, a cidade esta condenada a permanecer ilhada por muito tempo”,¹¹³

¹¹² Antônio Avani de Almeida, entrevista realizada em 09 jan. 2005, na cidade de Jaguaruana, bairro alto.

¹¹³ Jornal O Povo de 22 abr. 1974 pág. 12. “*Elevam-se Novamente as águas do Rio*”

algo que pouco tempo depois acontecera, quando de fato, segundo nossos entrevistados, “a cheia levou a estrada embora”.¹¹⁴

Seria importante ainda dizer que não somente a estrada que liga a cidade a outros municípios, mas em períodos invernosos, as veias abertas sobre o carroçal do município, que ligam as comunidades umas às outras, também ficam intrafegáveis. Tudo isso, de uma certa forma, vai, aos poucos, ceifando as oportunidades de trabalho.

A mão-de-obra utilizada no processo de acabamento da rede é de homens, mulheres e crianças moradoras das comunidades do interior do município. Esta peça que se inicia no *urdimento* dos fios e no processo de tecelagem, em batelões elétricos ou manuais, é terminada nas mãos de uma extensa cadeia de trabalhadores que se dividem nas mais diferentes funções: uns fazem o *trancilim*, outros puxam corda, outros bordam o tecido da rede, outros costuram sua *bainha*, outros fazem a varanda, outros *pregam* esta varanda à rede, entre outras coisas¹¹⁵. Uma única rede pode passar pelas mãos de moradores de diversas comunidades, antes de estar concluída.

Ainda hoje, mesmo tendo a produção de rede decaído a partir da década de 1990, é comum encontrar moradores das comunidades levando fardos de redes para suas casas, a fim de trabalhar com aquela matéria. Na enchente, toda esta cadeia foi desmontada em virtude das chuvas, das estradas intransitáveis para os trabalhadores que fazem os *acabamentos das redes* e da impossibilidade do escoamento daquilo que pudesse ser produzido.

Outras atividades também foram afetadas pelas chuvas nos anos de 1974 e 1985. A construção civil, o beneficiamento da cera de carnaúba e até mesmo o funcionalismo público, com a abertura das escolas e do prédio da Prefeitura Municipal para abrigar retirados. Pensando junto à fala de Chico Pequeno, trabalho para se ganhar dinheiro era escasso, mas trabalho doméstico havia muito.

¹¹⁴ Antônio Avani de Almeida, entrevista realizada em 06 jan. 2005, na cidade de Jaguaruana, bairro Alto.

¹¹⁵ Os termos usados no processo de fabrico da rede são os mais variados e sem saber o seu significado fica difícil saber de qual parte se está falando. Urdimento é o processo de esticamento dos fios de algodão que compõem a trama e a urdidura do tecido que virá ser a rede; Trancilim são os cordões que integram o punho da rede; Bainha é a extremidade do pano da rede. Há redes sem bainhas. Podem ser bordadas ou não; As varandas são adornos laterais costurados às bordas da rede. Podem ser feitas de crochê ou de linha crua, o fio de algodão.

Em seu relato define o que se podia fazer:

Kamillo – “O trabalho; podia se trabalhar em tempos de enchente?”

Seu Chico – “Trabalho não. Trabalho não tinha não. Trabalho era amanhecer o dia, correr a casa andando de um canto pra outro, de um canto pra outro e entrar pra dentro de casa porque trabalho não havia não. [...]Era assim, um cuidava daqueles bichos, soltava naqueles mãos. Eu fui um, em 74, eu tinha aqui uma criação, levei, 74. Quando amanhecia, de manhãzinha, eu vinha vaquejar aquelas criação dentro do mato, os carros pegava e matava de duas, três. Eu vinha de manhã, botava aquela criação que tava lá no chiqueiro que tava lá na casa de uma cunhada minha e ai saia com ela lá pro mato. Chegava lá deixava lá, voltava pra casa. Meio dia, ficava por ali comia uma coisinha, me deitava, de tarde tinha que pegar e ir lá de novo. Xavier se largava pro chiqueiro pra ver quantas tavam faltando. Ai voltava pro chiqueiro, e ai era a mesma coisa todo dia, todo dia era a mesma coisa.”¹¹⁶

O trabalho doméstico não é uma atividade geradora de renda, por outro lado, principalmente se observarmos melhor a fala de Seu Chico, pode ser uma forma de “economizar” um dinheiro que com certeza seria gasto após a enchente. Cuidar de sua criação de ovelhas é proteger seu patrimônio. Partindo desta idéia, relembro a fala de Avani, quando disse que mesmo estando sua casa praticamente submersa, ele ia visitá-la diariamente, para ver como as coisas estavam. Dizendo isto, demonstrava explicitamente o seu interesse em conservar aquilo que havia ficado. Desta maneira, pode-se dizer que, em tempos de enchente, uma outra atividade era tudo fazer para que, quando esta passasse, se gastasse o mínimo possível na reconstrução de suas vidas.

Mesmo sendo poucas as formas de se ganhar dinheiro durante a enchente, Seu Avani falou das possíveis formas de trabalho remunerado, expondo que mesmo em meio as dificuldades enfrentadas durante a enchente,

¹¹⁶ Francisco Luiz da Silva, entrevista realizada em 12 jan. 2004. Jureminha, Jaguaruana – CE.

vez por outra, poderiam ainda surgir atividades que gerassem alguma renda, mas que segundo ele, nem mereciam ser chamadas de trabalho:

“Não, trabalho não, a não ser um biscate. Você sabe bem o que é biscate? Um dia levar a mudança de um, alguma coisa, ir acolá, fazer um trabalho pra um que ta lá afogado o gado, a criação, os porcos, fazer uma mudança... Então, às vezes também tem um terreno que não alagou, por exemplo, embora mais longe. Tem que ir lá a gente se vira, mas trabalho mesmo que é bom, nada”.¹¹⁷

Essas atividades chamadas por Seu Avani de biscate assumem diferentes significados ao longo das narrativas. Acredito que Seu Avani pense assim porque em outros momentos essas mesmas atitudes, lembradas acima por ele, já foram relatadas com outra tônica: definiam-se como solidariedade.

Transportar a mudança de alguém, ajudar alguém que a casa caiu ou quem tem animais perdidos ou no brejo é se solidarizar com o sofrimento de outros companheiros que enfrentavam a mesma situação. De fato, o dinheiro aparece nessa relação como um apêndice. O dinheiro nem sempre está lá, mas quando surge nesses casos não figura como um pagamento de serviço. Há muitos motivos para se pensar assim: num momento de enchente, grande parte das pessoas está passando por necessidades; precisando de recursos, procuram trabalho que quase não existe. Quando chega a hora da mudança, pede-se ajuda aos companheiros e vizinhos e umas das formas de recompensá-los é pagando-os com dinheiro. Se isto for possível, é evidente que é bem-vindo, mas o que resta depois de tudo isso é um sentimento de que a atividade realizada não foi trabalho.

O ambiente que se forma, exigia daquelas pessoas uma certa atitude de caráter humanitário, que, com ou sem dinheiro, sempre vai existir. Podemos observar isso no momento em que as pessoas abrem as portas de suas casas para receber retirados, algumas vezes até estranhos ou, como no exemplo a seguir, onde Seu Avani narra a história de *Seu Assis Môco*.

¹¹⁷ Antônio Avani de Almeida, entrevista realizada em 09 jan. 2005, na cidade de Jaguaruana, bairro Alto.

“Um cidadão por nome de Assis Môco, ele tinha um boi na época (1985) e uma carroça. Trabalhava dia e noite gratuitamente para todas as pessoas. Foi um verdadeiro prefeito aqui dentro dele. Porque eu não sei como é que um animal resiste o que aquele boi resistiu. Ele viajava toda noite, toda madrugada, todo dia, levando e trazendo, levando e trazendo o povo em fila com as bagagens arrumadas. Não queria saber se a pessoa tinha nada pra oferecer em troca daquilo. De dia e de noite, duas semanas neste negócio”.¹¹⁸

Seu Assis Môco é um exemplo de pessoa que trabalhou e não foi remunerada. É certo que nem todos os moradores do Bairro Alto no ano de 1985 dispunham das mesmas condições de Seu Assis Môco, ou seja, um forte boi e uma carroça para ajudar a terceiros, daí a justificar seu ritmo de atividade e da admiração de Seu Avani pela figura deste homem, admiração dentre outras coisas, advinda também da sua atitude de não “*querer um tostão de ninguém*”. Arlette Farge em um texto que fala sobre o sofrimento sugere uma indicação para esta reflexão. Segundo ela, se considerarmos os sentimentos e suas formas de expressão como um acontecimento histórico, poderemos refletir sobre seus desdobramentos e conseqüências¹¹⁹. Desta forma, podemos dizer que o quê existia entre as pessoas era uma troca de um outro tipo de capital, que era um capital moral. Como lembrou Seu Avani, Seu Assis Môco foi um verdadeiro “prefeito” dentro da sua comunidade.

Em outros casos, aceitar o dinheiro que era oferecido em acontecimentos desta natureza era uma forma de amenizar um pouco a situação calamitosa pela qual se atravessava. Por causa disso, acredito que Seu Avani preferiu dizer que trabalho não havia e o que se podia fazer era um biscate. Em seu relato sobre Seu Assis, o verbo trabalhar logo vem seguido do adjetivo *gratuitamente*. Trabalhar gratuitamente. O que em qualquer outra situação poderia gerar um contra-senso, aqui revela uma “estrutura de

¹¹⁸ Antônio Avani de Almeida, entrevista realizada em 13 nov. 2002, na cidade de Jaguaruana, bairro Alto.

¹¹⁹ Segundo Arlette Farge, “*é comum que a dor da migração consiga tecer novos comportamentos e outras relações de força. Nesta mesma perspectiva, as palavras e os gestos ocasionados pelo sofrimento, animam uma sociedade, e, mesmo num tom sórdido como se revela, apresenta para nós elementos para a solidariedade*”. Cf. FARGE, Arlette. *Do Sofrimento*. In: *Lugares para a História*. Lisboa: Teorema, 1999. p. 22.

sentimentos” presente naquela sociedade: a palavra “trabalho” aqui só está sendo tomada emprestada e sendo res-significada.¹²⁰

Longe da vida e da experiência das pessoas que entrevistei surgiram outras realidades. Aqueles que não participavam da comunidade e detinham melhores condições financeiras também foram lembradas com o tema do trabalho. Eles transformaram as situações contadas por Seu Avani e outros em oportunidades de ganhar dinheiro.

Durante o período da enchente propriamente dita, a atividade mais comum era a locomoção das pessoas pelas diversas regiões do município. Algumas pessoas que eram consideradas ricas possuíam veículos que podiam romper as águas, como por exemplo, trator e caminhão. No entanto, mais comumente eram usadas as canoas, que para os anos de 1985 e 1989 já eram “artigos de primeira necessidade”. Seu Chico Pequeno disse que “*aqui de primeiro todo mundo tinha uma canoa, camarada ia chamar, pronto. E hoje ninguém tem*”.¹²¹

Atualmente, quando o inverno é mais forte e as passagens molhadas¹²² são rompidas, como, por exemplo, aconteceu em 2004, o transporte de pessoas entre as duas margens do rio é feito de canoa, o que se torna um negócio lucrativo, se observarmos que a prefeitura aluga canoas para o transporte de alunos e as pessoas que precisam vir ao centro da cidade podem efetuar esta travessia pelo preço mínimo de R\$ 1,00 (ida e volta), sem levar em conta situações outras como, por exemplo, transportar motocicletas, bicicletas e animais, onde se pagam determinados acréscimos.

¹²⁰ Para Raymond Williams, *as estruturas de sentimentos podem ser definidas como experiências sociais em solução, distintas de outras formações semânticas sociais que foram precipitadas e existem de forma mais evidente e imediata*. No que se refere ao trabalho, as mais diversas atividades vão se resignificando ao longo do diálogo, demonstrando que a definição do próprio conceito passa pelo crivo da experiência social. Cf. WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar. 1979. p. 128.

¹²¹ Francisco Luiz da Silva, entrevista realizada em 19 jun. 2004. Jureminha, Jaguaruana – CE.

¹²² A passagem molhada é uma espécie de estrada que faz a ligação entre as duas margens do rio, comumente conhecida como *estiva*.



(Foto 01 – Estiva sobre o Rio Jaguaribe – Jaguaruana – Ce)

Outra atividade remunerada era feita pelas mulheres de grande parte do município, que ganhavam seu dinheiro lavando roupas no leito dos rios. Era comum presenciar a cena das pessoas atravessando o rio de canoa para deixar *trouxas de roupas na cidade*.¹²³ Esta atividade foi, digamos, intensificada durante o período da enchente, visto que não são peculiaridades do período da cheia e sim, lugar-comum na paisagem do interior do Nordeste. Segundo Avani,

“Ali no centro mesmo, ali na calçada do SESP você só via montes de roupas, batedeiras e mais batedeiras. Batendo roupa. Era gente lavando a sua própria mudinha de roupa, né, mas também tinha gente que ganhava”.¹²⁴

A enchente proporcionou estas lembranças, onde se vê o conflito social entre ricos e pobres exposto através das representações de trabalho. Possuir uma canoa em tempos de cheia é algo semelhante a ser proprietário de um carro nos dias de hoje. Socialmente, há uma diferença sensível entre aqueles que podem possuir objetos desta natureza e os que não têm condições para isso. A mesma comparação não pode ser feita para as lavadoras de roupa: essas pessoas são geralmente mulheres pobres que dali tiram cotidianamente seu sustento.

¹²³ Antônio Avani de Almeida, entrevista realizada em 13 nov. 2002. Jaguaruana, bairro Alto.

¹²⁴ Antônio Avani de Almeida, entrevista realizada em 13 nov. 2002. Jaguaruana, bairro Alto.

Quando indagado pelo trabalho, Chico Pequeno construiu um discurso a partir de suas experiências que não eram propriamente advindas de tempos de cheia. Quando viu seus netos brincando e correndo pelo terreiro de sua casa, ele disse:

“No meu tempo eu trabalhei demais. (...) No meu tempo, no tempo da mãe desses menino que tá maiorzinho. Uma coisinha ninguém via isso aqui não, menino na carreira brincando não. Vivia trabalhando na trança de chapéu, fazendo trancinha de chapéu e a mãe costurando o chapeuzim pra se comer um bocado na hora que ela acabasse”.¹²⁵

Seu relato é uma tentativa de dizer que sustentar a família através do trabalho é uma atividade árdua e que exige uma certa dedicação. Seu discurso vai costurando sua experiência com a realidade presente, sempre denunciando, ora a falta de trabalho, ora a falta de quem queira trabalhar.

Sobre suas atividades durante as enchentes, as lembranças de Seu Chico Pequeno culminaram num relato sobre um certo trabalho que ele desempenhou durante a enchente de 1974, mas que não logrou muito sucesso em virtude das águas e da doença da mãe.

“O Odilon Laureano tinha um gado que tinha botado lá pra eu tomar de conta, assim quase umas 50 reses. Eu quem tava olhando esse gado. De, madrugadinha saía, pro curral, tirava o leite das vaca, botava cumê e continuava na luta. Aí, o Odilon mandou 4 trabalhador pra mim pra eu fazer minhas limpa e eu na luta só passava em casa mode a minha velha, que tava doentinha, eu lhe contei, né. Mas aí, meu irmão, quando veio a chuva, não deu pra fazer mais nada. E aí a veia ficou doente mesmo e eu tive que ir me embora”.¹²⁶

Pessoas que também falaram sobre trabalho em tempos de enchente foram Francisco Firmino Neto e Sebastião Pereira da Cunha. Suas falas apresentaram outras nuances da visão acerca do trabalho durante a

¹²⁵ Francisco Luiz da Silva, entrevista realizada em 19 jun. 2004. Jureminha, Jaguaruana – CE.

¹²⁶ Francisco Luiz da Silva, entrevista realizada em 12 jan. 2005. Jureminha, Jaguaruana – CE.

cheia. Os dois são profissionais liberais, que como os outros a quem entrevistei, tiveram suas atividades atingidas pela enchente, mas que ao contrário do lugar comum expresso pelos relatos, não precisaram parar de trabalhar. Seu Chico Firmino é metalúrgico e Sebastião trabalha numa farmácia, ambos ainda hoje exercem a mesma profissão.

O relato de Seu Chico Firmino é rápido e pontual; ele alega que não gosta de falar muito mas foi procurado porque durante o início desta pesquisa, ainda na graduação, buscava dois tipos de pessoas especificamente: aqueles que falavam mal e aqueles que falavam bem da enchente. Seu Chico Firmino falava mal. Superado esse maniqueísmo que não levaria a lugar nenhum, percebi que a fala de Chico Firmino trazia várias considerações que poderiam ser aproveitadas em diversos momentos deste texto, como por exemplo, no tema dos abrigos, onde ele já foi citado e nas narrativas sobre o trabalho.

Trabalhando na metalurgia há mais de 30 anos, Chico Firmino passou por diversos acontecimentos dentro de sua oficina, um deles, o mais emblemático, se deu num dia em que quase duas toneladas de ferro caíram por cima. No entanto, bastou que se recuperasse para retornar a suas atividades. No dia da entrevista falou das lembranças mais vivas em sua memória que foi a iniciativa de receber pessoas em casa, a visão dos abrigos e abarracamentos, as doenças, pois no final da enchente de 1985, precisou fazer uma viagem a Fortaleza por causa da doença do filho e, finalmente, o trabalho.

Trabalho para Seu Chico havia, mas seu relato é, de certa forma, desconcertante. Quando perguntei se ele tinha conseguido trabalhar durante o período da cheia, ele respondeu:

“Muito pouco, trabalhei, mas foi muito pouco. Na verdade quase não tinha trabalho. Eu tinha condições de trabalhar, porque aqui em casa mesmo bem dizer, não alagou. Aqui ficou que quase alaga, mas não entrou dentro de casa não. Eu tive condições de trabalhar, mas bem dizer não tinha era trabalho. E quando tinha trabalho, não tinha dinheiro. A pessoa muitas vezes não tinha com que pagar, né. Período difícil viu, muita dificuldade”.¹²⁷

¹²⁷ Francisco Firmino Neto. Entrevista realizada em 09 ago. 2002, na cidade de Jaguaruana.

Sua indefinição em dizer se havia trabalho ou não, fez com que eu percebesse como Seu Chico Firmino se enxergava diante de toda aquela situação. Seu Chico durante a enchente ficou em uma situação delicada. Dizer que raramente o trabalho aparecia e que na maioria das vezes as pessoas não tinham com o quê pagar, poderia parecer que ele não queria ajudar as pessoas que não tinham dinheiro. Isso talvez pudesse “manchar” a imagem de boa pessoa construída durante sua fala. No entanto, o que se consegue entender é a obviedade de seu pensamento ao relatar que seu trabalho era sua única fonte de renda e que dali tirava seu sustento e de sua família. Sua imagem, desta forma, não poderia ser maculada, pois como ele mesmo disse, não era retirado de cheia e por isso não recebeu ajuda do Governo, diferente de outros que se encontravam na mesma situação e foram beneficiados com bolsas de mercadorias; e, além disso, ele abrigara mais de 15 pessoas em sua casa.

Para Seu Chico Firmino, na cheia, o trabalho foi a única saída. Assim como todos os outros a quem entrevistei, as lembranças sobre o trabalho foi organizando seus discursos e muitas vezes, suas vidas. Ter entre suas lembranças um momento em que o trabalho não aparece de forma predominante, pode ter dado a ele os motivos para falar mal de períodos de enchente.

Do outro lado da rua trabalha numa farmácia o sr. Sebastião Pereira da Cunha. A conversa com Sebastião foi marcada para o dia 09 de agosto de 2002, no seu ambiente de trabalho. Quase dois anos depois, iríamos repetir os encontros.

Muito conhecido em Jaguaruana, foi procurado por conta da sua experiência no que diz respeito a relação doença e cura e por conta dos inúmeros anos da sua vida dispensados ao trabalho por detrás do balcão daquele estabelecimento. Seu nome incorporou sua profissão e por causa deste e de outros motivos, sua identidade enquanto cidadão passa por aquele lugar. Muito querido, algumas pessoas lhe dão mais credibilidade do que aos médicos formados que passam por aquela cidade. Sua fala é marcada pela admiração com o movimento da enchente, com as doenças ocasionadas por este mesmo movimento, mas também pelas oportunidades que teve de ajudar as pessoas como balconista da farmácia.

Como Chico Firmino, Sebastião da Farmácia não precisou sair de casa e não teve sua residência inundada. Pelo contrário, recebeu familiares, dentre estes, sua própria mãe. Também não foi agraciado com as ajudas dadas pelo Governo. Foi neste momento em que falou de seu trabalho pela primeira vez.

Kamillo – “O sr. recebeu alguma ajuda durante a enchente?”

Sebastião – “Não, assim, porque eu mesmo não precisei me deslocar, sair de dentro de casa, tinha ali meu emprego, não foi necessária realmente ajuda por parte deles, dos governantes”.¹²⁸

Falar que não recebeu ajuda em tempos de cheia porque não precisou é “privilégio” de poucos. A narrativa de Sebastião não se entrega, pois fala também que na mesma época a casa de seu pai caiu e eles receberam ajuda para reconstruí-la, gerando um conflito entre suas memórias, e deixando a dúvida do que, de fato, representa para ele receber ajuda em tempos de enchente.

As lembranças sobre doenças são mais vivas, devido a grande força que o tema tem na sua vida e no seu trabalho. Afinal, trabalhar numa farmácia no interregno da cheia, possibilitou que sua narrativa fosse inundada por lembranças de pessoas que o procuraram em busca de um remédio, ou por que não dizer, em busca de cura.

Para entender a presença marcante deste tema na narrativa de Sebastião da Farmácia, busquei as explicações de Célia Toledo Lucena, quando de suas reflexões em seu trabalho sobre migrações. A afirmação que tão bem serviu para explicar particularidades dos discursos de seus entrevistados, também se aplica à esta reflexão, a partir do momento em que, não só Sebastião, mas também o Mons. Ducéu como pároco ou Avani como sindicalista, narram os fatos que lhes são propostos e, conseqüentemente, suas vidas, a partir de um determinado lugar.

“Cada depoente, ao recordar o momento vivido da memória de sua cultura, faz uma reinterpretação pessoal e grupal, e como se

¹²⁸ Sebastião Pereira da Cunha. Entrevista realizada em 9 nov. 2002, Jaguaruana – Ce.

sabe ‘em uma mesma pessoa que lembra, o próprio ato da lembrança tem a sua história e inscreve-se no contexto de como, a cada vez, quem lembra vive, como um gesto e uma biografia, este contexto nesta história’”.¹²⁹

Por isso, optei para que as entrevistas fossem feitas dentro da farmácia. Para Sebastião, falar de suas recordações do período de enchente, ali, no mesmo lugar, onde na época atendia as pessoas, pode ser algo singular. Para esta pesquisa é algo determinante.

Quando perguntado diretamente sobre seu trabalho, respondeu:

“Meu emprego não foi atingido. As pessoas na época adquiriram muitas doenças, crianças principalmente, mas idosos também. Na verdade, eu trabalhei foi muito, era todo tempo gente aqui comprando alguma coisa, sentada aí nesse banco que tá vendo aí. Gente com lama até nos olhos, doente, viu, mas a gente atendia a todo mundo. Na época morreram tanto pessoas idosas como crianças, viu. A gente fazia o que podia. Aqui era de dia e de noite”.¹³⁰

Seu emprego na farmácia realmente não foi atingido; de uma certa forma foi até intensificado e, porque não dizer, ressignificado. Como ele sugere: não estava ali vendendo remédios, estava mesmo era ajudando o povo. Conforme o pensamento de Lucena, estes relatos construídos na entrevista, podem ser analisados por múltiplos pontos de vista, principalmente em casos como estes onde os narradores constroem e reconstróem suas identidades constantemente e dão oportunidades para a nossa interpretação de suas falas¹³¹.

Sebastião organiza as lembranças pelo tema do trabalho. A possibilidade de ouvir sua fala em “stereo”, como sugere Portelli e Jucá¹³², aponta caminhos outros do alcance da sua narrativa como é o caso das

¹²⁹ LUCENA, Célia de Toledo. *Artes de Lembrar e de inventar*. (re) Lembranças de imigrantes. São Paulo: Arte e Ciência, 1999. p. 26

¹³⁰ Sebastião Pereira da Cunha. Entrevista realizada em 9 ago. 2002, Jaguaruana – Ce.

¹³¹ Cf. LUCENA, Célia de Toledo. Op. Cit. p. 28.

¹³² JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. *A oralidade dos velhos na polifonia urbana*. Fortelza: Imprensa Universitária, 2003. p. 21.

doenças. No que tange a perspectiva do trabalho, ele dá uma outra noção que unifica as proposições que se busca refletir neste ponto: se por um lado temos pessoas que encaram possibilidades de trabalho como atitudes solidárias, quero dizer, trabalhar é também ajudar amigos, vizinhos e até desconhecidos; e outros se aproveitam da calamidade ocasionada pela enchente para ganhar dinheiro; há ainda outros que continuam em seus serviços, tentando, na medida do possível, estabelecer uma regularidade em suas atividades, ou seja, trabalhando da mesma forma que faziam antes da enchente. Sebastião da Farmácia é um dos exemplos de se encarar o trabalho durante a enchente de uma outra perspectiva, neste caso, uma unificação das anteriores: mantém-se o ritmo, ganha-se dinheiro e ajuda-se as pessoas.

Nas entrevistas, estes homens e mulheres dedicaram parte de seus discursos para contar-me as dificuldades que sempre enfrentaram nos mais diversos momentos de suas vidas. Mesmo que tenham sido procurados para contar histórias sobre as enchentes, os encontros com cada entrevistado resultou em dobras que procurei contemplar durante este texto. Nossas conversas se transformaram em amálgamas duvidosas, onde vários sentimentos e recordações foram se misturando e dando condições para se escrever esta história – a História das enchentes em Jaguaruana.

Na perspectiva de que pouco se pode fazer diante da situação que se instala em tempos de enchente, a pergunta “*Fazer o quê?*”, título deste capítulo, aplica-se a outras questões e não somente à problemas relacionados ao trabalho. Diante das doenças e da morte, as narrativas também confluem para mesma indagação. A enchente que muda a vida do sertanejo, elimina algumas saídas para a sobrevivência e ao mesmo tempo recria novas assertivas para a vida. Ou seja, a resposta para pergunta “*Fazer o quê?*”, parece ser dada a todo o momento.

2.2 – “A gente adocece, viu. É muito ruim”.¹³³

“Você sabe que pobre não tem nem direito a ficar doente, né. Mas mergulhado nas águas todos têm, nem tem como escapar”.

D. Eliza

Ao falar da enchente, que foi para todos um período difícil, onde se evidenciou o caráter miserável da população de Jaguaruana, os temas sobre as dificuldades foram se multiplicando. Falou-se dos momentos da saída e chegada em casa, lembrou-se também dos problemas vividos fora de casa, nos abarracamentos ou na casa dos outros. Disseram da falta de trabalho durante os dias de cheia e outro tema recorrente foram as doenças. Junto à recordação da falta de saneamento e higiene, da falta d’água potável e do hospital cheio de pessoas, sobreveio a imagem das enfermidades enfrentadas nos tempos de cheias. A doença marca não somente a memória, mas também o corpo das pessoas, daí talvez a razão para que este tema figure nos relatos destes homens e mulheres.

Geralmente quando falaram das doenças, entrevistados se referiram às situações que eles mesmos tinham vivido, como a doença de um familiar muito próximo ou a própria moléstia.

Neste tópico, a fala de Sebastião da Farmácia terá destaque pois seu relato pois deu maior atenção a este tema, visto que viveu grande parte da sua vida lidando com doenças.

Sebastião, por trabalhar numa farmácia no centro da cidade, teve a oportunidade de conviver sempre entre duas coisas: a doença e a possibilidade de cura, no caso dele, as drogas químicas.

Contudo, o primeiro relato sobre pessoas doentes vem da fala de D. Maria de Lourdes Alexandre. Moradora do Saquinho, comunidade periférica,

¹³³ Francisca Eliza da Silva. Entrevista realizada em 24 jul. 2004. Jureminha, Jaguaruana, Ce.

localizada a 4 km do centro da cidade de Jaguaruana. Em suas histórias sobre a enchente de 1960, relatou a dificuldade de transportar os deficientes na saída de casa naquele ano em que se dizia que “o mundo ia se acabar”.

“Pois bem quando foi cinco horas mais ou menos, as pessoas paráliticas passavam, né, de rede. Aí minha cunhada foi pra minha casa. Eu digo meu Deus de minh’alma, essas pessoas desse jeito, tendo que se retirar. É muito sofrimento né”.¹³⁴

O espectro da doença junto à imagem calamitosa da enchente é algo perturbador. Chico Firmino, que durante a cheia de 1985 recebeu quinze pessoas em sua casa, quando perguntei sobre o problema da fome para aqueles que ficaram abrigados em sua casa, respondeu:

“O problema da fome não foi grande não. Pior foi a doença. Ter que se retirar com a casa cheia de gente e ainda por cima doente é muito ruim. Eu graças a Deus não tive que me retirar de casa não. Mas, mesmo assim, eu tive que sair pra procurar saúde nessa época do Jési”.¹³⁵

Francijési, filho de Seu Chico Firmino, era uma criança de pouco mais de dois anos no período da enchente. O relato de Chico Firmino sobre a doença de uma criança encontra ressonância nas memórias de Sebastião da Farmácia. Sua grande angústia ao referir-se a este tema é relembrar das crianças que naquela época eram atingidas pelas doenças. Em seu discurso, insistentemente fala delas.

“Como a gente já falou anteriormente, muita doença de crianças principalmente, né. Muita criança. Era diarreia, crise de garganta, é... cansaço, criança com falta de ar e só que muitas vezes a gente não podia fazer quase nada, porque, muitos problemas tinha que ser para os médicos mesmo. Pior é que devido a grande quantidade que tinha mesmo de crianças doentes, o hospital já lotado, com pouco médico,

¹³⁴ Maria de Lourdes Alexandre, entrevista realizada no dia 27 mar. 2004 em Jaguaruana.

¹³⁵ Francisco Firmino Neto – Entrevista Realizada no dia 27 de mar. 2005. Jaguaruana – CE.

né. Muitas vezes a gente fazia alguma coisa, mas não muito. Ajudava do jeito que podia, né, até onde a gente podia fazer alguma coisa, né. Mas realmente era um tempo de muita doença séria, né. Infelizmente, algumas crianças chegaram até o óbito.”¹³⁶

O Governo do Estado atentava para questões referentes à alimentação dos desabrigados e mandava para as cidades atingidas alguma sorte de remédios. Em matéria publicada pelo jornal O Povo, de 29 de março de 1974, o INAN – Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição, foi o órgão responsável pelo envio de

“50 Toneladas de alimentos para as vítimas das enchentes. Foram mandados os seguintes gêneros: Arroz, feijão, açúcar, farinha, charque, e leite condensado e em pó. Para os municípios que tinham maior número de desabrigados, Jaguaruana e Aracati, foram enviadas vacinas e remédios: clorafenicol, anti-diarréicos, penicilina, tetraciclina e reidratantes.”¹³⁷

De fato, os remédios chegavam, mas não supriam a demanda. Sebastião viveu, segundo ele, sérios dilemas por conta desta situação. Por causa de seu trabalho, diariamente defrontava-se com situações emergenciais, onde ele, por mais que quisesse, não podia fazer nada. No seu relato ficou evidente o conflito entre fazer caridade e assumir seu trabalho.

“É quando tem enchente, eles, os governantes sempre mandam vir alguma remessa de remédios para o hospital, mas devido a demanda que era grande, muita gente, normalmente não dava para suprir a todo mundo, né. Atender a todo mundo. Principalmente as pessoas mais necessitadas, né, as pessoas mais humildes, já devido a situação difícil. Ter que sair de casa, deixar suas casas. Aí, infelizmente o problema da doença, muitos não tinham com que comprar...E aí tinha que recorrer a farmácia. E o pior de tudo é como eu estava dizendo, que às vezes, pela falta, né, devido até as

¹³⁶ Sebastião Pereira da Cunha. Entrevista realizada em 19 mar. 2005. Centro, Jaguaruana – Ce.

¹³⁷ Jornal O Povo. 29 mar. 1974. *Seguem alimentos e remédios para vítimas das cheias*. p. 8.

dificuldades, teve tempo dessas enchentes grandes aqui que nem se receber um remédio, não se podia vir um, sem ter como o remédio chegar na farmácia, por causa das estradas cortadas. O Expresso deixava lá não sei aonde e a gente que ia buscar de canoa. E como eu dizia, eu tive de ajudar, algumas pessoas, coisa muito pouca, mas o pouco que a gente podia fazer se torna gratificante, né. Algumas pessoas eu tive de dar, assim de pagar do meu bolso, eu comprava o remédio e dava, coisa pouca, porque infelizmente também eu não podia fazer muito, mas eu não queria nem falar isso não, porque... não assim, as pessoas se preocupava com que o médico passava, no medicamento aí pra tomar uma injeção em casa, as pessoas se preocupavam em pagar, não. Já hoje eu não, ninguém cobra, principalmente num período desse. Mas o problema é que eu não podia fazer com todo mundo. Às vezes as pessoas não tinham como pagar pelo remédio. O pior é isso. O pior de tudo é isso. Principalmente quando o médico passa, a pessoa vem do hospital com a receita, né. Alguns eles conseguem receber lá, outros não. Aí as pessoas vem comprar, principalmente quando é criança, fica um negócio difícil que infelizmente a gente não pode, né, abrir a mão pra todo mundo, né”.¹³⁸

O tema das doenças esteve intimamente ligado ao retorno para casa após as enchentes. Seu Avani, quando indagado sobre como tinha sido a volta pra casa, chamou atenção para o comportamento das pessoas, que naquela época, não atentavam muito para as doenças que poderiam acometê-las, e segundo ele, ainda não se tinha grandes conhecimentos.

“A volta pra casa, naquele tempo, vamos dizer que ninguém se preocupava em doença. Não. Porque hoje é que a gente despertou, né. Pra dengue, pra não sei o quê, pra pneumonia, pra aquela doença que diz que o caramujo atinge as crianças pelos pés, né, que vive dentro d’água, quer dizer, naquele tempo era botar o pé na lama e tá bem que não tá, quer dizer que hoje a preocupação hoje seria muito maior, porque hoje tem a preocupação da doença. A doença

¹³⁸ Sebastião Pereira da Cunha. Entrevista realizada em 19 mar. 2005. Centro, Jaguaruana – Ce.

não é mais quando tá enchendo, é também quando tá voltando, né”.¹³⁹

Avani deu a entender que o momento ruim de convivência com a doença, na sua opinião, foi no fim da enchente. Sua fala desperta a atenção para esta outra interface da doença. Como disse Sebastião, se intensifica nos períodos invernosos, com cheia ou não, e permanece durante todo o tempo.

A idéia de Avani é corroborada por relatos e por notícias de jornais. Nas páginas de O Povo do ano de 1974, pode-se encontrar referências às questões relacionadas à saúde pública em tempos de enchente. A matéria intitulada “*Insustentável a situação de Aracati e Itaiçaba*”, além de falar da existência de 4 mil desabrigados naquela região e a intensa busca por recursos e remédios por parte dos prefeitos daquelas cidades, lembra de questões ligadas à falta de higiene das pessoas.

“O médico Gambetá Bruno Neto chama atenção à possibilidade de surto epidêmico após a enchente devido a falta de higiene, pois os desabrigados fazem suas necessidades fisiológicas no próprio local inundado”.¹⁴⁰

Pode-se perceber uma ligação entre a fala de Avani e do Médico Gambetá Bruno no que diz respeito à responsabilidade da população na proliferação das doenças. Segundo os dois, o povo mesmo seria propagador de doenças em seu próprio meio, não podendo culpar somente as águas da cheia.

Nos relatos que falam de mazelas que atingiram a população após a enchente, destaca-se a lembrança do Sr. José Felipe sobre uma praga de muriçocas¹⁴¹.

“Agora depois da cheia ficou muita muriçoca. E houve assim um descontrole. Eu comecei a usar baygon. Com um tubo eu empurrava

¹³⁹ Antônio Avani de Almeida, entrevista realizada em 06 jan. 2005, Jaguaruana, bairro Alto.

¹⁴⁰ Jornal O Povo 26 mar. 1974. *Insustentável a situação de Aracati e Itaiçaba*. p. 12

¹⁴¹ Muriçoca é o nome que se dá ao pequeno pernilongo de hábito noturno, cientificamente chamado de Cullex.

dentro de casa e fechava as portas. Só agüentei 10 dias. Comecei a ter uma sonolência, uma tontura e fui me embora pra Fortaleza me tratar”.¹⁴²

As pessoas retiradas em abarracamentos não escapavam das doenças. Nestes locais onde as pessoas se aglomeravam, as condições de saúde e higiene eram péssimas. Avani falou de um parente que morreu de pneumonia num desses lugares de abrigo, na enchente de 1985. Sebastião falou da situação do Jaguaruana Tênis Clube, lugar que ele pode observar com maior freqüência porque ficava no caminho que ele diariamente percorria de casa para o trabalho.

Sebastião - “As pessoas que se deslocam, vinham para os clubes. Até porque, meu Deus, eles ficavam em grande quantidade, em aglomeração, tudo junto, pessoas, sem ter uma higiene muito grande. Falta de higiene muito grande. Esse clube, eu me lembro que ficou aí, de ficar mesmo, não sei quantas pessoas. E sanitários, eu acho que nem tinha aí.

Kamillo – No Jatec?

Sebastião - Sim, no Jatec e nos outros clubes também, mas principalmente aí. Aí da pra gente imaginar a situação como era. Não tinha como ter uma situação de higiene muito grande. No meio de crianças, principalmente. Muita gente junta, chovia direto. Não tinha nem como as pessoas lavarem uma roupa e dar tempo de secar. A gente via as pessoas reclamarem muito disso, porque foi um período que chovia quase direto, né. Aí sem dúvida, isso aumenta mais os casos de doenças de pele, né”.¹⁴³

Entender a situação sanitária da cidade ocasionada pelo alagamento das ruas é de fundamental importância. Durante o ano inteiro, principalmente em períodos de seca, doenças relacionadas à subnutrição, ao caráter endêmico da fome e à falta do tratamento da água ou mesmo da falta

¹⁴² José Felipe da Silva. Entrevista Realizada no dia 10 de novembro de 2002, no Distrito de Jurema, no município de Jaguaruana.

¹⁴³ Sebastião Pereira da Cunha. Entrevista realizada em 19 mar. 2005. Centro, Jaguaruana – Ce

d'água acometem a população. Em tempos de cheia, as doenças continuam e por causa do ambiente, outros tipos surgem como aquelas ocasionadas pela comida contaminada e pela falta da água tratada.

A “não existência” de água potável era a dúvida nesta pesquisa. Os jornais noticiavam a falta de água potável, o que muitas vezes obrigava o deslocamento das populações em busca de fontes ou até o consumo de águas poluídas.

No que tange à questão referente ao banho, é comum ouvir relatos de pessoas, que disseram banhar-se nas águas da cheia mesmo.



(Foto 02 – Criança tomando banho nas águas da enchente, 1985)

Pessoas de todas as idades tomavam banho, lavavam roupa e até pescavam em praça pública. Mas quanto ao consumo e atividades cotidianas como o ato de cozinhar? Através de conversas informais descobri que essas atividades eram feitas com água da chuva, apanhadas pelos retirados e por aqueles que não estavam retirados, através de um sistema muito conhecido nessas regiões que é a sobreposição de um plástico no varal das roupas; as gotas da chuva que caem no plástico, confluem na direção da inclinação formando um “bica”, enchendo os recipientes colocados em baixo destas. Ainda hoje é comum ver esta prática.



(Foto 03 – Armazenando água da chuva)

O Jornal O Povo noticiou que a água era distribuída em garrafões de 20 litros e tratada com tabletes de cloro, doados pelas instituições.¹⁴⁴

Quando havia risco de vida ou quando a situação ultrapassava os recursos oferecidos pelo Hospital de Jaguaruana, os pacientes eram encaminhados para a cidade de Russas, que, durante 1974 e 1985 foi o Quartel General dos atendimentos de saúde no Vale do Jaguaribe. Esta viagem era geralmente feita de helicóptero por conta da impossibilidade de romper longas distâncias numa canoa e por causa das estradas estarem cortadas pelas águas. Os helicópteros são imagens constantes nos discursos dos nossos entrevistados porque não tinham somente a função de levar e trazer doentes. Eles eram também sinal de socorro: traziam remédios, alimentação, roupas e agasalhos, recolhidos pela defesa civil do Estado.

“Casos mais sérios, mais graves mesmo, os médicos vinham de helicópteros, pra levar estes casos mais sérios, gestantes, pessoas que tiveram que sair daqui. A Éster do Zezito foi uma que ela teve que tava pra ganhar menino pequeno. Ela foi uma das pessoas que vieram buscar pra poder ganhar neném”.¹⁴⁵

¹⁴⁴ Jornal O Povo. 03 mar. 1974. *Op. Cit.* p. 8

¹⁴⁵ Sebastião Pereira da Cunha. Entrevista realizada em 19 mar. 2005. Centro, Jaguaruana – Ce.

As lembranças das doenças durante a enchente são contadas com certo estranhamento, mas também com um sentimento de alívio, próprio de quem passou e sobreviveu para contar a história. É o simbolismo que a água representa no batismo cristão: o de nascer outra vez. Muitas vezes a relação de cura passava também pela própria simbologia da água. Receber remédios foi prática muito comum durante as enchentes. De todas as formas buscava-se a cura para doenças. Mas outros meios de ficar bom como as rezadeiras e os remédios caseiros também foram utilizados, como foi o caso de D. Cota com relação aos chás que ela fazia e Seu Joselias por causa de suas orações e curas¹⁴⁶.

Não são poucas as lembranças sobre os chás que se faziam na época e dos conselhos dados para crianças e velhos não ficarem doentes. D. Eliza, por exemplo relembra de um episódio com seu filho caçula.

“Eu sempre dizia que as águas não eram limpas, pra que eles não fosse querer brincar dentro delas, né. Mas menino, sabe como é que é! A gente dizia, mas logo eles estava tudo com os pés dentro d’água. No outro dia era tudo com frieira. Esse aí, encostado do mais novo, passou o dia tomando banho, às vezes água quente, né. Quando foi no outro dia, amanheceu com febre, dor na garganta, já pra morrer. Tanto conceio que eu dava”.¹⁴⁷

As narrativas sobre doenças e curas ganham outra tônica quando o fim é diferente daquele que se espera geralmente: ao invés da cura, sobrevém a morte.

Os relatos sobre a morte não são muito raros. Sebastião da Farmácia dá notícias de crianças que morreram durante a enchente de 1985. O Jornal O Povo de 1974 constantemente apresentava notícias sobre afogamentos nos rios que atravessam a região do Jaguaribe, que na época, estavam caudalosos por conta das chuvas. No dia 03 de março de 1974 o Jornal O Povo trás a seguinte matéria: *Banho trágico no Jaguaribe: Quatro*

¹⁴⁶ Como diz Paula Monteiro, “A compreensão popular da doença se constitui num universo particular de saberes que muitas vezes escapa e se contrapõe às regras que determinam a interpretação médico-científica”. Cf. MONTEIRO, Paula. *Da doença à desordem: a magia na umbanda*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985. p. 86.

¹⁴⁷ Francisca Eliza da Silva. Entrevista realizada em 24 jul. 2004. Jureminha, Jaguaruana, Ce.

estudantes levados pela correnteza: 2 morreram. O texto diz que em Aracati, em virtude de uma correnteza muito forte, um das passagens d'água do Rio Jaguaribe ficou muito perigosa. Neste dia, dois estudantes afoitaram-se e morreram afogados. Em outra matéria, do dia 20 de março de 1974, afirmou-se que houve afogamentos em Jaguaruana, quando famílias tentavam atravessar o rio para subir a serra, em busca de locais não atingidos pelas águas.¹⁴⁸

A pneumonia também levou algumas pessoas ao óbito nos anos de enchente. Avani conta sobre um primo que morreu num dos abarracamentos, como já foi dito aqui. No entanto, a narrativa mais enfática sobre o tema da morte foi feita por Seu Chico Pequeno, relatada em todos os encontros que tivemos. Lembrar de enchente para ele é recordar a morte da mãe, ocorrida no ano de 1974. Como foi dito outrora, essa é uma das lembranças que organiza seu discurso. A partir dela, ele conta as dificuldades sofridas nas águas, a saída e o retorno pra casa, sempre abalizado pela frase da mãe, que funciona como um eco em suas memórias, quando disse, ao sair de casa, que ia, mas não voltava mais.

Quando a enchente chegou D. Maria enfrentou difícil situação, pois segundo Chico Pequeno, a região onde moravam era distante do centro da cidade e as dificuldades para se arranjar um médico e remédios eram muitas. Retirado para casa de um compadre, enquanto as águas do rio baixavam¹⁴⁹, Seu Chico, tempo depois, levou sua mãe para a comunidade de Cardeais, onde ficaram retirados na casa da sogra de Chico. Ela morreu confirmando o que havia dito quando saiu de casa. O relato sobre a morte da mãe, feito por Chico Pequeno, é um pedaço da sua visão de mundo. Expõe crítica social, relação ética entre pobres e ricos, o valor que o compromisso firmado na palavra tinha no passado, religiosidade, fé e uma espécie de economia moral nos moldes do que sugere a reflexão de E. P. Thompson, no que diz respeito à solução de problemas.

“A véia minha mãe vinha muito doente, muito doente. Aí, eu fui pra rua falar com o doutor lá. Dr. Zé Martins. Aí fui, cheguei na

¹⁴⁸ Jornal O Povo. 03 mar. 1974. *Banho trágico no Jaguaribe: Quatro estudantes levados pela correnteza: 2 morreram.* p. 8 e Jornal O Povo. 20 mar. 1974. *Municípios.* p. 11.

¹⁴⁹ Uma das características mais comum em tempos de cheia é a oscilação do nível do rio.

maternidade, muita gente, na época era muita gente doente. Cheguei, falei lá com enfermeira, aí ela disse:

- Não, não pode entrar não.

- Não pode entrar porquê?

- Não ele tá...

- Não, eu tenho que falar com ele. Eu tenho que falar com ele. Ou com ordem ou sem ordem eu tenho que falar com ele.

- É, eu não dou essa ordem.

- A pois eu entro sem ordem. Cheguei na porta do hospital aonde ele tava, no quarto:

- Doutor, vou entrando aqui sem ordem, que a enfermeira não quer dá ordem pra eu vim falar com o sr e eu vim. Pode entrar? Abri a porta entrei. Cheguei falei pra ele. Ele disse:

- Bem espere que amanhã de manhã vou lá.

- Vai mesmo doutor?

- Eu vou lá. Pois muito bem, falei com ele aí vim embora. Quando foi no outro dia bem cedinho, ele chegou. Chegou, fez a consulta da véia disse:

- Eu vou passar um remédio pra véia. Eu digo:

- Doutor, e o remédio como é? Eu sem nada, né.

- Não, o remédio eu vou mandar, o remédio. Você não vai nem buscar não. Eu mando entregar, entregar tudo.

- Tá muito bem doutor, eu agradeço. Foi no outro dia, o remédio chegou, ele mandou o remédio. Ela começou a tomar o remédio, e começou a melhorar e começou a melhorar e depois, acabou-se o remédio, eu fui lá de novo, ele ainda foi lá outra vez. Quando ele chegou, ele olhou a velha assim aí abanou com a cabeça. Não, ele não abanou assim, abanou assim (**primeiro fez sinal de sim e depois de não movimentando a cabeça**). Quando ele abalou com a cabeça, eu sento com ele e digo:

- Não tem jeito né doutor.

- Não, vamos pelejar, vamos pelejar. Aí, quando ele saiu aí chegou assim na frente da casa de um colega meu, aí foi ele disse:

- É aquela não tem jeito não. Aí, quando ele saiu as meninas me disseram, as donas da casa me disseram. Disse:

- Chico ele disse que a tua mãe não tem jeito não.

– É? Não tem o que fazer. Deus é quem sabe. E de fato, não teve mesmo não, teve mesmo não. Quando ela saiu daqui, a canoa me aparou mesmo aqui. A canoa me aparou mesmo aqui. Quando ela saiu daqui ela disse:

- Meu fi, eu vou mas não volto mais. Disse mesmo. Já era bem velhinha, tava perto duns cem anos. Morreu no período da cheia. E disse:

- Meu fi, eu vou e não volto mais.

- Não mamãe, pode ser desse jeito que volte. Ai não conseguiu voltar. E quando ela morreu, pra eu acabar de contar a história, porque é difícil eu me lembrar de uma coisa, às vezes lembro, às vezes não lembro. Quando foi no dia, que eu tava longe nesse tempo arranchado. A mulher foi disse:

- Chico, tua mãe ta tão doente hoje, ta pior.

- Ta? Aí, nesse tempo, fui lá na rede dela, e digo é. Quando foi de noite eu digo, eu vou convidar um colega pra vim passar a noite aqui mais nós. Ela talvez não passe de hoje não. Aí fui que ele morava aqui de frente:

- Tarcísio, eu vim lhe chamar pra você passar a noite ali mais nós, que a mamãe essa noite ta muito doente, por causa disso ela não passe de hoje.

- Vou, vou.

Aí veio. Passar a noite mais nós. Aquilo era devoto. Quando deu umas três horas da madrugada ela morreu. Quando ela morreu, eu não tinha uma banda, eu não tinha um tostão. Aí a mulher foi e disse pra mim, aí foi disse:

- E agora?

- Não, ainda não tô vendo bicho não. E graças a Deus coragem nunca me faltou não, ainda não tô vendo bicho não. Eu queria que ela fosse viva, mas já que Deus não quis, não tô vendo bicho não. Me taquei pra rua, sem nadinha, só com a cara. Sacudi pra rua. Primeira casa que eu fui foi a do Raí. Cheguei lá o Raí era vivo.

- Raí, a véia minha mãe morreu, eu preciso de um caixão, mas não tenho dinheiro, pode ser? Ele disse:

- Pode macho. Ele gostava de chamar a gente de macho.

- Pode macho, isso é conversa.

– A pois eu vou pra frente, quando eu voltar eu passo aqui. Tirei pra frente. Cheguei, encontrei com o coveiro, falei com o coveiro eu disse:

- Eu quero que você cave uma cova pra véia minha mãe, mas eu não tenho dinheiro. Pra tudinho eu dizia, eu não tenho dinheiro. Mas eu não engano a nenhum.

- Cavo Chico, cavo, cavo a cova.

Bora. Passei. Cheguei não lolanda, você conhece a lolanda. Você conhece a lolanda? Ela tinha, ela tinha, negociava mais o Mário Bezerra. Cheguei, ela já me conhecia, ela disse:

- Que é que há, seu Chico?

- lolanda há muita coisa, eu to comprando só sem dinheiro, só com a cara. A véia minha mãe morreu, eu tô sem recurso, eu quero enterrar ela, eu quero a mortalha, o que precisar prum defunto.

- Sim senhor, seu Chico. Foi marcou nas prateleiras, as fazendas. Aí foi e disse pra mim:

- Seu Chico, só não tem preta, só tem branca. Eu digo:

- Era do jeito que ela queria, que quando ela morresse não enterrasse ela de preto, por Deus como ela pedia. A lolanda veio, trouxe tudinho o que precisava.

- lolanda um dia eu venho aqui lhe pagar. Me dê a conta. Me parece que faltou uma besteira pra cem mil réis, nesse tempo, se fosse hoje era um ruma de dinheiro, mas naquele tempo ela mais difícil eu arrumar cem mil reis que hoje eu arrumar mil conto, mil real. Um milhão de cruzeiro. Aí, ajeitei tudinho, passei no Raí. Ele disse Chico pode tirar o caixão aí. Tirei o caixão passei na cabeça. Levei na cabeça lá pros cardeais. Encontrei com um amigo no caminho.

- Rapaz um negocio desse, como é que você faz isso, trazer um caixa na cabeça, porque que você não falou com pessoa?

- Eu não tinha com que pagasse não. Eu não tinha com que pagar e isso aqui também não é nada pesado não, eu levo. É pra minha mãe. Cheguei, mandei fazer mortalha, ajeitei tudinho, quando foi de tarde tinha um bueiro, tinha uma canoa que a gente passava pra ir pra rua. Encostou o canoeiro ele disse:

- Chico, a canoa de tarde é liberada, pra você passar o pessoal. A canoa de tarde é sua.

- Tá muito bem Antônio Benedito. Antônio Benedito. Tá muito bem Antonio. Quando foi de tarde, passei pra lá e pra cá. Você vê as coisas como dá certo. Aí, levemos na igreja. Eu fui na casa do padre. Esse padre do céu:

- Padre, o corpo tá na igreja eu queria celebrar uma missa de corpo presente. Ele olhou pra mim, eu digo:

- Eu quero saber quanto é. Ele foi me disse:

- Você tem com o que pague?

- Eu não sei, quero saber quanto é. Ele foi disse:

- Não a missa eu vou celebrar de graça. Eu não passei lá, lá onde você tava, com a sua mãe morta, porque eu vinha em cima d'uma carroça lá do Antonio de Sena pra rua. Vinha em riba d'uma carroça. Passou na minha porta.

- Eu não passei lá porque eu não sabia que a véia tinha morrido. A missa eu vou celebrar de graça. Vá lá na Alfa, tire um atestadozim, que eu vou celebrar a missa de graça. Tirei pra Alfa, tirei pra Alfa. Eu digo:

- Alfa, eu quero um atestadozim ai pra véia minha mãe, que eu já falei com o padre, mandou que eu viesse aqui. Quanto é?

- Nada não.

Graças a Deus fui muito feliz. Aí foi, nem paguei a ela e nem paguei o padre.

Aí foi com dois meses, peguei dinheiro e sai pagando a tudinho. O caixão tinha sido 50 conto, eu cheguei e digo:

- Raí, você me disse que o caixão é 50 conto, eu lhe dando 40 conto paga o caixão?

- Paga macho!

- Então pegue.

Cheguei no coveiro, a cova era 50 conto, eu disse a mesma coisa, eu digo:

- A cova você me disse que era 50 conto, 40 paga? Ele disse:

- Paga.

- Tá certo. Paguei.

Fui pra Iolanda, lá faltou uma besteira pra cem conto. Mas lá eu paguei tudinho, lá eu paguei tudinho".¹⁵⁰

¹⁵⁰ Francisco Luiz da Silva, entrevista realizada em 19 jun. 2004. Jureminha, Jaguaruana – Ce.

Mesmo sendo muito extenso, o relato serve para mostrar como a relação dos fatos se estabelece na marcação das memórias. A história que Chico Pequeno contou não foi somente sobre a morte de sua mãe, mas também a situação da cidade e do Hospital Municipal durante a enchente, do comércio da época, de como se faziam negócios, do sentimento de perda de um parente próximo, entre outras coisas. A enchente é, neste caso, um pano de fundo, onde se desenrola um universo social muito mais complexo. Ademais, sua fala não descreve somente acontecimentos, mas a ele próprio. Por isso optei por transcrever a fala completa. Além de transmitir bem a proposta deste trabalho, é um relato muito importante para Seu Chico, visto que nos nossos seis encontros, sempre contou tal história, oferecendo a cada vez, novos elementos para melhor compreender em que ambiente se deu a enchente e como o fato da morte de sua mãe se inscreveu neste acontecimento. Enfim, mais do que a simples opção pelo transcrição do trecho completo, Seu Chico também quis que esta fala estivesse aqui.

Em seu relato está presente elementos de uma negociação cotidiana, subvertida por ele de diversas formas, como por exemplo, na hora do pagamento das dívidas, quando da iniciativa de pedir descontos no preço dos serviços. A relação de amizade vista, por exemplo, no devoto que se dispôs a passar a noite velando por D.Maria, e da solidariedade observada na atitude do dono da canoa. São caminhos para se compreender a presença e o lugar de Chico Pequeno na comunidade: o homem mais velho, experiente, contador de histórias mas também, pessoa direita, séria e de confiança.

As narrativas sobre doenças e mortes marcam os discursos destes homens e mulheres à medida que suas memórias juntam-se à outras marcas mais visíveis que podem estar em seus corpos ou em outros suportes da memória, como os cheiros, objetos e lugares.

As inundações retratadas na atualidade pelos jornais impressos ou pela televisão funcionam como interruptor para estes sentimentos que podiam estar “desligados” ou guardados nos universos pessoais de cada um. O ano de 2004, por exemplo, fez com que muitos relembassem das enchentes com mais vigor e propriedade, chegando, às vezes a dizer que outros anos muito pareciam com aquele que estavam vivendo no momento. Com os periódicos aconteceu coisa semelhante. Inundações nas comunidades

ribeirinhas e na periferia de Fortaleza fez com que os jornais Diário do Nordeste e O Povo criassem cadernos e seções específicas sobre as chuvas de 2004. No que tange às doenças, não foi diferente. Assim como em 1974 e 1985, estes jornais traziam matérias que se preocupavam com as condições sanitárias da população de Fortaleza, desta vez, por causa de transbordo de canais e por conta da proliferação de epidemias como o Dengue por todo o Estado.¹⁵¹

Outro interesse explorado pela coletividade e pela mídia em geral foi a eleição municipal que aconteceu neste mesmo ano de 2004. O ambiente político em que mergulhou a cidade fez emergir, durante as entrevistas, histórias variadas sobre as políticas públicas e as atitudes governamentais tomadas em tempos de enchente e é com estes temas que sigo adiante.

¹⁵¹ Sobre as chuvas de 2004 consultar os jornais Diário do Nordeste e O Povo nos meses de Janeiro, Março e Abril de 2004.

2.3 – “O Governo passou a mão por cima”.¹⁵²

“Ai de nós se não tivesse sido
os ovos do Gonzaga Mota”.

Chico Pequeno

Os entrevistados desta pesquisa falam indistintamente das ajudas oferecidas pelos Governos Estadual e Municipal durante o período de enchente, principalmente quando estes ficaram fora de suas casas. A diferença dos discursos localiza-se nas opções oferecidas pela experiência pessoal de cada um, que, a partir daí, compõe sua fala e, obviamente, lembram-se destes fatos de uma forma diferente. Neste momento específico, atinam às histórias onde, em suas memórias, figuram as ajudas recebidas dos órgãos públicos.

O trabalho é escasso durante a cheia, não se podia abrir frentes de serviço como se faz na seca, restando ao retirante das águas, no dizer de Chico Pequeno comer “*às custas do Governo e esperar que viesse alguma ajuda*”. Desta forma, é comum ouvir relatos sobre distribuição de cestas de alimentos, agasalhos e medicamentos. De 1960, ano da inundação agravada pelo rompimento da parede do açude Orós até a 1985, última enchente de grandes proporções que atingiu o Vale do Jaguaribe, muitas são as lembranças que relatam as ajudas recebidas.

Partindo da afirmação de Avani, pode-se perceber o quanto as ajudas institucionais marcam os discursos dos entrevistados. Segundo ele: “*Não sei onde isso teria parado se não fosse aquelas ajudas, aqueles trator carregado de bolsas, distribuindo mercadoria para o povo, viu. Não sei*”.¹⁵³

O livro *A Multidão e a História. Saques e outras ações de massa no Ceará*, escrito pelo Professor Frederico de Castro Neves, trouxe-me

¹⁵² Francisco Luiz da Silva, entrevista realizada em 25 jul. 2004. Jureminha, Jaguaruana – Ce.

¹⁵³ Antônio Avani de Almeida, entrevista realizada em 13 nov. 2002. Jaguaruana, bairro Alto.

indicações para melhor compreender a ação das populações quando inseridas num contexto social onde há a exposição pública de suas misérias e um agravamento das dificuldades sociais; e sobretudo, que tipo de atitude estes grupos têm frente aos fenômenos, como por exemplo a seca ou a enchente, que sempre superam o caráter climático e tornam-se, uma rede de intrigas mais elaborada, não só um problema climático mas um problema social¹⁵⁴.

Às vezes, como não se tem nem se pode criar trabalho, frente ao espectro da fome resta o recebimento de gêneros. Avani faz um relato bem detalhado sobre a distribuição de mercadorias. Segundo ele, mesmo passando por tamanha dificuldade durante a enchente de 1985, nos lugares de abrigo o povo estava todo misturado, o sofrimento era grande, mas todos tinham o que comer.

“Kamillo, sobrou mercadoria. Na cheia de 1985 a calamidade publica foi pelo volume d’água, mas hoje a fome tá muito maior, tá muito mais triste que em período de cheia. A cidade é pequena, você sabe. É grande hoje porque tá tudo no seco, mas no dia em que tava todo mundo no centro da cidade era uma cidade pequena. Era assim uma coisa sem limites. Pessoas estranhas com pessoas estranhas. Não era ter um pessoal de um bairro só num setor. Era tudo misturado. Tudo misturado e tudo com comida. A gente recebia assim uma fava preta, era uma delicia. Era a fava preta trazida pelo Governo. Ovos, era assim a granel. Só se falava nos ovos. Todo mundo recebia. Não era uma distribuição para cada família, cada pessoa recebia. Tantos quilos de fava, tanto isso, tanto aquilo, tantos pacotes de massa, tantas bandejas de ovos...”¹⁵⁵

¹⁵⁴Frederico fala de seca, mas uma de suas conclusões serve de indicação pra reflexões contidas neste trabalho. Segundo o autor, quando da interpretação do relato de um de seus entrevistados sobre momentos críticos da seca, existem “*Alguns métodos de pressão utilizados pelos retirantes. O principal deles é a concentração maciça exigindo – na forma, às vezes, de pedidos que apelam à caridade – trabalho e alimentos, deixando como último recurso, como bem enfatiza o engenheiro, a esmola pura e simples*”. O trecho se refere a um relato do Sr. Paulo de Brito Guerra, ex-engenheiro do DNOCS (Departamento Nacional de Obras Contra a Seca). NEVES, Frederico de Castro. *A multidão e a História: saques e outras ações de massa no Ceará*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 2000. Coleção Outros Diálogos; 3. p. 14.

¹⁵⁵ Antônio Avani de Almeida, entrevista realizada em 13 nov. 2002. Jaguaruana, bairro Alto.

O relato da memória não deixa escapar as possíveis sensações vividas na época, como a satisfação de receber mercadoria quando esta ação era a mais vibrante saída para se evitar as privações enfrentadas em tempos de enchente. Não haveria, para Seu Avani, motivos para omitir as misérias da cheia, no que tange ao tema aqui tratado, visto que já fizera isso diversas vezes, ao me contar sobre outros momentos da enchente e ao fazer referência ao presente e ao futuro, quando disse ser a fome de hoje maior que a de ontem, maior que a do período da enchente.

Esta fala de Avani pode ser interpretada a partir de duas questões. Primeiro, as pessoas que passam fome atualmente, não recebem ajudas do Governo com a intensidade vista em tempos de cheia: “toda a semana e em boas quantidades”; e segundo, o tempo que hoje se vive é de seca ou de “seca verde”. Os períodos de enchente foram calamitosos mas todos sabiam que quando passasse, restava a esperança de se ter uma safra a partir do “molhado da cheia”, como o próprio Avani outrora afirmou. Este sentimento não existe durante a estiagem.

De acordo com jornais da época, o Governo do Estado após os episódios de 1960, quando do “arrombamento” do Açude Orós, começou a pensar numa política de convivência com as intempéries naturais. Criou o GESCAP – Grupo Especial de Combate às Calamidades Públicas, instituído à então Secretaria de Agricultura e Abastecimento, pelo Decreto Lei de Nº 9.537 de 31 de Agosto de 1971, vislumbrando a situação de seca enfrentada pelo Estado nos primeiros anos da década de 1970. Até esse ambiente de seca pode ser verificado nos relatos. Seu Chico Pequeno, num de nossos encontros, quando perguntado pelas chuvas de Janeiro de 1974, disse: “Em 71 foi seco aqui pra nós, sequim, sequim... Aí 72, 73, quando foi na entrada de 74, no 1º de janeiro, aqui foi um absurdo d’água”.¹⁵⁶

O órgão criado pelo Governo do Estado logo estaria em campo de ação por conta de uma enchente em 1974, gerindo recursos financeiros, gêneros alimentícios, medicamentos, peças de vestuário e barracas de lonas, material que foi mandado para os municípios durante a passagem da enchente.

¹⁵⁶ Francisco Luiz da Silva, entrevista realizada em 25 jul. 2004. Jureminha, Jaguaruana – Ce.

Não foi a primeira vez que o GESCAP apareceu nas páginas de O Povo, mas em matéria publicada no dia 20 de março de 1974, o Grupo afirmava que “*novas enchentes poderão ocorrer, uma vez que continua chovendo em todo sertão cearense*”¹⁵⁷, a instituição estatal adquiriu relevância por conta do agravamento da situação e a partir dali, quase sempre, junto com os fatos das enchentes por todo estado, passou a figurar na capa do jornal, tendo suas ações amplamente divulgadas.

Nossos entrevistados não fazem referências às siglas, contudo, relembram da ação do governo e nomeiam as pessoas que trabalhavam na distribuição de alimentos a partir de outros referenciais da sua experiência. Chico Pequeno lembra assim:

“Aí, e quando a água invadiu a casa nós tinha que procurar o alto. Aí, veio a **autoridade** tomar de conta do pessoal. Pra vir o alimento, e traziam aquelas lonas naqueles carros e traziam aquelas barracas dentro mato, ai a gente ia pra dentro delas. Ali trazia a massa de milho, trazia a fava, trazia o arroz, traziam tudo. Aí foi a nossa salvaguarda foi isso daí”.¹⁵⁸

Outra vez se refere a estas pessoas que vinham como se fosse a polícia: “*veio a polícia, trazendo aquelas lonas, chegava dentro do mato era só fincar, fazia aquelas barracas, a gente se arranchava. E a mercadoria vinha também.*”¹⁵⁹ Seu Avani fala das pessoas que vinham fornecer ajudas durante a enchente de outra forma. Ele destaca uma parte da vestimenta destes funcionários para nominá-los.

“A mercadoria se recebia sem problema. Tranqüilo e com calma. A distribuição já vinha diretamente pelos homens lá do governo, lá os... tá entendendo? Os **punhos vermelhos**, como diz o ditado.”¹⁶⁰

A marcação da memória dos depoentes mostra como eles mantiveram contato com o cotidiano descrito pelos jornais e pelos documentos

¹⁵⁷ Jornal O Povo de 20 mar. 1974. p. 12.

¹⁵⁸ Francisco Luiz da Silva, entrevista realizada em 19 jun. 2004. Jureminha, Jaguaruana – Ce.

¹⁵⁹ Francisco Luiz da Silva, entrevista realizada em 25 jul. 2004. Jureminha, Jaguaruana – Ce.

¹⁶⁰ Antônio Avani de Almeida, entrevista realizada em 09 jan. 2005. Jaguaruana, bairro Alto.

oficiais, e como ressignificaram estas características de acordo com suas experiências. O Exército, a Defesa Civil do Estado, agentes da Cruz Vermelha internacional¹⁶¹, funcionários do GESCAP e até mesmo voluntários, figuram na memória através de denominações carregadas de sentidos para estas pessoas, como a “polícia” ou os “punhos vermelhos”. Esta dessemelhança contida nas lembranças dos nomes das entidades que trabalharam durante a enchente não se repete quando da recordação das ações efetuadas por eles. Há uma lógica que rege o discurso de nossos entrevistados, fazendo com que as histórias sobre ajudas governamentais tenha uma correspondência ao passo que estabelecem conflitos como por exemplo, de elogiar ou não os políticos da época.

Avani é mais detalhista quando narra a ação do prefeito da cidade durante a enchente. Coincidentemente, o prefeito da cidade de Jaguaruana durante as enchentes de 1974 e 1985 foi o Sr. Manuel Barbosa Rodrigues. Popularmente conhecido como *Manezinho*, o ex-prefeito sempre é citado nas entrevistas, não somente por Avani, mas por todos os outros entrevistados. Sua atuação como prefeito, em 1974, está atrelada a figura de seu Vice, o Sr. José Hamilton, que segundo relatos, foi quem assumiu a responsabilidade da administração da cidade durante o período da cheia. Em 1985, a imagem de Manezinho, divide espaço com a do então Governador do Estado, o Sr. Gonzaga Mota. Quando Seu Avani recorda a atuação da Prefeitura Municipal durante estas duas enchentes, logo descreve o ambiente que se instalou e não se esquece de nenhum dos personagens:

“Olha, em 74 e 85 o prefeito era o mesmo, o seu Manezinho Barbosa, eu já lhe disse. Mas que em 74 teve ajuda, mas não foi muita não. Logo quem administrava mesmo era o Zé Hamilton, que era o vice. Teve ajuda, mas não foi igual a 85 não. Em 85, Seu Manezinho logo decretou calamidade pública, parou as escolas e o povo começou a entrar pra dentro, foi quando começou a calamidade. Ele requisitou dez canoas aqui dessa região do Alto para retirar o pessoal. Não foi o suficiente, mas foi um começo.

¹⁶¹ Em matéria publicada no Jornal O Povo de abr. 1974, fala-se da presença da Cruz Vermelha em visita aos desabrigados da enchente. Em 1985 também há relatos da visita desta instituição ao Vale do Jaguaribe.

Quando deu fé, foi chegando a mercadoria, mercadoria mandada pelo Gonzaga Mota que era o Governador”.¹⁶²

De fato, lembrar os administradores é comum nas falas. As iniciativas tomadas por estes durante os períodos de enchente ainda hoje são lembranças muito fortes, fazendo com que estas pessoas tenham um destaque em suas falas.

Assim como em 1974, o então Governador do Estado, Sr. César Calls, concentrou suas atividades de convivência com a enchente, a partir do trabalho do GESCAP, indo até, conforme o Jornal O Povo, ao presidente Ernesto Geisel¹⁶³. Em 1985, o Governador Gonzaga Mota, através do projeto Missão Asa Branca, que foi criado em 1982, com o objetivo de combater a seca, desenvolveu atividades durante a enchente, até a missão ser encerrada naquele mesmo ano.

Seja durante a seca ou durante a cheia, as medidas paliativas implementadas pelo Governo como as frentes de serviço ou a distribuição de mercadorias, estigmatizaram positivamente a figura destes sujeitos. Foi isto que aconteceu com a figura de Gonzaga Mota.

Durante a cheia de 1985, o Governador Gonzaga Mota esteve por três vezes na cidade de Jaguaruana e nestas visitas, segundo relatos, esteve sempre observando, de perto, o estado da cidade. Comunicando-se sempre com o povo, a ponto de ainda ser figura viva na memória da população local.¹⁶⁴

“Eu tive de ver por três vezes o Gonzaga Mota aqui em Jaguaruana junto ao Manezinho Barbosa. Ali naquela região aonde hoje é o Eudes do Raí. Ali era um verdadeiro porto das canoas. Eu

¹⁶² Antônio Avani de Almeida, entrevista realizada em 13 nov. 2002. Jaguaruana, bairro Alto.

¹⁶³ Cf. Matéria publicada no Jornal O Povo, 29 mar. 1974 que disse: *Governador vê inundações e vai a Geisel*. p. 1, 12. Do corpo da matéria, destaco a seguinte frase: *Amanha o engenheiro César Calls irá a Itaiçaba, Jaguaruana e Aracati para complementar as informações de que dispõe e observar “in loco” a situação*”.

¹⁶⁴ Em campanha para Deputado Federal nas eleições de 2002, Gonzaga Mota exibiu, no seu horário eleitoral gratuito, imagens da cheia de 1985, dentre as quais destaca-se a do prédio da Prefeitura Municipal de Jaguaruana. Comparando o quanto a figura de Gonzaga Mota permanece viva na memória da população local, é importante registrar a sua votação naquela cidade que totalizou 2.191 votos. Sem ao menos visitar a cidade de Jaguaruana ou, aparentemente, sem ter alguém trabalhando para ele durante o interregno eleitoral, como justificar esta votação sem pensar nas explicações que a memória do povo oferece quando é lembrado como *salvador do povo* durante a enchente?

falei pra você que o pessoal que vinha de Gogui, Antonópolis, São José, amarrava as canoas ali na D Lenice Valente. E ali naquele lado do carnaubal, Córrego do Machado, amarrava as canoas ali onde é o Eudes do Raí.

Por sinal um dia eu vi uma mulher chorando dentro de uma canoa, porque a casa dela tinha caído – eu não tenho conhecimento do nome da mulher, mas é do Tabuleiro – e o Gonzaga Mota sentou-se no banco da canoa e botou o filho dela nos braços. Não sou só eu que lembro disso não, dezenas de pessoas daquela região, naquele dia viram o Gonzaga Mota. E ele anunciou dentro da canoa que a partir do dia seguinte tinha mercadoria pra gente ir receber”.¹⁶⁵

Cabe ressaltar que todas estas iniciativas operadas pelos poderes constituídos são vistas pela população como atos de benevolência e bondade. Este tipo de discurso sempre foi muito notável visto que estas ações tornam essas pessoas em salvadores; ratificam o caráter paternalista inerente à política brasileira. São inúmeros os exemplos de pessoas que se fizeram, isto é, construíram suas imagens às custas da miséria do povo. Com Gonzaga Mota não aconteceu o contrário. Criou-se o mito do “Homem dos ovos”, em virtude de ter sido os ovos de galinha, a alimentação mais distribuída durante a enchente de 85.

“Era duas vez por semana. Aí dizia, hoje chega o avião, era abaixando um e subindo outro, baixando um e subindo outro, cheio de mercadoria, cheio de mercadoria. Foi no tempo do Gonzaga Mota, nós chamava ele de Gonzaga dos ovos (risos). Eu falei com ele e disse você é o homem dos ovos. Ele foi e disse, sou eu mesmo”. (Chico Pequeno)¹⁶⁶

“Em 85, um que cidadão já hoje é falecido. Ele foi pra fortaleza, falar diretamente com o Gonzaga Mota, foi pra Fortaleza trouxe 3 mil ovos, 3 mil ovos. Aí ele dava dez, com a bolsinha de mercadoria, um arrozinho, feijão, coisas e dava dez ovos a cada uma pessoa. 3 mil

¹⁶⁵ Antonio Alvanir de Almeida, entrevista realizada em 13 de novembro de 2002, Alto, Jaguaruana - Ce.

¹⁶⁶ Francisco Luiz da Silva, entrevista realizada em 12 jan. 2005. Jureminha, Jaguaruana – Ce.

ovos daria para trezentas pessoas. Você já sabia disso, ele ficou conhecido como o homem dos ovos, e era mesmo”.(Avani)¹⁶⁷

“O Governador nesse tempo era o Gonzaga Mota, este é quem baixava de helicóptero, até na praça, viu, trazendo recurso. E então, trazia mercadoria e distribuía. Manezinho nesse tempo era prefeito e o Gonzaga Mota deu apoio a ele. Até o Gonzaga Mota ficou como o homem dos ovos. Ainda hoje é conhecido”.(José Felipe)¹⁶⁸

“No tempo que o Gonzaga Mota era o Governador ele mandou muita ajuda pra cá. Muito ovo. Os ovos do Gonzaga Mota, lembra? (risos)”.(Sebastião da Farmácia)¹⁶⁹

Os relatos de Chico Pequeno, Avani, José Felipe e Sebastião da Farmácia são leituras sociais criadas em torno da pessoa do ex-Governador. Os relatos sobre as ajudas sempre vem acompanhados dos nomes que deram estas ajudas. Portanto, relatar a história das ajudas concedidas durante a enchente é, para estes homens e mulheres, falar de pessoas que os ajudaram, não importando, ou não parecendo importar, que interesses podiam estar envolvidas naquela iniciativa.

Seria importante perceber ainda de que fatos concretos tais lembranças advém. Neste caso, o pano das memórias sobre as ações dos políticos foi a necessidade vivenciada na época e agravada por conta da enchente. Para E. P. Thompsom, a atitude dos povos, frente aos problemas, mesmo que demonstre em si uma relação ambígua, trás consigo, na gestação das idéias uma noção legitimadora.¹⁷⁰

Estas lembranças também vêm carregadas de sentimentos que podem ser alegres ou tristes. Receber as mercadorias que vinham do Governo era, por exemplo, seu momento de alegria, ou melhor, a lembrança do episódio apresenta uma narrativa feliz. Mas nos relatos de Sebastião, Chico Firmino e

¹⁶⁷ Antônio Avani de Almeida, entrevista realizada em 13 de novembro de 2002, Alto, Jaguaruana - Ce.

¹⁶⁸ José Felipe Miguel. Entrevista realizada em 10 nov. 2002. Jurema – Jaguaruana, Ce.

¹⁶⁹ Sebastião Pereira da Cunha. Entrevista realizada em 9 nov. 2002, Jaguaruana – Ce.

¹⁷⁰ Cf. THOMPSON, E. P. A economia mora da multidão inglesa no séc. XVIII. In: *Costumes em comum*. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p 152.

principalmente de Avani e Chagas Serafim aparece a idéia de um certo clima político que regia, algumas vezes, o processo de distribuição de mercadorias.

Antes de passar para este tema propriamente dito, é preciso explicar que Jaguaruana é uma cidade do interior do Ceará que, politicamente, vive subjugada a dois grupos políticos. Nas enchentes de 1960, 1974 e 1985, este ambiente era ainda mais forte. Os Jaguaribe e os Freitas eram duas famílias que se revezavam no poder. Para se ter uma idéia, o prefeito de Jaguaruana em 1960 era Adalberto Freitas, enquanto que nas cheias de 1974 e 1985, o prefeito foi Manezinho Barbosa, herdeiro político da tradição Jaguaribe. Esses grupos se cognominavam Chapéu (Freitas) e Bigode (Jaguaribes) e mantinham acirrada a disputa política durante o ano todo em frentes de oposição. A cidade se dividia em torno destas duas facções políticas. Em tempos de enchente não era diferente.

Apesar de Avani e outros terem me dito que não faltou ajuda e sobrou comida em 1985, é evidente que num período calamitoso como a enchente, não se houvesse criado um ambiente de fome e doença como já foi visto. Além disso, outros entrevistados não apresentam os políticos como normalmente se fala deles. Seu Joaquim Cariri ojeriza o nome do Governador Gonzaga Mota.

“O Gonzaga Mota, mandou ovos pra ali. Pra cá não mandou não. Era no tempo do Manezinho, por sinal na política eu nunca gostei do Gonzaga. Vocês chamam ele de Gonzaga Mota? Mas eu chamo ele de Gonzaga *Mole*. Porque ele é mole mesmo, é o bicho mais chato do mundo. Botar um cara daquele no Governo. Fez nada, deixou todas as estradas acabadas. Achou que os ovos eram baratos e enchia de ovos o povo, com qualquer parte de dinheiro ele comprava, como de fato comprou. Mandou ovos que apodreceu por aí”.¹⁷¹

Na imprensa também se pode ver críticas em relação a atuação do Governos estaduais em diferentes épocas. Em 1960 e 1974, mesmo dizendo os entrevistados que deu pra passar e os jornais e relatórios do GESCAP, terem registrado as inúmeras quantidades de mercadoria

¹⁷¹ Joaquim Cariri. Entrevista realizada em 27 de julho de 2005 na comunidade de Cardeais. Jaguaruana.

distribuídas em todo Estado naquele ano, os mesmos homens e mulheres que entrevistei reconhecem que foi um período difícil, expondo a complexidade da memória que é feita de contradições e conflitos.

Entretanto, num de nossos encontros Avani foi deixando escapar outros aspectos que não haviam sido mencionados antes. Falou das ajudas que vinham, mas lembrou do favorecimento político que fazia com que as ajudas chegassem a uns e a outros não. Talvez tenha falado sobre isto, influenciado pelo clima político atual que a cidade vivia¹⁷², lembrando e muito, as antigas disputas protagonizadas pelos Jaguaribe e os Freitas.

Avani - “Vou falar da minha experiência. Vai funcionar um pouquinho de politicagem aqui no meio. Pra não usa nomes de ninguém, eu e você somos dois candidatos, eu derrotado e você eleito. Se você é eleito, você claro que vai tapar os becos que eu como derrotado trazer mercadorias para o meu povo, ta entendendo. Eu não tenho medo de gravar e de assumir o que eu to dizendo. Se eu sou derrotado, mas tive uma chance de conseguir um negocio lá para alguém, é claro que as minhas bolsinhas de coisas, eu vou escolher para aqueles que votaram em mim. Isso, vamos dizer assim, se não acontece, mas eu como experiente, como sofredor, eu temo a isso, ta entendendo? Vamos dizer hoje, hoje, na altura em que foi a política e continua sendo, hoje. Nós pegamos aqui um negócio ao contrário do que se espera, uma seca ou uma cheia, eu não quero nem que você combine, quem trouxe pelo lado da administração atual, eu acho que vai olhar com melhor olhos pra quem ajudou o prefeito a subir ao ultimo degrau e quem trouxe pelo lado que não teve vitória, vai lá para os que ficou sem vitória. Isso, se eu aborrecer na gravação, que me desculpe, que me perdoe, mas é o meu ponto de vista. A minha preocupação com cheia, com seca, com calamidade pública...

Kamillo - Você fala isso a partir de coisas que aconteceram no passado?

¹⁷² As entrevistas foram feitas logo após a posse do atual prefeito, o Sr. José Augusto de Almeida. Os ânimos políticos continuavam acirrados estabelecendo uma disputa entre o grupo político do atual prefeito e da candidata derrotada nas eleições de 2004, a Sra. Ana Maria Barbosa, filha do ex-prefeito, Manezinho Barbosa.

É. Porque em 85 aconteceu. Em 85 aconteceu. Em 85 aconteceu. Não vou detalhar, mas me responsabilizo pelo que estou dizendo. E você sabe que a politicagem nunca amadurece, ela fica só de vez. Toda vida funcionando, funcionando.

Kamillo - Essas ajudas elas vinham mesmo ou era somente para alguns ou quem estivesse retirado recebia alguma coisa?

Se recebe, se recebe. Se recebe tranqüilo e com calma desde quando a distribuição já vem diretamente pelos homens lá do governo. Mas se vier para entocar na casa de não sei de quem, no armazém de não sei de quem pra depois ir sair aquelas bolsinhas pra não sei pra quem, a coisa se torna mais... severa. Aconteceu em 85, 74. Aconteceu. Como aconteceu. Eu vi um cidadão que eu não vou citar o nome dele, ele me chamou, eu não vou citar o nome dele, tá certo. Ele me chamou e disse assim: venha cá, eu tenho uma mercadoriazinha aqui mas é pra distribuir só com o nosso povo. Aí mandou que eu procurasse, tá entendendo. Que realmente você conhece quem é do seu lado. Eu conheço quem é do meu lado. Ele dizia assim: você vá na casa de fulano e diga a fulano que venha aqui, na boquinha da noite ou de manhãzinha bem cedinho. Quer dizer só tava com fome aqueles que era do lado dele?”¹⁷³

A idéia proposta por Avani ao dizer que naquele momento em sua fala iria funcionar um pouco de politicagem, talvez sirva para demonstrar que no ambiente que viveu toda sua vida, é difícil falar sobre qualquer assunto sem se desvencilhar das questões político-partidárias.

Neste mesmo caminho, as falas de Chico Firmino e Sebastião da Farmácia, não expõem os conflitos políticos que podiam estar acontecendo na época de enchente, mas falam da possibilidade de algumas pessoas não serem beneficiadas. Sebastião, quando indagado sobre a postura do prefeito e do Governador disse-me:

“Eles tentaram ajudar. Vinha, vinha muita mercadoria. Mas não era o suficiente. Arranjaram canto e acomodação pra muita gente,

¹⁷³ Antônio Avani de Almeida, entrevista realizada em 09 jan. 2005, Alto, Jaguaruana - Ce.

mas não deu pra todo mundo e também algumas pessoas às vezes ficavam sem receber aquelas bolsas que distribuía¹⁷⁴”.

O próprio Avani disse-me assim certa vez:

“É, um me lembro que uma das vezes da distribuição da mercadoria, foi um trator, carregado de bolsas, uma ruma de cestas daquelas em cima, no meio da rua, chamando as pessoas e dando. Nesse dia foi uma confusão. Era quem pegá, pegou, sabe. É num tumulto daquele só pode é alguém não ter conseguido, né¹⁷⁵”.

A falta de clareza neste trecho na fala de Avani apresenta outra nuance do discurso dos entrevistados que é o receio de ser mais direto neste tipo de afirmação que pode ser vista como uma crítica a atuação política dos governantes.

A memória trata de modo complexo a experiência, expondo momentos de alegria e divertimento, junto a lembranças de lutas e indignação. A história de Seu Chagas Serafim remete às mesmas histórias do beneficiamento de alguns em detrimentos de outros e confirma a idéia de Avani que disse, em trecho de entrevista já citado, que se as bolsas viessem para ficar no armazém de alguma pessoa, haveria um certo favorecimento. Contudo, na época desta entrevista, Seu Chagas tinha 84 anos, falava com muita dificuldade, mas pareceu criar nova vida quando relembrou dos episódios de 1960, pois, segundo ele, como não tinha trabalho, “*se levantava com o sol alto, tomava banho no rio e bebia cachaça à vontade*”. A história que contou revela aspectos da enchente que não somente remetem à miséria, mas para seu aspecto lúdico, o ócio festivo, demonstrando que mesmo sendo um fenômeno tido como uma catástrofe tinha seu lado bom. Na continuação, relembra a questão do favorecimento político.

“Nesse dia nós tinha ido tomar banho no rio. Aí, fumo tudo tomar banho. Aí, quando a gente saiu um homem veio e perguntou:

¹⁷⁴ Sebastião Pereira da Cunha. Entrevista realizada em 9 nov. 2002, Jaguaruana – Ce.

¹⁷⁵ Antônio Avani de Almeida, entrevista realizada em 09 jan. 2005, Jaguaruana, bairro Alto.

- Chaga, tu veio tirar coisa lá do João Gomes? Eu disse sim. E ele disse:

- E não leva nada?

- Nada, nada. Aí ele disse assim:

- Vamos lá no Zé Antonio, Antonio Caçundé onde morava o Toinho, lá no Córrego. Aí pediu a chave e o homem que estava lá disse:

- Eu não tenho chave não. A chave que tem é o Sargento Rolinha. O Sargento Rolinha é quem tem. Vá lá pedir. Aí chegou um lá pra pedir e o Sargento disse:

- 'Eu não abro'. E o outro disse:

- 'Eu abro, eu abro é com a faca'. Aí o Sargento disse:

- Não, não isso aqui é dos pobres, isso aqui é da pobreza e eu vou dar parte de você. Eu disse:

- E nós não somos pobre não?

Aí o sargento foi e haja custar e às custa dele a gente fez isso: o Juarez (Delfino) foi lá abriu a porta, pegou um saca de 60kg de mercadoria e aí pegou um fardo, abriu, pegou uma parte de carne boa e disse:

- Isso aí da pra você?

- Dá? Dá sobrando.

- Então pronto.

Aí foi feijão, farinha, café, açúcar, arroz. De tudo tinha um bocado. Deu mais de um quilo de cada coisa e a Fátima botou assim num saca, num saca assim rasgado de fazer uma trouxa. Deu um bocado de carne a Lúcia do Chico Gomes. O negocio era chegar com alguém importante, conhecido, viu. Como nós era pobre, ele não queria dar".¹⁷⁶

O conflito exposto por Seu Chagas demonstra que o processo de repartição de mercadoria tinha diferentes sentidos. O caminho das centrais de distribuição até o povo sempre foi longo, mesmo que, na época, não parecesse.

¹⁷⁶ Francisco da Chagas Serafim Neto, Entrevista realizada no dia 25 mar. 2004, Juazeiro. Jaguaruana-Ce.

Para acompanhar a perspectiva da memória que expõe a distribuição de mercadorias explicitada, por exemplo, na fala de Seu Chagas Serafim, o jornal foi um grande aliado.

Na pesquisa feita nas paginas de O Povo, jornal publicado na capital do Estado foi possível acompanhar as atividades do Governo Estadual durante as enchentes de 1975 e 1985. Mesmo que o jornal registre números fornecidos geralmente pelo GESCAP em 1974 e pela Defesa Civil em 1985, também faz críticas a atuação destes órgãos no desenvolvimento de suas atividades. O comentário que pareceu ser o mais ferrenho foi este feito no editorial do Jornal, no dia 21 de março de 1974, referindo-se à atuação do GESCAP.

“Quando foi criado pelo atual Governo do Estado, o Grupo Especial de Combate às Calamidades Públicas – GESCAP, a iniciativa foi naturalmente saudada com grande importância, em face a longa experiência que tínhamos da incapacidade orgânica e funcional do Poder Público para enfrentar situações de emergência. (...) Os esquemas de socorro custavam a ser montados, e isto aconteceu por ocasião do arrombamento do “Orós”, acarretando sofrimentos inenarráveis às vítimas da catástrofe.

Infelizmente, não se pode dizer que a situação tenha mudado muito com a criação do GESCAP. Aparentemente, o órgão está de prontidão; na sociedade, ainda é surpreendido pelos acontecimentos, tardando as providências que precisam ser tomadas para enfrentar as emergências. E isto não deveria acontecer porque as nossas calamidades são bastante conhecidas e pode-se prevêê-las em certa medida. Sabe-se, por exemplo, que o Rio Jaguaribe costuma invadir algumas cidades como Itaiçaba, e outras. (...)

Antes mesmo que tais fatos ocorressem, O GESCAP deveria estar alerta. E para isto não precisaria possuir dom divinatório. (...) Desde Janeiro configurou-se uma pesada estação de chuvas, com pluviômetros estourando. Era um sinal seguro do que poderia acontecer às populações vulneráveis. No entanto, só depois que

estes fatos ocorreram é que o GESCAP se reuniu para adotar algumas providencias. [...]”¹⁷⁷

O editorial, que é aquilo que expressa a opinião do jornal, segue propondo a criação de Coordenadorias Municipais de Defesa Civil, algo que somente foi colocado em ação por ocasião da enchente de 1985.

Dessa forma, o jornal, como veículo de informação, mas também como guardião e produtor de memórias, pode fazer críticas e elogios à atuação dos órgãos públicos durante a atividade de convivência com as enchentes. É também no jornal O Povo que se encontra a divulgação daquilo que foi feito pelo Governo do Estado após as enchentes. No dia 08 de maio de 1974, a matéria “*Sementes em Aracati*” revela a seguinte decisão governamental: *Com a diminuição das águas, Governo começa a distribuir sementes e enviar o povo para o replantio.*¹⁷⁸ A idéia do Governo encontra ressonância na fala de Seu Avani quando disse, num de nossos encontros, que, depois que passa a enchente volta-se para a agricultura, aproveitando a terra molhada que a cheia deixa.

As histórias sobre ajudas governamentais foram um ponto forte nas falas destes homens e mulheres. Eles também falaram de outras ajudas que não vieram de políticos, mas de desconhecidos, vizinhos e parentes. Contudo, acreditam ainda hoje que teriam enfrentado dias piores se não fossem os auxílios externos. De fato, os números são impressionantes, assim como as lembranças. D. Lourdes lembra do querosene para lamparina mandado pelo Governo do Estado após a cheia de 1960. Nas notícias gravadas nas páginas do Jornal O Povo está a do encerramento das atividades do GESCAP em 1974, dizendo que até aquele dia, haviam sido enviadas mais de 20 mil toneladas de alimentos para os desabrigados durante todo o interregno da enchente. Em 1985, as lembranças destacam os caminhões de mercadorias, os helicópteros sobrevoando a cidade trazendo roupas e remédios e transportando pessoas doentes.

Por fim, fica para o tratamento das lembranças e de outras fontes que ainda restam, como escritos, fotografias e cadernos de anotação, as

¹⁷⁷ Jornal O Povo 21 mar. 1974. Editorial. *CALAMIDADES*. p. 3.

¹⁷⁸ Jornal O Povo 08 mai. 1974. *Sementes em Aracati*. p. 12.

memórias de uma outra política pública pós-enchente que modificou o cotidiano do bairro Cardeais em Jaguaruana e marcou a memória de diversos depoentes: a construção da Vila do Padre.

CAPÍTULO III

“Para um povo desabrigado”¹⁷⁹ – O Vale do Jaguaribe na cheia 1974 e a construção da Vila do Padre.

3.1 A cheia de 1974 na memória e na imprensa.

“Angústia”. “Expectativa”. “Possibilidades”. É com linguagem direta e o uso exaustivo de vocábulos desta natureza que os periódicos noticiavam os dias de chuva do inverno de 1974. As notícias vinham de todos os cantos do Estado, mas surpreende a quantidade de atenção voltada para o Vale do Jaguaribe. Não era para menos. Entre os meses de março e abril de 1974 as cidades localizadas ao longo das margens do Rio Jaguaribe, mais especificamente, Aracati, Itaiçaba e Jaguaruana tiveram seu cotidiano abalado pelas constantes chuvas e por conta da invasão das águas do Rio em seus centros urbanos.

O uso da fonte hemerográfica passa pela necessidade de se conhecer melhor os outros lugares apontados pelas memórias. Em suas narrativas, os entrevistados, lembram e contam das “coisas” que ouviam falar que estavam acontecendo em outros municípios da região. Fez-se necessário partir para o diálogo com outras fontes que pudessem mostrar melhor o cotidiano das cidades vizinhas à Jaguaruana. Escolhi o jornal como vetor para procurar nas páginas dos periódicos da época, aquilo que era apontado pela memória.

¹⁷⁹ Frase dita pelo Padre Ducéu quando indagado sobre o objetivo da Vila do Padre.

Dessa forma, como as narrativas se transformavam a cada pergunta, cada visita ou qualquer outra pressão advinda do presente, também na fonte jornalística, paulatinamente, as notícias vão mudando suas características. Os textos durante os meses de Janeiro e Março têm em sua tônica a idéia da indefinição. Ainda não se sabia ao certo que tipo de inverno era aquele que se anunciava. Durante estes meses, o inverno de 1974, que foi um dos maiores do século XX para aquela região, era visto como um “bom inverno” Representava para os agricultores, o sinal de que não haveria seca naquele ano.¹⁸⁰ Com o passar dos dias e o aumento da intensidade das chuvas, as reportagens escritas com animação por conta do bom inverno, vão dando lugar ao medo proporcionado pela ameaça de uma enchente. No dia 16 de março de 1974, o Jornal O Povo noticia: “*Itaiçaba: Cidade em Expectativa*”. Seguindo o mesmo raciocínio, baseado na ótica jornalística e na sucessão dos fatos, noticiava em 20 de março de 1974: “*Calamidade pública a qualquer momento para Jaguaruana, itaiçaba e Aracati*”. O vocabulário cheio de imprecisões temporais vai, aos poucos, dando lugar aos acontecimentos e mostrando as conseqüências do tempo invernos.

O transbordo do Rio começa a ser fato comum nas páginas de “O Povo”. No dia 20 de março de 1974, noticia: “*Jaguaribe transborda em Limoeiro do Norte*”. Quanto à Aracati, na mesma edição, chama atenção para monumentos históricos que estão a ser destruídos pelas águas da chuva, referindo-se à igreja matriz da cidade, edificação do século XVIII, construída em honra a Nossa Senhora do Rosário.

A mudança na forma da escrita das notícias é acintosa e não há, por assim dizer, uma evolução do acontecimentos: dos texto modestos falando das expectativas e de pequenos acontecimentos ocorridos por conta das chuvas para uma onde de matérias dramáticas falando de estragos vistos nos municípios do interior, não é necessária mais que uma edição do periódico. Em 21 de março de 1974, o jornal O Povo descreve em seu editorial a situação profunda de calamidade enfrentada em diversas regiões do Estado: *no Lagamar, com o transbordo do Rio Cocó, em Itaiçaba, com a elevação das águas do Rio Jaguaribe e em Sobral, com as inundações provenientes do Rio*

¹⁸⁰ Conforme notícia veiculada no Jornal O Povo de 25 jan. 1974 p. 10

Acaraú. A partir daí, fins do mês de março, todo o mês de abril, até o dia 16 de maio, quando é divulgado o encerramento das atividades do GESCAP¹⁸¹, a tônica das notícias é a mesma: destruição, morte, fome e ajudas governamentais diante das inúmeras perdas.

Dito isto, pode-se perceber o Estado do Ceará a partir dos eventos que os jornais da época apresentavam, sendo possível até, construir uma “cartografia das águas” para se estudar a enchente neste período. No entanto, nossa preocupação centra-se nos municípios circunvizinhos à Jaguaruana: Aracati, Itaiçaba e Limoeiro do Norte e Russas.

Detive-me na hemerografia que apresenta os eventos ocorridos no ano de 1974 porque precisava de um confronto maior entre as fontes no que diz respeito a compor o ambiente do Vale do Jaguaribe na época da construção das vilas em várias cidades. Os caminhos e referências indicados pelas memórias culminaram nos jornais que ofereceram preciosas considerações para esta pesquisa. A ausência de outros documentos escritos, como por exemplo, atas ou relatórios das associações de moradores das vilas e a precariedade dos documentos oficiais do Governo do Estado, colocou o jornal como fonte necessária à pesquisa visto que no mesmo, encontram-se dados numéricos e informações relevantes para se entender todo período.

Nas narrativas dos homens e mulheres desta pesquisa, assim como nos jornais, estas cidades apareceram com mais evidência. Desta forma, pode-se perceber que as histórias de outros municípios chegavam aos moradores daquela cidade através dos caminhos trilhados pela tradição oral, mas também numa relação de mão-dupla que acredito existir entre o mundo escrito e a oralidade. Em seus relatos, os entrevistados deixam muito claro a forma como souberam de tais histórias: ou presenciaram o fato ou escutaram os acontecimentos pelo rádio. Contudo, sempre lembram da presença de repórteres na região, como foi o caso de Avani que sempre fez questão de dizer que a cidade havia sido visitada pelo jornalista Nelson Fahiena, que na época, escrevia para o Jornal O Diário do Nordeste. Além de Avani, Chico Pequeno também lembra que a cidade tinha sido notícia no jornal e tinha “*saído até na televisão*”.

¹⁸¹ Grupo Especial de Assistência às Calamidades Públicas – órgão ligado à Defesa Civil do Estado que trabalhou durante as enchentes em vários municípios.

Com o intuito de saber como os entrevistado sabiam das notícias de outras cidades, durante as entrevistas, eles respondiam a seguinte pergunta: O que o sr(a). sabe ou ouviu falar da situação dos outros municípios da região? A resposta pode ser vislumbrada pelo discurso do Sr. Avani. De forma direta, ele diz:

“Ouvi falar, ouvi. Muita coisa. Mas vou contar só o que eu vi. É porque eu gosto muito de conhecimento. É como eu lhe disse: eu podia ser um repórter autêntico, de gravar ou de filmar só aquilo que eu estava vendo, mas de ouvi falar, eu ouvi muito!”¹⁸²

Ou seja, mesmo sendo a cidade registrada através de várias linguagens – fotografias, notícias em jornais, programas de rádio – a postura de Avani confirma o pensamento de Benjamim, quando este define o papel do narrador, produtor do texto oral. Conforme o autor, o narrador produz sua fala a partir da experiência do vivido quer tenha sido ele o próprio personagem das histórias que conta ou não. O que está em jogo, no entanto, é sua própria consciência histórica. Avanir, ao afirmar que só “conta o que viu”, está trazendo para si o *status* de testemunha da história. Logo, não importa saber se o que ele está contando foi vivido por ele mesmo ou por outrem. Importa sim, a intensidade do seu discurso, a forma *verdadeira* como tal narrativa está sendo contada.

Em uma outra oportunidade, relatou uma viagem de helicóptero, onde tal aspecto se sobressai.

“Eu lhe falei por exemplo, quando a minha mulher tava pra ter o filho nosso, que teve, nasceu em 20 de maio daquela época, eu lhe disse nas outras conversas nossas que eu veio um helicóptero buscar a gente, de Russas, não lhe falei. O prefeito de Russas na época era o Dr. Zilzo, esse que hoje é o vice. Foi ele que veio dá assistência a mulher. Ele veio porque a mulher que tava igual a ela, que tava pra ter filho a qualquer hora, tinha que ser acompanhada pelo médico durante o período da viagem. Pois bem, o Dr. Zilzo, ele

¹⁸² Antônio Avani de Almeida, entrevista realizada em 16 ago. 2005, Jaguaruana, bairro Alto.

já me conhecia de quando eu trabalhava no sindicato. Ele disse assim pra mim:

- Agora, eu vou cuidar de internar a sua mulher pra ela descansar e você vai pro Quixeré, dar uma ajudazinha.

Aí eu fui pro Quixeré em outro avião, em outro Helicóptero. Eu fui para o Quixeré deixar dois motores de lancha. Fui como uma pessoa que trabalha em capatazia, como esse povo que descarrega e carrega carro. Os motor tinha dado o prego e tinha vindo pra ajeitar em Russas e também levando 8 cestas para um povo que estava ilhado que eu fui de Russas pra Quixeré e lá, quando o avião baixou, eu não sei aonde eu tava, sei que era perto de muita oiticica e muita gente lá, esse povo. Quando o avião baixou lá, a demora foi essa: entregar os motores que a gente levava, das lanchas e as eram umas 8 ou 10 bolsas pra famílias que estavam lá. Lá tinha muita gente, mas que era umas 8 ou 10 bolsas. E o cabra mandou lá uns remédio que era pra entregar lá para umas pessoas. Foi naquele momento ali que eu comecei a ver, naquele momento, que não tinha por donde reclamar da situação de Jaguaruana, porque toda cidade naquele momento, naquele dia, que pertencesse ao vale do Jaguaribe, que pertencesse à margem do Rio Jaguaribe se tornava na situação em que estava Jaguaruana”.¹⁸³

Na continuação desta fala, Avani dá maiores detalhes daquilo que pode ver da situação de outras cidades do Vale do Jaguaribe. As circunstâncias ocasionadas pelo fenômeno da enchente, colocam as cidades numa situação de semelhança. Os municípios do Vale do Jaguaribe, mesmo tendo suas particularidades quanto à cultura, sociedade, política, visto do helicóptero, “de cima”, pareciam todos iguais.

“Era só água e verde. Eu lembro que quando a gente vinha, ia eu, outro rapaz e o piloto. Era Valter o nome do outro rapaz que ia comigo, o carreteiro, vou dizer logo assim. O aviador lá eu não sei não como era o nome dele. Mas quando a gente vinha voltando de Quixeré pra Russas – isso eu tô lhe dizendo sem saber nem onde tava – o rapaz disse assim:

¹⁸³ Antônio Avani de Almeida, entrevista realizada em 16 ago. 2005, Jaguaruana, bairro Alto.

- Nós tamos bem pertinho de Limoeiro. O rapaz do helicóptero disse, o que ia pilotando.

Aí mais próximo a Russas, a gente viu um pessoal jogando bola e viu o povo assim apontando pro helicóptero, vi e fiz questão de olhar, até o piloto olhou pra mim e riu e me chamou de curioso. Disse assim:

- Rapaz, mas você é curioso, né.

E o pessoal assim tudo olhando, ficava balançando assim a camisa. Assim, eu pelo menos, não sei eles dois, eu via as pessoas bem pequenininhas, não sei eles dois. Assim do tamanho de meninos, as pessoas jogando bola, aí de repente desapareceram, de repente saíram da minha vista. E lá pra chegar em Russas, já bem pertinho já, o rapaz disse assim, já vamos pousar, o rapaz disse. Aí eu vi uma pessoa botando o gado no curral, já pra chegar em Russas, vinha tangendo, pequenininho também, na vista se tornava pequeno também. Ai eu via que era uma coisa pela outra.”¹⁸⁴

O ambiente composto por médico, piloto, famílias desabrigadas, vaqueiros e time de futebol é demarcado pelo fio das memórias em que o próprio Avani é o personagem principal. Nos é dado a condição de perceber a tradução de certo mundo – o mundo da enchente – a partir da história da vida de um homem. Contudo, não se pode tomar como regra somente o ambiente desenvolvido por Avani¹⁸⁵.

Desta forma, a fala de Avani, mais do que uma totalidade, é uma possibilidade. Seu “texto”, produzido através da oralidade, documenta a ação de sua memória, logo, a partir das teorias que orientam o trabalho com a memória, devemos percebê-lo como uma operação regida por descontinuidades e por isso, uma relação cujo produto final, além de suas intervenções e intenções pessoais também tem a participação do entrevistador.

¹⁸⁴ Antônio Avani de Almeida, entrevista realizada em 16 ago. 2005, Jaguaruana, bairro Alto.

¹⁸⁵ Como nos diz Verena Alberti, “Biografias, histórias de vida, entrevista de história oral, documentos pessoais, enfim, mostram o que é potencialmente possível em determinada sociedade ou grupo, sem esgotar, evidentemente, todas as possibilidades sociais”.ALBERTI, Verena. *Ouvir Contar*. Textos em História Oral. FGV: Rio de Janeiro, 2004. pp 23.

Dentre outras coisas, há na sua narrativa o caráter “divino” na perspectiva daquele que viu “do céu”. Quando Avani avistou sua terra, esta no “céu”, lugar de onde vêm as águas que alimentam as enchentes.

Neste mesmo trecho, Avani dá indicações para pensarmos a situação de outros municípios do Vale do Jaguaribe. A cidade de Russas, por exemplo, aparece nos discursos dos entrevistados constantemente

Russas foi uma espécie de Quartel General de combate às agruras ocasionadas pelas águas nos anos das enchentes que estudamos – 1960, 1974 e 1985. Lá funciona até hoje o quartel da 1ª Região Militar do Estado do Ceará e como se pode perceber num fragmento retirado dum livro de tombo da casa paroquial russana, a cidade foi uma das poucas que não teve seu centro urbano atingido pelas águas em 1974

“No Baixo Jaguaribe somente nossa cidade teve o centro enxuto em toda a extensão da rodagem e da avenida Dom Lino em direção ao Tabuleiro. As demais cidades de Aracati a Limoeiro, ribeirinhas ficaram inundadas, inclusive parte de Quixeré e São João do Jaguaribe”.¹⁸⁶

Segundo o historiador Olivenor Chaves, a cidade ainda abrigou o comando aéreo da FAB e o comando das equipes da Marinha e do Exército, além de terem sido deslocada para a operação de resgate às vítimas, helicóptero e lanchas.¹⁸⁷ Por isso foi o município da região que deteve melhores condições pra salvaguardar e servir de base para as ajudas governamentais mandadas pelo Governo do Estado.

A preocupação em estudar estes outros municípios deve-se à semelhança que tiveram com Jaguaruana, não somente ao tempo que diz respeito à cheia propriamente dita, mas também ao período pós-enchente. Nestas cidades, no tocante às políticas públicas, foram desenvolvidos projetos do mesmo caráter, com recursos oriundos das mesmas instituições, cujo objetivo era o mesmo: construção de casas para os desabrigados.

¹⁸⁶ Paróquia de Russas - *Livro de Tombo n° VIII* p. 12. Apud CHAVES, José Olivenor Sousa. *Atravessando Sertões*. Memória de Velhas e Velhos camponeses do Baixo-Jaguaribe-Ce. Tese de Doutorado em História apresentada a UFPE. Recife: 2002. p. 560

¹⁸⁷ Cf. Id. *Ibidem*. p. 567

O jornal *O Povo* de 22 de abril de 1974 expõe a situação das mais diversas regiões com relação ao desenrolar das enchentes. Pela notícia do Jornal, pode-se perceber que em Itaiçaba, as enchentes dos rios Jaguaribe e Palhano haviam colocado aquela cidade em situação desesperadora. Dois dias antes¹⁸⁸, a notícia era a seguinte: “Novas enchentes podem ocorrer, uma vez que continua chovendo em todo sertão cearense. Aracati, Itaiçaba e Jaguaruana, segundo o GESCAP, já contabilizam 2 mil famílias desabrigadas”. Naquele dia, o jornal já afirmava que Itaiçaba estava com cerca de dois terços de sua população desabrigada. Na edição do dia 26 de abril, o jornal ressaltava: “Insustentável a situação de Aracati e Itaiçaba”.¹⁸⁹ E no dia 27 daquele mesmo mês, além de divulgar os decretos de calamidade pública feitos por Aracati, Jaguaruana e Itaiçaba, quanto a esta última afirma: “Itaiçaba está praticamente desabitada”.¹⁹⁰

Quanto aos relatos, a situação de Itaiçaba aparece nas falas de Avani, Pe. Ducéu e Irmã Dionísia. Estes dois últimos falam mais das atividades desenvolvidas no tempo pós-enchente. Avani em dois de nossos encontros falou daquilo que sabia sobre a situação do município vizinho.

“Itaiçaba, o povo ficou chamando Itaiçaba de cama d’água, porque lá foi muito forte. Lá o povo pegava objetos que vinham nas águas. Lá em Itaiçaba, um cidadão por nome de Antônio Sapateiro chegou a pegar duas canoas uma noite, que vinha rolando dentro d’água”.¹⁹¹

“Em Itaiçaba, eu ouvi falar, não sei, ouvi dizer que morreu uma pessoa idosa, tá entendendo.”¹⁹²

Durante o mês de março, as notícias do Jornal *O Povo* se concentravam mais na situação de Itaiçaba, que também aparece na memória do povo. No entanto, não deixava de registrar os eventos ocorridos em outras cidades como Jaguaruana e Limoeiro do Norte. Contudo, a partir do fim de março e durante todo o mês de abril, Aracati se torna o alvo predileto das

¹⁸⁸ Jornal *O Povo*, 22 mar. 1974. p.10.

¹⁸⁹ Jornal *O Povo*, 26 mar. 1974. p. 1, 10.

¹⁹⁰ Jornal *O Povo*, 26 mar. 1974. p. 1, 10.

¹⁹¹ Antônio Avani de Almeida, entrevista realizada em 09 jul. 2004, Jaguaruana, bairro Alto.

¹⁹² Antônio Avani de Almeida, entrevista realizada em 16 ago. 2005, Jaguaruana, bairro Alto.

notícias. Durante todo o mês de Abril de 1974, todos os dias se falou do respectivo município e por 12 vezes o mesmo foi assunto da matéria da capa do periódico.

O desenvolvimento das notícias veiculadas assemelha-se à dos outros municípios como Itaíçaba e Jaguaruana: expectativa, calamidade, desespero.

No dia 03 de abril de 1974 o jornal noticia um processo de evacuação implementado pelo Governo do Estado na cidade de Aracati. Com mais de 3 mil desabrigados, essa iniciativa, aos olhos do GESCAP seria a solução mais urgente a ser tomada. Contudo, tal iniciativa encontrou resistência em parte da população que se recusou a sair. Este conflito foi intensamente divulgado nos jornais.

Nos dias 18, 19, 20, 22 e 23 de abril, a cidade figurou amplamente nas páginas de O Povo. A matéria "*Aracati, cidade em agonia*", apresentava a insustentável situação na qual passavam os moradores do centro urbano e das comunidades rurais. A matéria de capa do dia 22 de abril dizia "*Elevam-se novamente as águas dos rios*". Junto à esta chamada, uma foto dos abarracamentos localizados na comunidade de Tabuleiro do Luna, mostrava o local para onde iam os desabrigados. No corpo da matéria, o repórter Antônio Figueiredo Monteiro, enviado especial à região, chama atenção para precariedade dos abarracamentos quanto às questões referentes ao saneamento e saúde pública. Segundo ele, as pessoas faziam suas necessidades fisiológicas a céu aberto, expondo o ambiente à farta disseminação de inúmeras doenças. Mas é no dia 23 de abril que se encontra o texto mais dramático sobre a cidade de Aracati, onde se fala da atitude mais drástica tomada pelo Governo em relação ao processo de evacuação da cidade:

"Aracati sem comida, água e luz".

"Para forçar a evacuação da cidade daqueles que, por quaisquer circunstâncias insistiram em permanecer na cidade que está tomada pelas águas do Rio Jaguaribe, o Governo do Estado decidiu cortar o fornecimento de água, luz e alimentos, além de bloquear os serviços

de telefonia urbana, esgotando assim todos as condições de sobrevivência humana naquele local”.¹⁹³

É possível discutir e vislumbrar uma relação existente entre enchente, Governo e Imprensa. Nas memórias construídas pela experiência cotidiana e pelo jornal fica clara uma disputa de poder que passava pela informação e que oscilava entre a divulgação do sensacional e as ações dos poderes públicos.

No dia 27 de abril daquele mesmo ano, por exemplo, o Jornal O Povo exibiu em sua capa, sob a significativa chamada escrita em enormes letras – *A nova Aracati*, a foto de inúmeras barracas. Na matéria, descreveu-se a dura vida de um abarracamento de retirantes das cheias e falou-se da ajuda governamental recebida e administrada pelo GESCAP.

Nos relatos, Aracati aparece nas falas de Pe. Ducéu, Avani, Irmã Dionísia e Mãe da Lua. Todos se referem à construção das casas na comunidade de Pedregal, iniciativa organizada pela Igreja Católica, pelo Movimento Cáritas e pela Diaconia, com verbas vindas da Alemanha, sendo este o mesmo projeto que resultou na construção da Vila do Padre, casas em Itaiçaba e na estruturação do Bairro Cidade Alta em Limoeiro do Norte.

Limoeiro do Norte também foi uma das cidades atingidas pelas enchentes e teve prejuízos de grandes proporções. Talvez a mais “ribeirinha” entre todas cidades do Vale, sua zona rural foi inteiramente atingida e seu centro urbano foi “visitado” pelas águas dos rios Jaguaribe e Banabuiú. No dia 21 de março de 1974, o Jornal O Povo noticiava o transbordo do rio naquela cidade e descrevia o sentimento da população que se sentia aflita e acuada por conta da presente situação. Em poucos dias, Limoeiro já contava com mais de dois mil desabrigados.¹⁹⁴

Para se estabelecer uma relação entre a memória oral e notícia do jornal, é preciso encarar as duas como formas de invenção da realidade, e não somente de reprodução; e no caso da enchentes do Jaguaribe, o confronto entre as duas fontes é importante para esta pesquisa, visto que a imprensa é uma outra forma de abordar a enchente.

¹⁹³ Jornal O Povo 23 abr. 1974. p 1, 10.

¹⁹⁴ Jornal O Povo 22 abr. 1974. p 1, 10.

Pe. Ducéu e Irmã Dionísia foram as pessoas que mais falaram sobre a situação de Limoeiro. Fizeram isso pelo mesmo motivo que lembraram de Aracati e Itaiçaba: a cidade passou por igual processo pelo qual Jaguaruana passou, cujo produto foi a construção do Bairro Limoeiro Alto, ou como é mais conhecida, a Cidade Alta. Mas é Avani, que numa pequena ilação refere-se a Limoeiro. Sua observação é importante para compreender o processo resultante das cheias no Vale do Jaguaribe.

“Em Limoeiro também foi um verdadeiro pânico. Você sabe que Limoeiro é baixo, né Karol? Aqui, quando a gente diz assim:

- Em Limoeiro tá enchendo! A gente já fica se benzendo. Também quando diz:

- Tá vazando Limoeiro! A gente diz: graças a Deus!”¹⁹⁵

A partir desta informação de Avani, pode-se perceber que a imagem das outras cidades do Vale nas memórias dos entrevistados é algo definidor da situação de Jaguaruana. Neste caso específico, Avani cita a cidade de Limoeiro do Norte, a mesma serve como escala para aqueles que vivem em Jaguaruana. Ou seja, fica claro que, de uma forma ou de outra, os moradores da cidade ficavam prestando atenção no que se passava nas cidades vizinhas, a partir das notícias que vinham de lá através de jornal, rádio e outros meios de comunicação.

Como propõe o objetivo e o nome deste tópico - *Lugares distintos, situações quase semelhante*, a situação de Jaguaruana pouco diferia do que era vivido por seus vizinhos. O enorme volume d’água despejado pelo Rio Jaguaribe no atlântico fez com que os municípios com maior proximidade com o Oceano, principalmente Aracati e Itaiçaba, ficassem à mercê da vazão do Rio.

Conforme o engenheiro Cássio Borges, a vazão máxima daquele ano foi verificada no mês de abril quando se registrou o número de 5. 648 m³/s.¹⁹⁶ Mesmo tendo sido as enchentes daquele ano e do ano de 1985 controladas pelos açudes Orós e Banabuiú, o ímpeto das águas realizou a

¹⁹⁵ Antônio Avani de Almeida, entrevista realizada em 09 jul. 2004, Jaguaruana, bairro Alto.

¹⁹⁶ Borges, Manfredo Cássio de Aguiar. As enchentes no Vale do Jaguaribe: dimensões, freqüências e alternativas de controle. *Anais do VI simpósio brasileiro de Hidrologia e Recursos Hídricos*. Vol. 2 São Paulo, 1985. p. 51.

profecia que dizia que o sertão viraria mar, integrando várias regiões através das águas.

O centro de Limoeiro foi inundado devido a proximidade com os rios. Jaguaruana, por conta dos córregos e lagoas localizados nas imediações do centro urbano. Vale ressaltar esta questão espacial: quando nos referimos às cidades, na maioria das vezes atentamos para a situação específica do centro urbano, visto que as zonas rurais destes municípios foram mais castigadas ainda, não sendo difícil ouvir relatos como o de Avani, quando disse que a região vista de cima “era um mar só”.¹⁹⁷ Durante as enchentes somente lugares muito altos como serra e planaltos elevados não são inundados. Estes locais são considerados lugares de retiro. Já os centros urbanos e localidades próximas aos rios, córregos e lagoas não escapam das possíveis inundações. José Felipe, um dos nossos primeiros entrevistados, lembra como ia da Jurema, sua comunidade, localizada a 6 km do centro da cidade de Jaguaruana à comunidade do Sargento, distante mais 8 km do centro da urbe.

“Era de uma vez só. Entrava na canoa e só descia lá, não passava enxuto em lugar nenhum. Hoje, de moto, esse é um percurso que o camarada leva 15 minutos pra fazer. Naquele tempo, a gente levava umas duas horas. Levando chuva direto e morrendo de frio.”¹⁹⁸

Outro a lembrar de tal peculiaridade foi Seu Chico Pequeno, quando me falou da busca desesperada por uma canoa para fazer a transferência de sua família, acuada pelas águas num pequeno alto que ficava perto de sua casa.

Quando foi de manhãzinha, peguei um cavalete, botei n’água, isso aqui tudo coberto, coberto d’água tudinho. Botei o cavalete e disse:
- Vocês fique aí que eu vou atrás de uma canoa.

¹⁹⁷ Antônio Avani de Almeida, entrevista realizada em 16 ago. 2005, Jaguaruana, bairro Alto.

¹⁹⁸ José Felipe da Silva. Entrevista realizada no dia 10 nov de 2002. Distrito de Jurema, Jaguaruana.

Aí saí. Fui encontrar uma canoa no beigo do campo grande, daqui até lá dentro d'água direto, direto.”¹⁹⁹

O jornal O Povo também noticiou a situação de Jaguaruana. Além das notícias mais corriqueiras, mostrava também fatos mais específicos, como a manchete do dia 20 de março de 1974, quando fala de um afogamento ocorrido na comunidade de Lagoa Vermelha, quando uma família tentava subir a serra, em busca de abrigo. Outro acontecimento importante foi noticiado no dia 23 daquele mesmo mês. O jornalista falava do corte irreversível que ocorrera na ponte e na estrada daquela cidade. No dia 27 de março de 1974, noticiava que até “*as igrejas locais servem de hospedaria*”. E no dia 03 de abril do mesmo ano, trazia o jornal os números da enchente para aquela cidade: quinhentas casas destruídas e mais de 3 mil desabrigados²⁰⁰.

Os entrevistados não lembram dos afogamentos noticiados pela imprensa, mas falam dos perigos do rio e de outros episódios ocorridos com cada um. Joaquim Cariri lembrou de uma moça que tirou das águas, quase morta. Avani e Dona Eliza lembraram do caso de uma canoa que virou no córrego que passa na entrada da cidade e da luta de uma das vítimas para salvar sua vida e de seu filho, que era uma criança de colo, segurando-se a um botijão de gás, até chegar em águas mais rasas. A mulher que já vinha de uma comunidade cujo nome é bastante sugestivo – *Afogados* – é lembrada neste trecho.

“Aonde veio um mulher, a mulher veio, vinha de afogados numa canoa, numa canoa, com uma crianças nos braços, quando chegou na ponte a canoa peitou na ponte que tava cheia demais, peitou na ponte, a canoa virou, a mulher pegou um tambor de gás numa mão e pegou o garoto na outra e andou 1 Km dentro do rio, pra poder tirar

¹⁹⁹ Francisco Luiz da Silva, entrevista realizada em 12 jan. 2004 .Jureminha, Jaguaruana – CE. Neste trecho da fala de Chico, pode-se ver ainda uma outra característica da relação das memórias com os objetos, partindo da especificidade do caso da canoa. Além de objeto de primeira necessidade para época de enchente, a canoa tem uma subjetividade salvacionista, percorrendo, muitas vezes, toda a narrativa de um entrevistado, trazendo para si grande importância.

²⁰⁰ Jornal O Povo 03 abr. 1974. p. 12 *Municípios*.

ela, agarrada no tambor, o tambor não deixava afundar e também não soltava a criança. 1 km foram pegar ela lá embaixo”.²⁰¹

As notícias continuam e descrevem a situação enfrentada pelos municípios. O percurso feito pelos jornais serve para ajudar a compor o ambiente da cheia ofertado no universo de possibilidades da oralidade. Os relatos e as notícias de jornal são fontes diferentes que podem se inter-relacionar se pensarmos no trânsito de informações e de experiências existente entre o mundo escrito e o mundo oral. Poderíamos, entretanto, olhar a fonte jornalística de outra natureza, como por exemplo, encarar o jornal como veículo de divulgação do trabalho governamental ocorrido durante as enchentes. Tal face pode ser bastante explorada a partir dos episódios ocorridos nos dias 29 e 30 de março de 1974, quando o Jornal O Povo explora a visita do então Governador César Cals às cidades de Jaguaruana, Aracati e Itaiçaba. Ou ainda, durante todo o período da cheia de 1974 quando divulga amplamente as atividades do GESCAP e da Defesa Civil.

Partindo de outro pressuposto, procurei ver que fatos tinham maior correspondência com os relatos orais, proporcionando assim um maior entendimento entre as fontes. Neste caso, foram os fatos ligados ao detalhamento da calamidade incursões feitas nas duas fontes sobre a construção de vilas de casa para famílias desabrigadas durante a cheia.

Para este aspecto do estudo, três foram as matérias identificadas. Nesta primeira veiculada no dia 06 de abril de 1974, é acenada a possível colaboração de entidades estrangeiras aos municípios atingidos pelas enchentes.

“Inglaterra e Alemanha ajudarão flagelados”.

“Todos os municípios atingidos foram sobrevoados pelo ASA BRANCA I, da SUDENE, transportando o inglês Bill Yates, da Oxfan, uma entidade filantrópica idêntica aos clubes de serviços e o alemão Dieter Joeckel, superintendente regional da Diaconia. Fizeram

²⁰¹ Antônio Avani de Almeida, entrevista realizada em 16 ago. 2005, Jaguaruana, bairro Alto.

levantamento das cidades alagadas para que aquelas entidades possam oferecer ajudas aos desabrigados”.²⁰²

A Diaconia, umas das entidades citadas na matéria será muito recordada pelo Pe. Ducéu e pela Irmã Dionísia, assim como citada no trabalho de Maria Aurineide de Lima sobre a formação do Bairro da Cidade Alta em Limoeiro do Norte.²⁰³

Em pouco tempo pôde-se constatar as ajudas vindas do exterior. Fico mais evidente o porquê da intensidade no nome da Alemanha naqueles que se recordam das verbas que ajudaram a construir as casas da Vila do Padre. Geralmente quando indagados, não se omitem em dizer: “*Essa vila? Essa vila foi construída com uma verba que veio da Alemanha*”.²⁰⁴ A afirmação de Mãe da Lua é a mesma de D. Geosa, Seu Joselias e outros tantos primeiros moradores e trabalhadores da obra.

Como se nota a partir da notícia abaixo, a Alemanha iniciou suas ajudas na região no tempo da cheia, fornecendo barracas de lona. No que diz respeito à memória, infelizmente não houve a oportunidade de explorar melhor as lembranças específicas sobre a Alemanha. Ir mais fundo nessas lembranças significaria entender o que representou esta idéia “*Alemanha*” na construção das suas narrativas.

“GESCAP envia 150 toneladas de alimentos para as vítimas”.

“72 barracas de lonas, ofertadas pela Alemanha Ocidental, estão chegando a capital e sendo embarcadas, imediatamente para as

²⁰² Jornal O Povo 06 abr. 1974. p. 12

²⁰³ Em seu trabalho define: “A Diaconia é uma Sociedade Civil de Ação Social sem fins lucrativos, tendo sede e foro na cidade de Recife, Pernambuco. Sua finalidade é de servir ao povo brasileiro, participando do processo de seu desenvolvimento através do projeto de auto-ajuda de desenvolvimento comunitário de bem-estar social de apoio a grupos e organizações comunitárias e de socorro em calamidades públicas.” Cf. LIMA, Maria Aurineide. *Do outro lado da ponte. O processo de formação do bairro Limoeiro Alto*. Monografia de graduação em História apresentada à UECE – FAFIDAM. Limoeiro do Norte, 1997. p. 54

²⁰⁴ Mãe da Lua - José Pinheiro de Araújo. Nascido no dia 20 de maio de 1945, tem 60 anos e 4 meses. Ganhou esse apelido de mãe da Lua porque subia muito rápido nos postes por conta do trabalho na CERNE, firma responsável pela instalação dos primeiros postes de eletricidade daquela região. Trabalhou no mutirão da Vila do Padre, foi um dos mestres da obra e um dos primeiros moradores.

cidade de Jaguaruana, Itaíçaba e Aracati, onde centenas de famílias ainda vêm enfrentando as dificuldades criadas pelas águas”.²⁰⁵

Tal notícia aponta para uma afirmação: os lugares onde foram instalados abarracamentos pelo GESCAP e pela Defesa Civil do Estado foram os locais onde mais tarde se ergueram as vilas. Em Limoeiro, os abarracamentos foram no lugar onde hoje se encontra o bairro da Cidade Alta. Em Aracati, a comunidade de Pedregal, que já existia foi o lugar escolhido para receber as barracas de lona. Em Jaguaruana, foram os Cardeais o lugar de refúgio dos moradores das tendas de lona. Hoje, lá se localiza a Vila do Padre e outras vilas feitas, aparentemente, com o mesmo objetivo: reduzir o déficit habitacional ocasionado pelas enchentes. O critério para escolha destes lugares foi o mesmo: pontos altos e a proximidade com o centro urbano. Coincidência ou não, os três bairros são porta de entrada de suas respectivas cidades.

É preciso dizer ainda que quando se pensou na construção de casas a enchente ainda não havia terminado. O Povo de 01 de maio de 1974 noticia a incrível cifra de “cento e doze mil desabrigados”²⁰⁶ como saldo parcial das enchentes em todo Estado. Mas como se as chuvas já apontassem uma trégua definitiva para aquele ano, a tônica das notícias vai mudando de cara. No dia 06 de maio a seguinte nota aponta para as possibilidades do pós-enchente:

“Construção de Vila – Aracati terá uma vasta área urbanizada, objetivando a criação de um novo bairro para abrigar as populações que tinham suas casas construídas à margem do rio e possibilitar a construção de prédios para órgãos oficiais. além de utilizar a mão de obra ociosa proporcionando empregos, a medida evitará a repetição da atual catástrofe no futuro.”²⁰⁷

A notícia que fala da possível construção do bairro que hoje conhecemos como Pedregal trás vários indícios da situação vista em todo o

²⁰⁵ Jornal O Povo 09 abr. 1974. p 12.

²⁰⁶ Jornal O Povo 01 mai. 1974. p 12.

²⁰⁷ Jornal O Povo 06 mai. 1974. p 12.

Vale do Jaguaribe. Primeiro, o objetivo da vila fica bem claro no texto: as casas são para pessoas que moravam à beira do rio e conseqüentemente as perderam durante a enchente; segundo, o regime de mutirão na construção das casas; e por fim, a idéia de que o lugar onde as casas fossem construídas seria local de refúgio, evitando no futuro, os transtornos vividos naquele ano.

Desta forma as vilas foram construídas. A cidade de Itaiçaba também participou do projeto de construção de casas para os desabrigados, contudo, o número de construções foi pequeno. Quem falou de Itaiçaba foi Pe. Ducéu. Por causa da proximidade com Jaguaruana, lembrou ter acompanhado o processo ocorrido naquela cidade. Lá foram construídas 10 casas.

“Em Itaiçaba teve uma vilinha ali na entrada da cidade que eu também comandeí. Lá fizemos dez casas que ainda tão por lá. Também deram muitas dificuldades, que ainda hoje é no Alto do Nonato Cabaço. Mas como é o nome mesmo daquele lugar? Tem um apelido próprio. Lá é um lugar que fica entre duas saídas d’água que até as pessoas ficaram ilhadas da cidade, passavam de canoa da cidade. Ainda hoje existe, a gente indo pro Aracati pode passar por lá fazer o levantamento. Lembro-me que foram dez casas sorteadas e que construídas pelo pessoal. E lá é retiro. O coordenador de Aracati também ajudava, o Magela.”²⁰⁸

No bairro de Pedregal – Aracati, a Associação dos Moradores não tem fotos, atas das reuniões ou qualquer outro tipo de documento que registre acontecimentos do processo de construção das casas. No entanto, as indicações sobre pessoas que poderiam contar algo sobre a enchente de 1974 foram muitas. Não foram feitas entrevistas com os moradores do Pedregal, mas a partir de muitas conversas informais que tive com os moradores mais antigos do bairro, pude perceber que a situação do bairro hoje não difere muito da realidade encontrada na Vila do Padre ou no Limoeiro Alto. Como disseram, se o objetivo das casas era livrá-los de outra possível enchente, este foi atingido.

²⁰⁸ Mons. Raimundo de Sales Façanha. Entrevista realizada em Jaguaruana, no dia 20 set 2004.

Pode-se verificar isto em 1985, quando outra enchente de proporções gigantescas atingiu novamente o Estado do Ceará e mais uma vez castigou o Vale do Jaguaribe. Os moradores desta comunidade se sentiram mais seguros, pois ao contrário dos anos anteriores, ao invés da beira do rio, agora moravam “num retiro”, num lugar de refúgio.

E quanto ao tempo atual, as diferenças são mínimas: muitos saíram do bairro, venderam, trocaram ou alugaram suas casas e se mudaram para o centro de sua cidade ou mesmo pra Fortaleza, capital do Estado. Hoje os moradores são outros, muito embora as atividades comunitárias tenham permanecido.

“O Pedregal, eu fui algumas vezes lá, porque a gente ia visitar pra ver como era que funcionava. Hoje ele é praticamente é um bairro grande ali do Aracati. Ali tem um trabalho comunitário muito bom feito pelo Magela, pela Fatinha, por outras pessoas que trabalham. Tem um centro de artes, tem um centro de fazer trabalhos, velas, cortinas, construídos nessa época e elas foram dando continuidade.”²⁰⁹

Maria Aurineide Lima fez uma pesquisa sobre a construção do bairro que vai desde o cotidiano das inundações de 1974, passando pela formação do bairro, até as fontes de renda e as estratégias de sobrevivência dos novos moradores da Cidade Alta, em Limoeiro do Norte. Segundo a autora, o lugar onde hoje se encontra a Cidade Alta era uma imensa área coberta somente pela vegetação local, mas que serviu de refúgio para os abarracamentos²¹⁰.

A presença da Diaconia deu ao Limoeiro Alto a estabilidade que não existiu na Vila do Padre. Por ser Limoeiro a sede da Diocese, a partir dos

²⁰⁹ Entrevista realizada com a Irmã Dionísia Andrade Costa, no dia 18 de agosto de 2005, em sua residência, na cidade de Jaguaruana. Dionísia foi importante na organização da comunidade dos Cardeais no momento da construção da vila. Religiosa há vários anos, desenvolvia na época, vários trabalhos assistenciais na Diocese de Limoeiro do Norte, mas especialmente no município de Jaguaruana, ligados à área de educação popular e ensino religioso.

²¹⁰ Quando a cheia acabou em meados de maio de 1974, as entidades ligadas à Igreja Católica, o Governo do Estado e a Prefeitura Municipal começaram a se organizar para iniciar as obras que resultaria numa vila de casas. Foram construídas 157 casas, sendo 100 em regime de mutirão e 57 com recurso dos próprios moradores, de acordo com a planta padrão do projeto, conforme a necessidade de cada família. Cf. LIMA, Maria Aurineide. Op Cit. p. 55; 68..

relatos daquelas que falam a partir das instituições, a cidade parece ter sido mais bem assistida.

“Limoeiro Alto eu não acompanhei de perto mas via como funcionava. Alguém me falava, era o próprio coordenador da Diaconia, que eu não me recordo o nome dele agora. A situação em Limoeiro Alto foi muito melhor que em Jaguaruana, foi muito bom, porque lá havia assistência direta da Diaconia. Foi muito melhor, mas o objetivo era o mesmo: retirados de cheia”.²¹¹

Atualmente, a Cidade Alta é um dos bairros mais populosos da cidade de Limoeiro do Norte. Tem uma estrutura de lazer, saúde e educação que atende seus quase 5.000 moradores. Assim como na Vila do Padre em Jaguaruana e no Pedregal em Aracati passadas mais de três décadas da fundação do bairro, é impossível afirmar de onde vieram seus moradores atuais, já que, os primeiros, via de regra, também deixaram suas casas e se mudaram para outras cidades e regiões.

Diante das vilas sobrevém o lugar onde estas foram construídas. O tópico a seguir concentra-se na tentativa de entender, a partir das narrativas, a localidade de Cardeais. Para entender melhor o processo de construção da Vila do Padre surgiu a necessidade de compreender o lugar onde esta seria construída. Nesta fala de Chico Pequeno se observa melhor como “os Cardeais” assumem uma representação singular nas memórias do povo: “*Vou me embora para os Cardeais. Lá tudo é fácil*”.²¹² Trata-se de ver, perceber o bairro como um lugar de salvação. O tópico busca justamente ver o que era, ou, como era, o bairro durante a enchente de 1974, e assim, entender o que ele representou para estas pessoas.

²¹¹ Irmã Dionísia Andrade Costa. Entrevista realizada em Jaguaruana no dia 18 ago. 2005.

²¹² Francisco Luiz da Silva, entrevista realizada em 12 jan. 2004 .Jureminha, Jaguaruana – CE.

3.2. “Vou me embora pros Cardeais, lá tudo é fácil”.

*“Vou-me embora pra Pasárgada
 Vou-me embora pra Pasárgada,
 Aqui eu não sou feliz.
 Lá a existência é uma aventura”.*
 (...)
Manuel Bandeira
Vou-me embora pra Pasárgada.

Como vimos no instante anterior, os lugares onde foram construídas as Vilas, durante as enchentes de 1974, funcionaram como abrigo; eram os locais que as autoridades escolheram para funcionar os abarracamentos. Segundo dados da SAAB – Secretaria de Agricultura e Abastecimento, naquele ano, 3,7 % da população desabrigada havia sido abrigadas em barracas de lona, totalizando um número de 150 famílias. No universo completo dos desabrigados, 24,6 %, o que correspondia a 985 famílias, estavam abrigados em prédios públicos e os outros 70,9 %, 2.835 famílias, estava, no que o relatório chama, em prédios particulares, ou seja, casas de parentes e amigos.²¹³

Esta estatística mostra algo peculiar relacionado aos locais de abrigo durante a enchente. A grande maioria dos retirados ficou na casa de parentes e amigos. Tal discussão, feita no tópico “A casa dos outros” – Lugares de abrigo durante as enchentes, retorna a este texto agora, sob uma outra ótica. Se num primeiro momento discutimos como eram os locais de abrigo, agora nosso objetivo é entender como tais locais são reconstruídos através das memórias dos entrevistados. Mais do que saber o que significou deixar suas casas no interregno da cheia, é preciso saber também os significados sobre o lugar que os acolheu.

²¹³ Governo do Estado do Ceará. SAAB. Coordenadoria Estadual de Defesa Civil. *Assistência às vítimas das Enchentes*. 1986. p. 08.

Para esta reflexão, estudaremos o caso do Bairro dos Cardeais, visto que foi lá onde foram construídos os abarracamentos e posteriormente, erguida a Vila do Padre.

A presença constante da imagem do bairro nas memórias que alimentam esta pesquisa fizeram com que este, assumisse, na pesquisa, um lugar privilegiado. Observando melhor as considerações que as pessoas faziam sobre aquele lugar e, partindo inicialmente da relação que Seu Chico Pequeno expõe em seu relato, pode-se perceber que o lugar chamado “Cardeais” assume uma representação singular nas memórias dos retirantes das águas que para lá foram.

Quando ouvi Seu Chico Pequeno falar pela primeira vez a frase que intitula este tópico: *“Vou-me embora para os Cardeais. Lá tudo é fácil”*, foi difícil não fazer uma relação entre tal pensamento e a construção poética de Manuel Bandeira, *“Vou-me embora pra Pasárgada”*. O lugar imaginado do poeta em nada se parece com a amálgama espacial do bairro dos Cardeais em 1974, conforme pode ser percebido nas memórias. Contudo, os sentimentos parecem ser os mesmos: satisfação e felicidade. Resta, contudo, entender interpretar as memórias de Chico Pequeno, já que este, na época trilhava, junto à sua família, um caminho tortuoso, cheio de indefinições, abalizado sobretudo pela doença de sua mãe.

Quando disse esta frase, Seu Chico falava justamente doença de sua mãe e do primeiro local de abrigo em que ficou hospedado. Disse que o que o motivou a deixar o lugar onde estava e mudar-se para os Cardeais, mesmo sendo arriscada e aparentemente desnecessária a travessia.

“Eu tava na casa do veio Quinco Batista. Aí, a cheia alteando, alteando e véia doente, ela doente. Aí, quando foi com quinze dias que eu tava no véio Quinco Batista, o rio deu uma baixa que baixou numa vez, aí eu, ela doente, pra eu ir a rua, adquirir um doutor, ou até mesmo um recurso pra comer, era uma dificuldade. Quando queira atravessar não tinha canoa, eu digo:

- Vou pros Cardeais. Vou arrumar uma casa pra ir me embora pra lá. Aí o véi disse:

- Rapaz tu é doido, a cheia baixando e você querendo sair daqui!

O vei gostava muito de mim, quando eu saí, começou a chorar.

- Não Seu Quinco eu vou, porque aqui tudo é difícil pra mim. Pra eu ir a rua, às vezes vou a rua, pego uma oportunidade atravesso pra ir a rua, quando vem, vou chegando na sua casa de tardezinha porque não tem canoa pra atravessar. Vou adquirir um remédio da mamãe ou um doutor pra vim e uma dificuldade. Assim vou me embora pros Cardeais porque lá tudo é fácil.

Aí vim me embora pros Cardeais”.²¹⁴

Quais os significados que Seu Chico atribuiu ao bairro que o fizeram pensar que lá tudo era fácil? Toda a cidade atravessava um momento difícil. Como nos relatou os sujeitos desta pesquisa, durante a enchente de 1974 as ajudas vinham, mas de forma precária, se comparada a 1985 e outros anos de cheia. Dito isto, por que justo nos Cardeais tudo seria fácil, na visão de Chico Pequeno?

Um mergulho mais profundo em seus relatos nos faz crer numa perspectiva outra que o lugar, Cardeais, assume em suas memórias. Seu Chico estava praticamente só, no que diz respeito a gerir os recursos para alimentar sua família, salvo o apoio do “*veio Quinco Batista*”, que já tinha sido uma ajuda significativa, pois este havia lhe dado abrigo, não contava com mais nada. Em sua saga lhe acompanhava sua família, mãe, esposa e quatro filhos. além de tudo, o problema da mãe doente agravava ainda mais a situação. Em seu relato, fala da necessidade de médico e remédios para sua mãe, fala de transporte para se locomover e, conseqüentemente, da falta de estrutura para cuidar da “*véia doente*”. Sair da Jureminha e ir para os Cardeais seria a solução. Hoje, no “seco”, como se fala, o percurso não necessita de mais de dez ou quinze minutos para ser completado. As comunidades são próximas, distam apenas três km. Seu Chico disse que poderia fazer o trajeto até nadando, agarrado a um cavalete, mas e sua mãe, idosa e doente, a esposa e os filhos pequenos? A solução seria arranjar uma canoa, coisa que, segundo ele, também era difícil. Por que os Cardeais e não o centro da cidade? Para Chico e para outros daquela região, a proximidade e as oportunidades que

²¹⁴ Francisco Luiz da Silva. Entrevista realizada em 12 de Janeiro de 2005. Jureminha, Jaguaruana – Ce.

oferecia o bairro eram mais latentes e preenchiam suas necessidades temporárias. No próprio conceito dos nossos entrevistados, ir para o centro seria lidar mais ainda com a sorte. Este estava inchado pelos retirados vindos de outros cantos da cidade.

Como já foi dito, os Cardeais foi o lugar onde se montou o abarracamento para aqueles que não conseguiram abrigo. Seu Chico Pequeno e família ficaram numa casa que estava fechada, arranjada por sua sogra. Segundo ele, era uma casa pequena, mas que deu pra colocar todo mundo. Outra família que foi para os Cardeais foi a D. Eliza. Ela, no entanto, ficou no abarracamento, como ela mesma diz:

“Eu saí daqui primeiro para o Matinho, quando achava que ia voltar pra casa, aumentava. Teve uma época que aumentou tanto que ninguém achava que não voltava mais. Aí, do Matinho, lá tava tudo brejando lá, em ais de cair as casas em riba da gente. Aí tiremos e fumos pros Cardeais, lá fumos para umas barracazinhas que tinha de lona, tudo emendada umas com as outras”.²¹⁵

A idéia de ir para os Cardeais passava pelo conhecimento que as pessoas tinham da assistência que era dada para a localidade. Lá havia médico, distribuição de alimentos, roupas e agasalhos.

Líder comunitário, o Sr. Joaquim Cariri, é um dos moradores mais antigos da localidade. Seu relato expõe com detalhes a situação que os Cardeais viveu no tempo da cheia. Ele fala dos anos de 1960, 1974 e 1985, às vezes flutuando em detalhes que se repetem mas que, ao mesmo tempo, legitimam a narrativa de alguém que quer contar uma história fantástica. É o caso dos números dos desabrigados. Quando perguntado sobre as enchentes, em certa parte de sua fala, lembrando de 1960, diz: “*Acho que ficou por aqui umas duas mil pessoas debaixo destes cajueiros*”²¹⁶. A mesma informação, com a mesma confiança e a mesma tônica é repetida quando se refere a 1974 e a 1985. Sua fala, portanto, está revelando lembranças que flutuam soltas,

²¹⁵ Francisca Eliza da Silva. Entrevista realizada em 24 jul. 2004. Jureminha, Jaguaruana, Ce.

²¹⁶ Joaquim Batista da Silva, 77 anos. Morador da comunidade dos cardeais. Agricultor, viajante, comerciante, Joaquim Cariri, é um homem de muitas histórias que ajudou os retirados da cheia na comunidade dos cardeais. Entrevista realizada no dia 27 de julho de 2005, em sua casa, na comunidade de Cardeais.

nos retalhos de suas memórias, demonstrando assim uma forma característica de falar de si próprio que denota a certeza e a confiabilidade²¹⁷, visto que para alguém que procura e estuda certo assunto, dados, expostos na narrativa de Joaquim Cariri por números, reiterados pela verdade de quem viveu o fato, é fundamental.

Como a narrativa é antes de tudo um relato autobiográfico, a entrevista de Joaquim Cariri é um retrato de sua vida, um retrato mediado pelas perguntas e pela pessoa do entrevistador e por aquilo que Seu Joaquim quer que as outras pessoas saibam sobre ele. Desta forma, fica evidente o momento de sua fala onde descreve os trabalhos que fez para ajudar os retirados que vieram para os Cardeais.

“74 foi outro tormento. Nesse tempo pelo menos tinha médico, porque em 60 não tinha médico. Tinha não. Se precisasse, ia pra rua buscar Dr. Adauto ou Dr. Zé Martins. O Dr. Zé Martins já trabalhava aqui. Eu tava aqui um dia, recebi 40 pessoas do Angicos, tudo as coxas daqui pra cá, papocadas, tanto fazia moça como rapaz, porque els tavam com oito dias dentro d'água. Aí, mandaram pedir uma canoa que eu tinha aqui. Eu mandei uma e mandaram outra de lá. Desembarcaram tudo ali. E ficou essa calamidade aqui. E o Zé Martins estava em São José. Eu peguei um rapaz, mandei pra rua e disse:

- Pegue uma embarcação lá que tem, vá a São Jose. Me diga a Zé Martins que eu tô precisando de um médico. To aqui Sozinho, com 40 pessoas que chegou aqui ferido da água. -Que ele era muito amigo meu.

Aí, mandei o rapaz lá, pegou um barco em Jaguaruana, foi lá. Isso era, mais ou menos às 3:00 da tarde. Quando foi mais ou menos às 5:00h da tarde, aí Zé Martins chegou aí. O posto era bem ali, deste tabuleiro pra lá, tudo inundado. Eu digo:

- Seu Zé Martins, é uma calamidade danada. Ele disse:

- Tem problema não. Nós cura já tudinho. Eu trago remédio, trago tudo aqui, me arruma uma pessoa pra me acompanhar, seja mulher seja homem.

²¹⁷ THOMPSON, Paul. Op. Ct. p. 199.

Botei, foi ali pra dentro da igreja, que a nossa igreja era ali. Aí o pobre trabalhou até às 11:00h e deixou tudo mais ou menos. No outro dia tava tudo mais ou menos. Ele ficou visitando”.²¹⁸

Sua narrativa é construída para dar a entender que pelos Cardeais, sua comunidade, ele faria qualquer coisa. Assim, se já pareceu interessante a proximidade de Joaquim Cariri com o médico da cidade, o que dizer então de sua afinidade com o prefeito da época, apresentada nesta parte de suas memórias.

“Aí nova falta de mercadoria. Aí, recorri as autoridades, corri pra rua falei como prefeito, com o Dr Bessa, o Manezinho, o Chico Jaguaribe, aí, mandaram mercadoria outra vez. Mandaram mercadoria, ficaram garantido. Veio os aviões, deixavam aí, as mercadorias aí, sei que abasteceram de mercadoria. Durante os 74 dias, aí a gente venceu. 74 não, 72 e dois dias. No 72, ela deu sinal de vazar, no outro ela já amanheceu baixa, quando foi no outro, já amanheceu muito baixa. Aí comeu a vazar”.²¹⁹

Numa mesma afirmativa, Joaquim Cariri junta o Dr. Bessa, assistente rural da Ematerce, coordenador local dos socorros públicos aos desabrigados, o Sr. Manuel Barbosa, o Manezinho, prefeito da época e Chico Jaguaribe, o líder político da cidade, ex-prefeito e ex-deputado. Suas memórias constroem um discurso de auto-reconhecimento, mas também nos dignifica a pensar o bairro de Cardeais na situação em que se encontrava: lugar de calamidades e por causa desta, ambiente favorável para atuações político-partidárias de caráter assistencialista.

Este trecho de seu relato mostra a forma como Joaquim Cariri quer ser percebido, mas também expõe os Cardeais da época. Essa é a característica por excelência da fonte oral, proporcionar ao historiador a possibilidade de vislumbrar cenários outros da vida das comunidades, não

²¹⁸ Joaquim Cariri. Entrevista realizada em 27 de julho de 2005 na comunidade de Cardeais. Jaguaruana.

²¹⁹ Joaquim Cariri. Joaquim Cariri. Entrevista realizada em 27 de julho de 2005 na comunidade de Cardeais. Jaguaruana..

esmiuçados nas fontes escritas e costurados pela experiência de vida daqueles que contam as histórias.

As indicações mais latentes vistas a partir das memórias de Cariri são o grande número de desabrigados, o cotidiano das doenças e o trânsito dos políticos na região. Os Cardeais podia ser visto então, como um reduto de salvação para muitas famílias e também uma vitrine pública para expor as mazelas ocasionadas pela enchente. Como definir a situação do bairro na época? Melhor resposta não se poderia elaborar, diferente da proferida por Joaquim Cariri ao médico da época, lembrada por ele em nosso encontro. Quando o médico chega ao local onde estão os doentes, Joaquim Cariri diz: *“Seu Zé Martins, é uma calamidade danada”*.

Como o sair de casa em tempos de cheia significava, na maioria das vezes perder muito ou quase tudo que se tinha, outro sentimento que pode ser percebido nas pessoas que se retirara nos Cardeais é o da perda. Logo, para alguns, os Cardeais poderia ser o lugar do recomeço frente às perdas sofridas durante a enxurrada.

A seca obriga a migração, que acontece quando a família já perdeu tudo. O fenômeno da seca diferente da enchente vai castigando aos poucos, destruindo a paisagem e os poucos bens dos agricultores lentamente, ao contrário da enchente que é veloz. Como nos relatou Chico Pequeno, houve dia, em que, só no bairro dos Cardeais, morreram 150 criações²²⁰. E, foi também a partir de suas memórias e dos relatos de Avanir que ficou claro que numa mudança de enchente, leva-se apenas o necessário. Muita coisa se perde. Diante de tudo isto, para alguns, como D. Eliza, os Cardeais foi um lugar da salvação momentânea pois o que mais se ansiava era o retorno pra casa o quanto antes, visto que, é mais fácil voltar pra casa, retornando da comunidade vizinha do que de um Estado mais distante. Para outros, contudo, os Cardeais foi o lugar da salvação permanente. Seriam aqueles, que mais tarde iriam compor os moradores da Vila do padre.

Os Cardeais não era uma Babel porque se falava a mesma língua, mas foi um local que recebeu pessoas das mais distantes comunidades. Joaquim Cariri fala dos homens e mulheres que vieram de todo canto, por

²²⁰ Criação é, no interior do Ceará, o nome dado popularmente aos caprinos e ovinos, bodes e ovelhas.

exemplo, *do Angicos, do Borges, da Jureminha, do Matinho, da rua, do Alto*. Pessoas que se encontravam em situações semelhantes: desalojados por conta das águas. Outros desabrigados²²¹. Estas famílias recebiam assistência da Prefeitura Municipal e do Governo do Estado, através da Coordenadoria de Defesa Civil, além das campanhas de arrecadação de roupas e alimentos feitas em Fortaleza. Destas campanhas, a que se tem mais lembrança foi o movimento organizado pela Sra. Marieta Calls. Segundo o Jornal O Povo de 03 de abril de 1974,

“A Sra Marieta Calls, tem promovido uma campanha de angariação de donativos para ajudar as comunidades interioranas. O posto de entrega é no ginásio Paulo Sarasate. Além de roupas e alimentos, a campanha tem recebido também tabletes de cloro doados pelas instituições sanitárias, direcionados ao tratamento da água usada para beber nos abarracamentos”.²²²

Há um relato de Joaquim Cariri que versa sobre estas doações advindas de campanhas de arrecadação. Segundo ele, o povo do Sul, que doava roupas e agasalhos eram pessoas muito boas que sabiam da situação que se passava nesta região.

“E daí veio a mercadoria que o Exército trazia pro povo das barracas, ali no Júlio Rocha. Eles ficaram pra lá. Ali tinha cumê, tinha tudo, tinha sapato, tinha roupa, tinha tudo. Roupa que vinha com dez mil-réis, vinha com cinco. Vinha com vinte. Lá no sul, quando fizeram a campanha, eles davam os paletó e botavam dinheiro no bolso, cinco num bolso, dez no outro, era assim. Quando o cara pegava o paletó, o cara dizia: - Achei cinco! Achei dez. Era assim. Pessoas boas, quem mandava viu.”

²²¹ As terminologias desalojado e desabrigado foi utilizada pela primeira vez em 1974. Antes, o termo desabrigado era usado para definir toda a sorte de indivíduos que estavam fora de suas casas. Neste outro contexto, desalojado é o termo que define as pessoas cujas casas fora invadidas pelas águas e, portanto foram obrigadas a sair de casa, ao passo que esta não foi destruída. Desabrigado é usado para aqueles que perderam suas residências com a incidência das enchentes. Esta interpretação pode ser verificada nas tabelas do documento do Governo do Estado. Governo do Estado do Ceará. Op. Cit.

²²² Jornal O Povo, 03 abr. 1974. p. 08.

Se encararmos os Cardeais como o espaço que foi verdadeiramente construído a partir das enchentes de 1974, não podemos nos desvencilhar de uma comparação com a mitologia bíblica do dilúvio. Dois motivos são suficientes para justificar tal escolha. Primeiro, a relação chuva – inundação e seus desdobramentos, nos leva a pensar nas experiências do povo com relação a tal fenômeno. Quando se fala em enchente é comum ouvir histórias sobre o dilúvio. Um dos entrevistados desta pesquisa é o Sr. Joselias. Suas memórias são fundamentais para esta pesquisa porque ele foi um dos mestres ajudantes no processo de construção das casas da Vila do Padre. Segundo ele, foi procurado porque era um famoso construtor de cacimbas da região e, portanto, sabia como lidar com os materiais usados na confecção dos tijolos daquelas casas, que não eram tijolos cozidos de alvenaria, feitos com barro, mas sim, crus, feitos com cimento. Por ter como trabalho construir cacimbas e cisternas, toda sua vida foi marcada pelo tema da água. O dilúvio apareceu em suas memórias para explicar os problemas do cotidiano do seu trabalho, como exemplifica neste trecho de sua fala.

“Como eu já lhe disse eu passei a vida toda cavando cacimbão. Do ano de 1960 pra trás, as cacimbas eram dessa fundura que eu tô dizendo, 10 metros, 42 palmos era o máximo. Depois de 1960 pra cá, teve cacimba aqui em Jaguaruana de ficar com 28, 30 palmos porque não dava pra cavar mais. Né. Teve uma certa coisa que ficou as águas bem rasiinhas. De 74 pra cá eu tive de cavar cacimba com só 20 palmos e já dava água. Foi água muita, como se fosse o dilúvio da bíblia. Às vezes eu ia cavar uma cacimba e achava uma carnaúba atravessada no mei do buraco. Só que como era que podia uma carnaúba, enterrada a 30, 40 palmo de fundura? Aí, eu perguntei ao Dr.Zé Martins, que era médico daqui na época. Ele não respondeu, mas disse que depois me trazia a resposta. Quando foi um certo dia ele me encontrou na rua e disse:

- Óia, aquela história da carnaúba enterrada, aquilo é do tempo do dilúvio, que quando ele veio, arrastou tudo, derrubou muito pé-de-pau, que de lá pra cá ficaram tudo enterrado no chão.

Aí eu disse: - É mesmo! E foi mesmo, só pode ter sido. Como é que pode, uma bicha daquela enterrada naquela fundura toda?"²²³

Outros entrevistados como Seu Avani e Seu Chico Pequeno também explicam as enchentes como *verdadeiros* dilúvios. A figura bíblica percorre o imaginário das pessoas daquela região e surgem nos relatos no momento específico em que há uma relação expressa entre aquilo que é conhecido e aquilo que foi vivido. É assim também com os milagres de Jesus e com imagens do Apocalipse de João, no que diz respeito ao fim deste mundo e ao início do outro que virá. Mesmo sendo muitas vezes homens e mulheres iletradas, há, na materialidade da cultura oral um trânsito livre das histórias do mundo escrito. Desta forma, não é absurdo dizer que parte dos relatos bíblicos e outras histórias do mundo das letras fazem parte também do universo da oralidade.²²⁴

Outro motivo é a sintonia existente entre os fatos: é possível fazer uma relação entre os elementos dos dois acontecimentos.

O relato do dilúvio está no livro de Gênesis, escrito por Moisés, por volta de 1.500 anos antes de Cristo. Fala da ira de Deus contra sua criação, o episódio de 40 dias e 40 noites de chuvas intensas e a aliança de prosperidade feita entre Deus e Noé, que neste relato, representa toda a humanidade.²²⁵

Segundo o relato, Deus, o criador, está descontente com sua criação, o homem e toda a corrupção existente na terra. Isto posto, Ele escolhe uma família de justos, liderada por um homem chamado Noé e o instrui a fazer uma arca, onde ficariam salvos um casa de cada espécie animal vivente na terra e sua própria família. Deus, nas palavras do Gênesis “exterminaria todo o resto” através das águas do dilúvio. Passadas as intensas chuvas, os animais foram soltos e Deus afirmou a Noé, através de uma aliança, que jamais

²²³ José Elias da Silva, José Elias da Silva – Nascido em 11 de agosto de 1930. Construtor de cacimbas, foi convidado para trabalhar na construção da Vila do Padre devido sua experiência em construções. Segundo ele, ninguém sabia fazer o tijolo na máquina comprada com o dinheiro da que veio da Alemanha. Ele era conhecido na época por ser um bom construtor de cacimbas e por trabalhar com alvenaria, por isso foi indicado. Entrevista realizada no dia 09 de agosto de 2005. Jaguaruana – CE.

²²⁴ Cf. BARTHES, Roland. *Oral/escrito*. Enciclopédia Einaud. (Oral/Escrito – Argumentação). Lisboa: Surpresa Nacional/ Casa da moeda. Volume 11.

²²⁵ Cf. Gênesis 6 – 9. Bíblia Sagrada. 72 ed. São Paulo: Editora Ave Maria, 1989.

amaldiçoaria os homens novamente. Como sinal, deixou à humanidade seu arco sobre as nuvens, hoje facilmente identificado como o Arco-íris.

No que diz respeito aos Cardeais e a enchente de 1974, pode-se encontrar uma correspondência em todos os elementos neste modelo comparativo.

Em 1974, segundo relatos, também houve 40 dias ininterruptos de chuvas. Há relatos de afogamentos, pessoas levadas pelas águas, canoas que viraram, fome, falta de trabalho, casas e campos destruídos. Em relação aos animais, muitos também morreram, como já pode ser visto em depoimentos como o de Chico Pequeno, Seu Ferreira e Avani. E o que seria os abarracamentos, o centro da cidade, colégios, igreja, todos os lugares de abrigo, inclusive a comunidade de Cardeais, senão as arcas, que salvaram tantas vidas? Desta vez, não arca de Noé, mas a arca de Avani, de Chico Pequeno, de Dona Eliza, Dona Cota, de Chico Firmino e outras tantas.

Pedro Antón em seu estudo sobre a água, encara-a nos moldes de Paul Ricouer, como uma metáfora viva. Ele estuda localidade de Galaroza, que fica na Serra da Aracena, na Espanha²²⁶. A partir de um evento chamado “Fiesta de Agua”, compreende como a comunidade, circunscrita num espaço abundante de mananciais aquíferos, tem na água o elemento fundante da sacralidade do lugar. Isto é, a água é o combustível por onde passa a vida do povoado e a experiência de seus habitantes. Por comparação inversa, vejamos os Cardeais como também um espaço da sacralizado pelas águas. A concentração de gente na comunidade se deu por conta das enchentes. Neste caso, o lugar da salvação é “sacralizado” pela água numa situação antagônica à vista em Galaroza.

Outro autor, González Alcantud, que estuda a relação mitológica entre a imagem do dilúvio e as inundações, diz que, pelo menos, na Espanha, locus do seu estudo, as inundações fluviais não podem ser dissociadas do mito diluviano do Gênesis, quando se tenta estudá-las. Foi assim que vimos o bairro Cardeais nesta pesquisa.

²²⁶ CANTERO, Pedro Antón. Las tramas del agua (El agua como metáfora viva) In: Alcantud, José a. González e Cuello, Antonio. *El agua: Mitos, ritos y realidades*. Centro de investigaciones etnológicas Antrhopos, 1995. 166-189.

Desta forma, o espaço denominado Cardeais, seja este visto como um bairro da cidade ou um lugar de abrigo, foi se inscrevendo nesta pesquisa, da forma peculiar exposta pelos homens e mulheres que para lá foram durante os dias da enchente de 1974. Para alguns, os dias que ficaram lá “de passagem”, se prolongariam, visto que, parte dos retirados da cheia, abarracados naquele lugar, vieram a ser, pouco tempo depois, os moradores da vila construída para os desabrigados pelas enchentes.

A primeira vila foi a Vila do Padre, construída logo após a cheia de 1974. Contudo, nos anos de 1976 e 1977 foi construída outra vila, a Vila do Manezinho e no início da década de 1990, foi construída a Vila do Zé Augusto; estes nomes são dos prefeitos que as construíram.

Outra coisa a se dizer seria a conotação destas outras vilas, que foram feitas em momentos que não teve enchente, mas um dos argumentos para a edificação de casas na mesma localidade era a altitude do lugar, que era retiro de cheia.

Desta maneira os “Cardeais” foi sendo povoado. Hoje conta com a estrutura de uma cidade de pequeno porte. Comércio e indústria se multiplicam. A localidade tem 5 indústrias de grande porte, que juntas empregam mais de 2.000 pessoas. São três fiações e duas minerações beneficiadoras de calcário, minério encontrado em abundância na região. Além disso, dispõe ainda de escolas, posto de saúde, bares e restaurantes, tendo quase uma vida própria, salvo a existência de bancos e órgãos públicos de caráter administrativo.

Um sentimento, identificado na fala de Avani, exemplifica bem o que significou o bairro dos Cardeais para aqueles que lá estiveram durante a enchente e também para aqueles que não foram para lá como é o caso de Avani. É certo que muitos que ficaram retirados nos abarracamentos ou até mesmo nas casas de parentes e conhecidos naquele bairro voltaram para suas propriedades quando as águas baixaram. No entanto, muitos ficaram, mesmo com suas terras em outras localidades, passaram a morar naquele bairro. Acredito ter sido isto que Avani quis dizer.

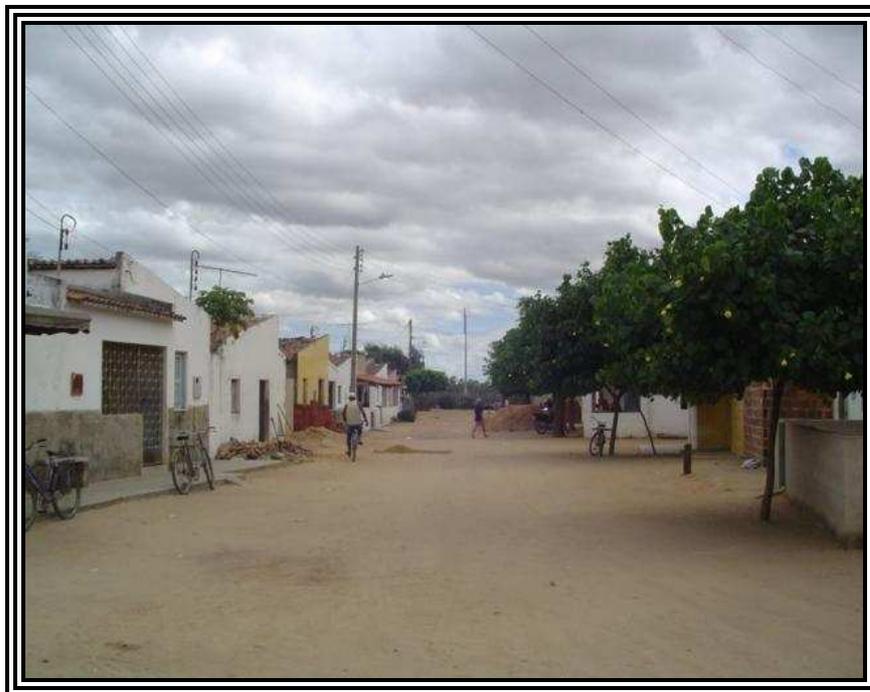
“Naquele tempo as coisas eram difíceis, mas hoje o povo diz assim:

- Ah se eu tivesse ido! Ah, se eu tivesse o meu canto.

Hoje as pessoas querem conseguir um canto lá (nos Cardeais) e não tem. Não tem mais! Tá tudo lotado, tudo completo, tudo cheio. Você sabe que aonde tem fábrica, onde tem empresa, os locais ficam curtos, porque o pessoal faz muita moradia encostado. E ali tem aquelas duas mineração, a do prefeito e a do Afonso Abreu e os próprio operário que moraram mais longe, procuraram a morar mais perto, os que trabalham lá. Já tem aquelas construções do posto de saúde, tem a escola, tem a creche, tudo ali tomou espaço. E tudo aquilo ali foi a partir da construção da vila do padre, foi. Hoje eu posso dizer assim. Naquele tempo, karol, eu nem, nem passava pela minha cabeça. Pra mim o paraíso era aqui no Alto. 'Ah, eu no alto eu tô bem'. Mas depois eu despertei que eu podia ter uma moradia lá, ter um lugar lá. O qual os amigos seriam os mesmo: amigos lá e amigo aqui, como eu tenho amigo lá e tenho aqui, mas sou mais daqui. Hoje é que não tenho como eu ir me manifestar pra um canto lá no impressado lá, numa dificuldade. A vez foi da época da vila do padre".²²⁷

²²⁷ Antônio Avani de Almeida, entrevista realizada em 16 ago. 2005, Jaguaruana, bairro Alto.

3.3 Lembranças, cimento, areia e barro – (re)Construída a Vila do Padre.



(Foto 04 – Primeira rua da Vila do Padre – Cardeais)

A condição primeira para a construção da Vila do Padre foi o fim das chuvas e, como consequência, o esgotamento das águas da enchente de 1974. Os entrevistados, entretanto, são unânimes em dizer que as obras de construção das casas se deram logo após o fim da enchente. Dá se a impressão de que a cheia secou num dia e as obras começaram no outro. Este tempo da memória, pensado cronologicamente, situa-se entre fins de maio e início de junho de 1974. Segundo entrevistados e notícias de jornal, o fim da enchente daquele ano se deu entre estes dois meses.

“Pra ir, foi ligeiro demais. Pra voltar, é que foi um tempo. Um mês. Foi muito mais de um mês. O pessoal começou a se retirar daqui no finzinho de março para abril, no finzinho de março, que teve pessoas que saiu no dia 16, 17, 14 de abril, certo. Aí agüentou que veio pra cá no dia 25 de maio, 30 de maio, 3 de junho, certo. Aquele pessoal que

mora num lugar mais baixo é os que vai demorando mais pra voltar, certo?”²²⁸

O Jornal O Povo de 16 de maio de 1974 anuncia o encerramento das atividades do GESCAP – Grupo Especial de Assistências às Calamidades Públicas –, e divulga a iniciativa do Governo do Estado em relação ao setor agrícola da região do Vale do Jaguaribe, relatando a atuação da CODAGRO²²⁹, quanto à distribuição de sementes selecionadas para o início do replantio naquela região.²³⁰

Joaquim Cariri fala que depois de 72 dias de cheia, “os Cardeais estavam num tormento”. Era, nos seus dizeres, *uma terra de aflagelados*. Com o fim da enchente e as águas baixando, a situação do município ia ficando cada vez mais à mostra das autoridades e da população. As pessoas retornavam à suas casas e se deparavam com um cenário de destruição, suplantado apenas pela perspectiva do recomeço e da prosperidade deixada pela cheia. Como já foi dito anteriormente, a enchente é uma calamidade com perspectiva, já que deixa a terra molhada, pronta para o plantio, para se iniciar uma nova safra. Deixa uma fartura de peixe e de outros víveres, como assim dizem os entrevistados, diferente de fenômenos como a seca, que além de uma indefinição temporal – nunca se sabe quando uma seca vai acabar –, há uma imprecisão na situação que se vai enfrentar após seu término.

A Vila do Padre fez parte de um projeto desenvolvido por algumas cidades do Vale do Jaguaribe. Como foi discutido no primeiro tópico deste capítulo, a Igreja da Diocese de Limoeiro do Norte, comandada na época pelo Bispo Diocesano Dom Pompeu Bezerra Bessa, desenvolveu um projeto de construção de casa populares em regime de mutirão para desabrigados da cheia de 1974. Foram beneficiadas as cidades de Aracati, Itaiçaba, Jaguaruana e Limoeiro do Norte. O projeto recebeu doações advindas de países estrangeiros, mais especificamente da Alemanha, através de uma organização chamada *Charitas*. A Cáritas Diocesana desenvolveu junto às comunidades um projeto para escolha de tipo, construção e regras de manutenção de casas

²²⁸ Antonio Avani de Almeida. Entrevista realizada em 06 de janeiro de 2005. Jaguaruana, Ce.

²²⁹ Cooperativa de Desenvolvimento da Agricultura, órgão ligado à Secretaria de Agricultura e Abastecimento – SAAB.

²³⁰ Jornal O Povo, 16 mai. 1974. p. 08.

populares que seriam construídas em regime de mutirão, em lugares que não fossem inundáveis. O público alvo seria justamente famílias desabrigadas pela destruição ocorrida em suas casas, no período da enchente.²³¹

No caso específico de Jaguaruana não há documentos escritos sobre o processo de construção da vila. Sobre esta questão, na primeira entrevista feita com a Irmã Dionísia, sobreveio a dúvida se, por acaso, ela teria alguma coisa escrita sobre a construção da Vila do Padre. Sua resposta foi um misto de surpresa com tristeza:

“Não sabia que você estudava aquela vila, rapaz! Nunca pensei que... Olha, tá vendo, eu tinha tudo, vários cadernos, prestação de contas, quantos tijolos, quantas telhas, tudo. As pessoas que trabalharam, viu, tinha tudo escrito. Mas eu fiz uma limpeza nas minhas coisas, era um monte de papel, aí joguei tudo fora. Tá vendo. Nunca mais eu joga nada fora, que posso eu precisar como num caso desses”.²³²

Se por um lado são poucas as fontes escritas, por outro, são abundantes os relatos orais sobre o fato estudado. Cada vez mais vou me dando conta que o problema deste estudo tem pelo menos uma solução: a enchente de fato é um marco na memória dos homens e mulheres que viveram este fenômeno. Foi acreditando nisto que continuei a pesquisa.

Este tópico final portanto, se apresenta como uma tentativa de (re)-construção da Vila do Padre, visto que a memória, em seus mecanismos, dá condições para que as experiências do tempo passado dialoguem com as motivações do presente e que o produto deste contato seja matéria-prima para o trabalho do historiador.

A primeira pessoa procurada para falar sobre a Vila do Padre, foi o Padre Ducéu. O Monsenhor Raimundo de Sales Façanha é natural de Jaguaruana, tem 70 anos. Ordenou-se padre secular aos 30 anos de idade, em

²³¹ Cf. LIMA, Maria Aurineide. Op Cit. Parte dos dados relatados podem ser vistos nos depoimentos daqueles que falam a partir igreja católica como instituição, como é o caso do Padre Ducéu e da Irmã Dionísia. Os documentos escritos sobre o processo de construção das casas nos diversos municípios são escassos. Desta forma, nossa melhor referencia se torna o trabalho feito por Aurineide Lima. Em seu estudo, Lima percorre o processo de construção do Limoeiro Alto e dá um retrato do bairro nos dias atuais.

²³² Irmã Dionísia Andrade Costa. Entrevista realizada em Jaguaruana no dia 20 jul. 2005.

1965. Foi pároco de Russas, Morada Nova, Ibicuitinga desde sua ordenação até 1968, quando veio ser vigário co-adjutor do Mons. Aluíso de Castro Filgueiras em Jaguaruana. Até então, é pároco de Jaguaruana, onde completou 38 anos à frente da Igreja Católica local.

Tendo ficado estes anos todos à frente de uma mesma paróquia, o Pe. Ducéu tem um discurso conciliador, onde procura resolver até as querelas políticas da cidade, demonstrando como os mais diversos poderes, que transitam pelo mesmo local, tendem, por vezes a se imbricar, numa ciranda amórfica e confusa. Naquele ano da enchente de 1974, ele desenvolveria uma de suas primeiras tarefas sociais frente à administração da paróquia. É preciso dizer que a construção de casas para desabrigados da enchente foi um projeto idealizado pela Igreja Diocesana mas que teve seus desafios e peculiaridades regionais, isto é, as vilas tiveram desafios específicos em cada cidade.

Na primeira vez em que falou sobre a Vila do Padre, Mons. Ducéu dividiu a responsabilidade da idéia da construção da vila com a Irmã Dionísia, pessoa que lhe ajudou em muitos trabalhos desenvolvidos pela igreja na cidade de Jaguaruana.

“Essa vila, praticamente não posso dizer que foi surgida por mim por que teve a cooperação da Irmã Dionísia. Partiu assim de uma ansiedade de um povo desabrigado que veio da zona rural e que tinha a necessidade de estar num lugar garantido para que, em determinadas épocas, não houvesse mais aquela correria para terras que tivessem fora d’água, das alagações, dos rios, das enchentes. Daí, a gente tentou fazer uma carta pra Alemanha contando a história da cheia de Jaguaruana e ao mesmo tempo, surgiram de outros cantos, como o pedregal de Aracati, o Limoeiro Alto que também tinham a mesma ansiedade por terras altas, para se livrar das inundações, para não ter mais aquela dificuldade de sair correndo com a mala na cabeça”.²³³

²³³ Mons. Raimundo de Sales Façanha – Pe. Ducéu. Entrevista realizada em 25 jul. 2004 Jaguaruana-Ce.

Na fala, fica expresso um sentimento, que naquele período após as inundações, parecia ser a ordem do dia: arrumar uma forma de resolver o problema dos desabrigados pela enchente. A solução pensada passou pela iniciativa da construção de casas populares em regime de mutirão, o que logrou certo sucesso. Nas palavras de Pe. Ducéu, “*a vila atingiu seu objetivo de início. Mas depois, nós tivemos algumas dificuldades para manter nossas promessas*”. Segundo o padre, a irmã, os pedreiros e os primeiros habitantes, dentre outras pessoas que foram ouvidas nesta pesquisa, os moradores da Vila do Padre, algum tempo depois, desfizeram-se de suas casas, vendendo, alugando ou até mesmo emprestando para mudar-se para o centro de Jaguaruana ou para outras cidades.

Segundo levantamento feito por esta pesquisa, durante os meses de setembro de 1974 e agosto de 1975 foram construídas, no bairro dos Cardeais, Jaguaruana, num terreno doado pelo Sr. Severino Batista, uma vila de 89 casas, divididas em duas ruas. Além das casas, também foi construído um salão comunitário onde funcionou a primeira creche/escola da comunidade mantida pela LBA – Legião da Brasileira de Assistência, sob a coordenação de Verônica Batista, filha do Sr. Severino e da Irmã Dionísia Andrade Maia. Esta vila ficou conhecida como Vila do Padre Ducéu. Passados trinta anos, um dos primeiros sentimentos identificados em todos que eram consultados sobre o momento da construção, era a dúvida de quantos seriam os moradores que estavam ali desde o início das obras. Partindo deste sentimento, procuramos identificar tal situação.

Atualmente, as casas da Vila se encontram muito modificadas. Grande parte dos moradores construíram outros cômodos em suas casas, alguns colocaram abaixo a antiga estrutura de embrião, aproveitando somente o terreno e utilizando, desta vez, tijolo de cerâmica, diferente do usado na primeira construção. O número de 89 casas foi reduzido para 85, visto que, alguns moradores compraram a casa do lado e fizeram uma só ou como no caso do Sr. Antonio Batista que comprou a casa do vizinho para fazer um comércio.

Deste total, 49 % das residências (44 casas) tem como moradores os primeiros donos, filhos ou parentes próximos que herdaram os imóveis. 39%

(32 casas) foram vendidas para terceiros sem nenhum parentesco. 7% (5 casas), estão fechadas. E 5% das residências (4) estão alugadas.²³⁴

Foi partindo destas motivações do presente que começamos a (re)construir, através das memórias, a Vila do Padre.

As lembranças do tempo da construção da Vila seguem uma matriz discursiva que pode ser identificada em todos os entrevistados. Num desenho vislumbrado a partir das temporalidades da memória e do lugar do qual se está falando, os assuntos foram se misturando e se identificando uns com os outros. Pude perceber um caminho a seguir quando o assunto era a vila do padre: fim das chuvas e recomeço, o fascínio pelos tijolos usados na construção, o cotidiano do trabalho da edificação das casas, a figura do Padre Ducéu, os problemas enfrentados durante a construção das moradias e os resultados da Vila.

Como já foi relatado no início do tópico, com o fim das chuvas, as famílias foram voltando paulatinamente para suas atividades na agricultura, na reconstrução de suas casas e no caso de Jaguaruana, na cadeia produtiva da rede de dormir. Muitos entretanto ficaram sem suas casas e sem trabalho, principalmente aqueles que ficaram estiveram no bairro dos Cardeais. Com a confirmação do projeto de construção das casas, aqueles homens, mulheres e crianças tinham arrumado temporariamente um serviço, que era o da construção de suas próprias moradias.

Com a fim das chuvas era possível retornar às atividades da construção civil. Como é de costume, em tempos de inverno, ainda hoje, os trabalhos em alvenaria se tornam difíceis, pois, às vezes falta até matéria-prima. O caso da Vila do Padre foi específico porque as casas tinham que ser construídas em caráter emergencial, visto que seus construtores e futuros moradores não tinham onde ficar. Muitos deles tinha permanecido em prédios públicos e casas de parentes.

Devido à pressa, foi idealizado um outro tipo de tijolo, diferente do conhecido tijolo batido, feito de barro cozido, utilizado nas construções da época e até hoje. Pensou-se em fazer as casas com um tijolo feito basicamente

²³⁴ Esta pesquisa foi realizada através de um questionário básico com perguntas do tipo: Você é o primeiro dono desta casa? O imóvel foi herdado? Foi comprado? Etc. A pesquisa foi efetuada por alunos da escola da comunidade, supervisionada por mim e pela professora de história da escola da comunidade, a srta. Marcylenne Perry. O resultados são aproximados.

de cimento – ou concreto, como chamam alguns. Atribui-se esta idéia ao Padre Ducéu e a Alemanha, país que cedeu as verbas para a construção das casas, e que é muitas vezes tratado como uma entidade filantrópica. Pode-se notar isto quando nos falam sobre o dinheiro que veio para a construção das casas.

“Naquela vila eu trabalhei e ainda ajudei a fazer o tijolo. Era difícil. Porque o tijolo lá era barro, areia e cimento. Não era como esse tijolo nosso não.



(Foto 05 – Detalhe dos Tijolos – Vila do Padre - Cardeais)

O padre Ducéu é quem veio com essa idéia porque ele achava que era mais barato. Acredito que ele mais a Alemanha tenha criado essa forma de fazer um tijolo diferente. Tinha que fazer o tijolo, botar para enxugar, e o tijolo não era cozido, era cru. Era barro, cimento e areia. Pronto. Aí, a maior parte daquelas casas ali tudo é feita com aqueles tijolos”.²³⁵

Chico Firmino conta sobre as características do tijolo que ele não fez, mas como “*alguém que se interessa de saber das coisas*”, esteve nos Cardeais na época construção para ver como era feito o tão famoso tijolo.

²³⁵ Mãe da Lua - José Pinheiro de Araújo. Entrevista realizada em 16 de agosto de 2005. Jaguaruana-Ce.

“Eu lembro que uma vez eu fui até lá olhar um máquina que trabalhava fazendo tijolo. Aí, eu vi essa máquina eles trabalhando fazendo o tijolo, eu ainda lembro até o material. Era, eles faziam, era, uma, uma saca de cimento, uma lata de barro e quinze latas de areia. Aí eles faziam esse tijolo prensado na máquina. Eu fui lá só pra ver como era a máquina, pensando até em fazer a máquina dessas, mas nunca fiz. (...) Esse tijolo era muito grande e resistente, não precisava cozinhar porque era de cimento, era numa mistura de cimento. Na hora, pegava no tijolo e movimentava, na hora, já saía bem arrumadinho. Era prensado, tirado toda água”.²³⁶

O metalúrgico se espantou ao ver que a *máquina*, objeto de seu desejo e curiosidade era de madeira. Detalhes importantes foram vistos através dos olhos e das memórias de Chico Pequeno. Maior ainda foram os pormenores apresentados por Seu Joselias, o homem que foi contratado exclusivamente para fazer tais tijolos. Como já foi dito anteriormente, sua “fama” como bom construtor de cacimbas da região legitimou a indicação dos colegas e a decisão do Padre Ducéu.

“Alguém informou ao padre, né. Disse:

- Olha, o Joselias é um homem sabido, ele faz aquela peça, de sentar um cacimbão em riba daquela peça.

Que antigamente era de madeira, mas eu compreendi que aquela base podia ser de cimento armado, com ferro e concreto. Aí comecei a fazer o lado de cacimba com cimento armado, e aprovou, então o pessoal viram isso e aprovaram:

- Pe. Ducéu, o Joselias sabe trabalhar com cimento armado e esse tijolo aqui, ele é quem entende. Aí mandou me chamar. Aí eu fui o mestre do tijolo porque não tinha quem fizesse. O padre mandou fazer, eles iam fazer e quando tirava o tijolo da forma, o tijolo se desmantelava. Porque era feito a vácuo, né. Acho que eles não sabiam. E eu quando cheguei lá, a pessoa que trazia o material, hoje em dia já morreu, o Valdemiro Costa, ele trazia tudo numa carroça

²³⁶ Francisco Firmino Neto. Entrevista realizada em Jaguaruana no dia 27 de março de 2005.

carregando o material, areia e massapé, certo. Aí, misturava, passava a areia e o cimento, tudo junto, não ficava bom, tinha que ser a medida exata”.²³⁷

O tijolo de concreto feito *a vácuo*, como diz Joselias, foi uma tentativa de se evitar o salitre que seria ocasionado em construções de alvenaria, ocasionado possivelmente pelo brejo deixado pela enchente. Por muito tempo as terras ficariam úmidas e o lençol freático mais alto, fazendo com que as construções, velhas e novas, fossem atingidas pela umidade.

A máquina que fazia os tijolos não tinha nome. Suas características rústicas surpreendiam a todos quando o tijolo já saía pronto para a construção.

“Essa máquina era de madeira, coisa simples. Era duas caixas, um cabo, dois paus assim, duas molas quando apertava assim... As caixas era a forma dos tijolos, botava o material dentro, quando acabar, dava aquela pressão. Eu fazia sozinho, só queria uma pessoa pra encher as caixas. Ele enchiam ali, eu pegava e dava pressão, dava pressão. No que dava pressão, aquilo unia, aquele material. Sistema a vácuo. Saía água do material, onde nós trabalhava era molhado todo tempo. Aí quando eu fazia aquilo ali, abria a caixa, tirava, ali pronto, era dois tijolos. Ali era só o camarada levar. Já era pra construir. Podia pegar que não desmantelava não”.²³⁸

Uma rua da Vila foi construída com este tipo de tijolo. Quando foram construir a segunda rua, o Padre optou por comprar tijolo de alvenaria, alegando mais rapidez, menos desperdício e melhores custos já que conseguiria comprar tijolos com desconto.

“Quando foi chegando mais pro fim, na outra rua, ele viu que tava saindo caro. Aí, a gente parou de fazer esse tijolo e fomos, trabalhar, construir com o tijolo nosso mesmo, tijolo batido. Uma parte do

²³⁷ José Elias da Silva, entrevista realizada no dia 09 de agosto de 2005. Jaguaruana – CE.

²³⁸ José Elias da Silva, Id. ibidem.

material foi comprada, outra, a gente pediu ajuda. E fui quem comprei e pedi pro pessoal.

- Rapaz isso aí é uma ajuda pra comunidade, se você puder fazer uma diferença, faça.

E todo mundo ajudou, deram desconto no tijolo, no cimento e tudo mais”.²³⁹

Os relatos sobre o trabalho da construção da vila sempre apareceram no contexto de suas memórias. A organização da comunidade, o desejo pela moradia, a disposição para a confecção dos tijolos e o levantamento das paredes, a participação das mulheres e o cotidiano das atividades compõem o cenário do regime de mutirão escolhido pela comunidade. A oportunidade de trabalhar na construção de suas próprias casas foi para alguns, a chance de dar o sustento da família, já que eram distribuídas bolsas de alimentos vindas das instituições como a Diaconia e a Cáritas, além de uma ajuda de custo prevista no projeto.

“Foi questão de um ano a construção dessas casa. Ali era o seguinte: eu era um dos trabalhadores porque eu tinha direito a uma casa e todos que pegavam uma casa, tinha direito de trabalhar também ajudando na casa dos outros como eles iam ajudar a mim também. Era todo mundo trabalhando. Quando nós se abalava nós dois, quando você saía três dias, eu ficava três dias, até parar, porque não podia faltar gente na construção. Cada um fazia a sua parte. Se eu trabalhasse dois dias, o meu substituto, tinha que trabalhar, dois dias também. Se eu saísse três dias, ele tinha que ficar também, o mesmo eu fazia com eles, se ele saísse três dias eu tinha que ficar os mesmos dias”.²⁴⁰

Na visão da irmã Dionísia o mutirão funcionou bem. Segundo ela, para as pessoas que queriam trabalhar não houve dificuldade.

²³⁹ Mãe da Lua - José Pinheiro de Araújo. Entrevista realizada em 16 de agosto de 2005. Jaguaruana-Ce.

²⁴⁰ Mãe da Lua - José Pinheiro de Araújo. Entrevista realizada em 16 de agosto de 2005. Jaguaruana-Ce.

“O trabalho de mutirão não foi assim tão difícil porque a gente adquiria algumas coisas com a Diaconia. A diaconia dava alimentos, roupas e agente distribuía com as pessoas. Alimentos eram: Feijão, arroz, farinha. E às vezes açúcar. E agente distribuía também roupas. E, como trabalho comunitário, para aquelas pessoas que queriam, não foi difícil”.²⁴¹

Estas ajudas dadas aos trabalhadores que construíram a Vila, também são lugar comum nas memórias dos entrevistados. Mãe da Lua e Seu Joselias falaram muito das *ajudazinhas* ou das *mensalidades* dadas pelo Pe. Ducéu, que como coordenador da obra, assumiu posição privilegiada nestas lembranças.

“Agora que aqui, acolá, o padre ducéu dava uma ajuda a cada um. Neste tempo era aquele leite que vinha da Alemanha. Era uma farinha, que a farinha tinha um gosto meio diferente, mas que quando não servia pra gente se alimentar com ela, a gente dava um bicho que criava, né. E de qualquer maneira tinha um arroz preto, que chamava aquele buga, tudo vinha nesse tempo e o pe. Ducéu distribuía. Sempre quando, o pessoal que trabalhava, ele dava a ajuda dele não era em dinheiro, era por parte desta mercadoria que vinha”.²⁴²

Sobre o trabalho das mulheres, Mãe da Lua fala da disponibilidade da ajuda das respectivas esposas no processo de construção das casas. No momento da entrevista, sua companheira, que nos ouvia atentamente, confirmou suas lembranças. Segundo ele,

“as mulheres ajudavam também. As mulheres iam lá, ajudavam a carregar tijolo, ajudavam a carregar areia, era todo mundo trabalhando. Não tinha esse negocio porque era mulher ou era moça não trabalhava não”.²⁴³

²⁴¹ Irmã Dionísia Andrade Costa. Entrevista realizada em Jaguaruana no dia 18 ago. 2005.

²⁴² Mãe da Lua – Entrevista citada.

²⁴³ Mãe da Lua - José Pinheiro de Araújo. Entrevista realizada em 16 de agosto de 2005. Jaguaruana-Ce.

A irmã Dionísia, que na época desenvolvia um projeto de educação popular de jovens e adultos com um grupo de jovens na comunidade, destaca a importância das meninas no trabalho comunitário, na educação e nas ajudas aos desabrigados.

“Essas meninas eram maravilhosas, elas ajudavam em tudo. Na época da enchente, eu observei o povo bebendo água numa lata, tirada de um camburão, tudo sujo, não tinham onde comer. Comiam numas folhas e nuns papelões. Aí eu fiz uma campanha com essas jovens, elas conseguiram lata de doce vazia, lata de óleo vazia por todo canto e nós distribuimos a todo mundo. As meninas eram super ativas”.²⁴⁴

Frente aos avanços do projeto de construção das casas que mais tarde iriam compor a Vila do Padre, se contrapunham as dificuldades. Do ponto de vista institucional, Padre Ducéu é quem mais fala dos problemas, sendo que para todos, o maior problema entretanto, é aquilo que já foi discutido no início do tópico: a não – permanência dos primeiros moradores na Vila. Nas falas de Mãe da Lua e Joselias tal preocupação apareceu num segundo plano, mas a questão não deixa de ser citada. Nas falas da Irmã Dionísia e de Padre Ducéu porém, a angústia quanto a este caso é enorme. Para eles fica claro que o objetivo da Vila foi atingido num primeiro momento, mas que depois de certo tempo, alegando-se insatisfeitos com a morada, parte dos moradores começaria a negociar suas casas. Tal preocupação encontra eco na fala de Joaquim Cariri, mas nada como as palavras da Irmã Dionísia pra definir este sentimento: “*Só foi triste porque depois, muita gente vendeu suas casinhas*”.

Mãe da Lua lembrou dos problemas de natureza social do tempo do mutirão e da época de quando as casas estavam prontas. Segundo ele, tudo era muito tranquilo, mas vez por outra aconteciam algumas coisas.

“A complicação que houve ali, foi que teve uma briga comigo. Uma vez a minha mulher tava de resguardo e fizeram uma confusão danada comigo lá, passaram a noite com a radiola aberta e eu jurei

²⁴⁴ Irmã Dionísia Andrade Costa. Entrevista realizada em Jaguaruana no dia 18 ago. 2005.

de matar um ou quebrar a radiola de chumbo. Aí eles botaram a radiola pra dentro. Quando foi no outro dia, eu fui pra rua, trouxe o padre e o delegado aí, e acabou a confusão”.²⁴⁵

O próprio Padre Ducéu também lembrou deste episódio. No conceito do padre, Mãe da Lua foi quem criou a confusão. Entre suas memórias destacou o caso de um homem que estava produzindo tijolos de cimento e não estava dividindo-os com a comunidade.

“Ocorreu até que teve alguém lá no projeto, que um dia nós soubemos que já tinha feito uma casa cheia de tijolos pra ele. Ele negou, que não era verdade, até que um dia nós fomos brechar a casa dele. Notou-se que a casa tava cheia de tijolo. Então o grupo se resolveu abrir a porta, desmascará-lo e botar os tijolos na rua. Os tijolos não era dele, era um trabalho de mutirão, que as pessoas tinham o direito de dividir por todos e até uma parte desse tijolo foi dado imediatamente e feito uma escolinha para a comunidade que de fato o tijolo tava sobrando que fizeram mais do que precisava. São pequenas dificuldades que acontecem no processo...”²⁴⁶

Como pequena dificuldade o padre também cita as disputas por lugares, os conhecidos *chão-de-casa*.

“Eu todo dia ia lá reunir de noite que às vezes havia até brigas, as pessoas brigavam dando murros uns nos outros com a ganância de querer uma coisa, querer outra. Problema de locação, a posição da casa não agradava a pessoa, aí ela queria num canto ou no outro e ali agente tentou, pelo menos de começo, fazer os gosto de cada um, de colocar a casa onde queria, mas foi crescendo até que chegou o momento que ninguém podia mais escolher nada. Os

²⁴⁵ Mãe da Lua - José Pinheiro de Araújo. Entrevista realizada em 16 de agosto de 2005. Jaguaruana-Ce.

²⁴⁶ Mons. Raimundo de Sales Façanha – Pe. Ducéu. Entrevista realizada em 25 jul. 2004 Jaguaruana-Ce.

espaços foram ficando difíceis. Uns diziam: ‘Ah eu vou aceitar mas não me serve’”.²⁴⁷

Tal afirmativa de Padre Ducéu confirma a idéia de Avani exposta no fim do capítulo anterior. Rapidamente o Bairro de Cardeais foi sendo habitado e os espaços ficaram pequenos. Atualmente é o bairro das vilas. Com o crescimento, problemas de infra-estrutura ainda preocupam os governantes da cidade nos dias de hoje. Pensado assim, podemos justificar a preocupação de Padre Ducéu, Irmã Dionísia e de Mãe da Lua com os problemas desta natureza naquele tempo. Se nos dias de hoje, problemas de ordem básica, como saúde, saneamento básico e educação preocupam moradores e observadores do bairro o que se pensar então da mesma região a 30 anos atrás, justamente no momento em que a comunidade iniciava seu processo ininterrupto de povoamento?

O primeiro problema institucional enfrentado pela equipe que desenvolveu o trabalho da vila foi a aquisição do terreno. O terreno, que segundo Joaquim Cariri era *somente mato*, era propriedade do Sr. Severino Batista, um dos primeiros moradores do bairro dos Cardeais. As memórias de Mãe da Lua apontaram este como sendo um dos poucos problemas enfrentado no início das obras.

“A confusão que houve, que eu me lembro até hoje, foi porque o dono da terra queria receber um dinheiro e o padre Ducéu parece que não teve como indenizar o terreno dele. Mas as casas já estavam feitas em cima, que confusão era que dava? Ia brigar com os moradores? Foi só isso mesmo. Mas não foi coisa de briga, não. Exigiu um dinheiro aí, o pe. Ducéu disse que não tinha condições de dar e também ele não fez confusão com o padre não”.²⁴⁸

O discurso do Padre Ducéu não se resume a um simples deixa pra lá. Segundo ele, o Sr. Severino Batista não deu o terreno de mão beijada. De toda forma é preciso dizer que o sr. Severino Batista, naquele momento,

²⁴⁷ Mons. Raimundo de Sales Façanha – Pe. Ducéu. Entrevista realizada em 25 jul. 2004 Jaguaruana-Ce.

²⁴⁸ Mãe da Lua - José Pinheiro de Araújo. Entrevista realizada em 16 de agosto de 2005. Jaguaruana-Ce.

abria mão de um terreno que tinha localização privilegiada: era alto, retiro de cheia; naquele momento havia uma carga simbólica muito grande no ato.

“O Severino não deu nada ali, nós fizemos uma troca. Troquei o terreno do Severino por essa casa da Verônica. Depois eu cedi um terreno pra duas casas que estão na vila ali, da Leda, a neta dele. E depois ele colocou duas noras e uma filha pra que elas tivessem preferência na construção das casas”.²⁴⁹

A relação entre o poder político local e a construção da Vila do Padre teve ainda mais uma questão delicada que passou pelo não cumprimento da parte do Governo municipal no plano de construção das casas populares em questão. Como foi dito, cada cidade atravessou dificuldades específicas. Em Jaguaruana, o Padre Ducéu e a Irmã Dionísia, coordenadores do projeto dos Cardeais, tinham firmado com a prefeitura municipal, na época tendo à frente o Sr. Manuel Barbosa Rodrigues, o Manezinho, um compromisso onde o poder público municipal ficaria responsável pela aquisição do terreno e a FNS – Fundação Nacional de Saúde, pela doação e instalação de kits sanitários nas casas que fossem construídas. Como nos afirma o padre e a irmã, o projeto tinha sido um grande compromisso assumido por várias frentes, contudo, nem todos assumiram suas responsabilidades.

“A Alemanha aceitou a proposta mas ela fez umas exigências que não estavam ao nosso alcance: o terreno seria doado pela prefeitura, as privadas pelo SESP e a mão de obra, pelos próprios da comunidade, que se tornariam pedreiros e fabricariam os tijolos que seriam feitos por formas dadas pelas Cáritas para que a gente pudesse ter matéria-prima mais barata. Acontece que não houve compromisso nem correspondência da parte da prefeitura que se negou a dar o terreno. Tivemos que fazer uma troca. E as privadas, o SESP deu a entender que, se a prefeitura não ajudasse, ele não tinha compromisso. E essas privadas ficaram na responsabilidade do povo. A gente tentou fazer algumas delas mas eu acredito que ainda

²⁴⁹ Mons. Raimundo de Sales Façanha. Entrevista realizada em Jaguaruana, no dia 25 jul. 2004.

hoje exista casa sem privada porque não foi um negócio metódico, foi entregue a capacidade econômica do povo que não existia”.²⁵⁰

A história da Vila do Padre, fruto de várias memórias, carrega consigo muitos sentimentos. A angústia do padre em não ver as promessas cumpridas e as casas completas e terminadas, a satisfação da irmã, por acreditar ter feito um bom trabalho junto a famílias desabrigadas, a surpresa de Joaquim Cariri, Dona Cota e outros tantos sujeitos desta pesquisa em ver a transformação que aconteceu nos terreiros de suas casas. Como lembrou D. Cota,

“ali hoje... uma cidade. Eu fui tempo desses e eu achei tão bonita, as ruas todas iluminadas. Acabou-se escuridão, o senhor vem por ali de noite, as casinhas paupérrimas mas todas iluminadas. Antigamente só vivia no escuro”.²⁵¹

É a disputa entre o antigo e o moderno aonde o moderno que chega trás consigo saudades do passado e também novos problemas. A ansiedade do Padre do Ducéu em deixar resolvidos problemas de ordem básica de sobrevivência como saúde, educação e saneamento, ainda hoje não foram de toda sorte resolvidos. De fato, das 85 casas existentes, remanescentes da primeira construção da vila do padre, 6 delas não tem banheiros apropriados em pleno funcionamento.

É preciso reconhecer, contudo, que alguns resultados foram alcançados. Todos são unânimes em dizer que objetivo primeiro da vila, ou seja, dar casas para as pessoas desabrigadas pelas enchentes, foi atingido. Mesmo com a saída de muitos moradores, nos primeiros anos da vila, a irmã conseguiu desenvolver um trabalho de CEBS – Comunidades Eclesiais de Bases com jovens e adolescentes do bairro. Criou-se uma creche que atendeu às crianças da comunidade. Esta creche funcionou até o ano de 1980 sob os auspícios da Irmã Dionísia e no ano posterior, criou vínculo com o órgão

²⁵⁰ Mons. Raimundo de Sales Façanha. Entrevista realizada em Jaguaruana, no dia 25 jul. 2004.

²⁵¹ Maria Rebouças – D. Cota. Entrevista realizada no dia 24 de julho de 04. Cardeais, Jaguaruana – CE.

municipal de Educação, também fundado pelo Padre Ducéu e pela Irmã Dionísia. Também nos anos posteriores, através de uma associação de moradores presidida por Mãe da Lua, a comunidade recebeu kits sanitários para várias casas que não tinham banheiro e que assim funcionavam desde sua construção.

Atualmente o Bairro de Cardeais faz parte da Zona Urbana da Cidade e não se restringe mais à Vila do Padre. Tal vila, contudo, continua escondendo e inspirando as lembranças de um povo, que teve ali um dia, seu lugar de refúgio e seu canteiro de trabalho. E a tem hoje como lugar de memória.

Considerações finais

“Aí o céu se abriu, a chuva passou...”

Fontes e Bibliografia

I. ENTREVISTAS

Antônio Araújo da Silva – Seu Ferreira – 1940

Antônio Avani de Almeida – 1947

Dionísia Andrade Costa – 1940

Francisca Eliza da Silva – 1945

Francisco Batista da Costa – Chico Alfredo – 1926

Francisco das Chagas Serafim Neto – 1920

Francisco Firmino Neto – 1946

Francisco Luis da Silva – Chico Pequeno – 1921

Joaquim Batista da Silva – Joaquim Cariri – 1929

José Felipe da Silva – 1934

José Pinheiro de Araújo – Mãe da Lua – 1945

José Elias da Silva – 1930

Maria de Lourdes Alexandre – 1926

Maria de Lourdes da Silva – Maria Sulina – 1921

Maria Rebouças – 1921

Raimundo de Sales Façanha – 1935

Sebastião Pereira da Cunha – Sebastião da Farmácia – 1959

II. JORNAIS

Jornal O Povo Fev-Mar. 1960 / Jan-Jul. 1974

Jornal Diário do Nordeste Mar. Abr. Mai. 1985

III. LIVROS E ARTIGOS CIENTÍFICOS

ALCANTUD, José Antonio González. Del diluvio a la inundaciones: mito y razón práctica ante la catástrofes. In: Alcantud, José a. González e Cuello, Antonio. **El agua: Mitos, ritos y realidades**. Centro de investigaciones etnológicas Antrhopos, 1995. 413-438 .

- ALBERTI, Verena. **Ouvir Contar**. Textos em História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **Violar memórias e gestar História**: Abordagem de uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um "parto difícil". Recife, Clio, Série Nordeste, n° 15, 1994. pp. 39-52.
- _____. **A Invenção do Nordeste e Outras Artes**. 2° ed. Recife: Cortez, 2002.
- AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. (Coordenadoras) **Usos e Abusos de História Oral**. 5 ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002 .
- ARENDT, Hanna. Entre o Passado e o Futuro. In: **O Conceito de História – Antigo e Moderno**. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BAKHITIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1992. p 92, 95, 103.
- BARBOSA, Ivone Cordeiro. **SERTÃO: UM LUGAR-INCOMUM** o sertão do Ceará na literatura do século XIX. – Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza, CE: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado, 2000.
- BARTHES, Roland. **Oral/escrito**. Enciclopédia Einaud. (Oral/Escrito – Argumentação). Lisboa: Surpresa Nacional/ Casa da moeda. Volume 11.
- BENEVIDES, Marinina Gruska. **Recriando a História**. In: Propostas Alternativas – Memória e Patrimônio Cultural do Ceará. – II. Fortaleza: Edições IMOPEC, 2002. p.5
- BENJAMIN, Walter. O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In. **Obras Escolhidas. Magia e técnica, arte e política**. Brasiliense, Rio de Janeiro, 1976.
- BORGES, Manfredo Cássio de Aguiar. **A face oculta da barragem do Castanhão**: em defesa da engenharia nacional. Fortaleza: IMOPEC, 1999. Cap. 1 p. 38-48.
- _____. **As enchentes no Vale do Jaguaribe: dimensões, freqüências e alternativas de controle**. Anais do VI simpósio brasileiro de Hidrologia e Recursos Hídricos. Vol. 2 São Paulo, 1985.

- BOSI, Ecléia. **Memória e Sociedade**. Lembrança de velhos. 3ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.
- BRITTES, Olga. **Documentação Oral e o fazer do historiador**. S/D
- BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia. (Orgs) **Memória e (res)sentimento: Indagações sobre uma questão sensível**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2001.
- BURSTYN, Marcel. **O Poder dos Donos**. Planejamento e Clientelismo no Nordeste. 2° ed. Petrópolis: Vozes, 1985
- CALDAS, Alberto Lins. **Oralidade, texto e História**. Para Lesr a História Oral. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- CANTERO, Pedro Antón. Las tramas del água (El água como metáfora viva) In: Alcantud, José a. González e Cuello, Antonio. **El agua: Mitos, ritos y realidades**. Centro de investigaciones etnológicas Antrhopos, 1995. 166-189.
- CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988
- _____. **A operação histórica**. Apud. LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. **História: Novos Problemas**. 3 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1998.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano. Artes de Fazer**. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 1990.
- _____. **A cultura no plural**. Campinas/ São Paulo: Papyrus, 1995.
- CHAVES, José Olivenor Sousa. **Atravessando Sertões. Memória de Velhas e Velhos camponeses do Baixo-Jaguaribe-Ce**. Tese de Doutorado em História apresentada a UFPE. Recife: 2002.
- COMPAGNON. Antoine. **O trabalho da citação**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1996.
- DIAS, Maria Odila Silva. **Hermenêutica do Cotidiano na historiografia contemporânea**. Projeto História, São Paulo, (17), nov. 1998.

- DOSSE, François. A oposição História/Memória. In: **História e Ciências Sociais**. São Paulo: Edusc, 2004.
- ECO, Umberto. **Interpretação e Superinterpretação**. São Paulo: Martins Fontes, 1998
- FARGE, Arlette. Do Sofrimento. In: **Lugares para a História**. Lisboa: Teorema, 1999
- FENELON, Déa Ribeiro. **O historiador e a cultura popular: história de classe ou história do povo?** História e Perspectiva. Uberlândia, jan/jun 1992.
- _____. **Cultura e História Social: Historiografia e Pesquisa**. Projeto História. São Paulo, nº 10, dez. 1993.
- FERREIRA NETO, Cicinato. **Estudos de História Jaguaribana**. Documentos, notas e ensaios diversos para a história do médio e Baixo Jaguaribe. Fortaleza: Prêmios, 2003.
- GADAMER, Hans-Georg. **O problema da consciência histórica**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1998
- GROSSI, Y.S. & FERREIRA, A.C. **Razão narrativa: significado e memória**. História oral, 4, 2001.
- HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. 4º ed. São Paulo: Paz e Terra, 1970. Série Interpretações da História do Homem.
- HOBSBAWN, Eric J. **Sobre história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- JANOTTI, Maria de Lourdes Monaco. **O Coronelismo: uma política de compromissos**. São Paulo: Brasiliense, 1986. Coleção Tudo é História.
- JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **A oralidade dos velhos na polifonia urbana**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2003.
- _____. **A polifonia urbana expressa na oralidade**. Trajetos Revista de História da UFC. Fortaleza, Vol 2, nº 3, 2002.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 4. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.
- LIMA, Maria Aurineide. **O outro lado da Ponte - O Processo de formação do Bairro Limoeiro Alto**. Monografia da Graduação em História apresentada a UECE – FAFIDAM. Limoeiro do Norte, 1997.
- LOWENTHAL, David. **Como Conhecemos o Passado**. Projeto História, São Paulo, (17), nov. 1998.

- LUCENA, Célia de Toledo. **Artes de Lembrar e de inventar.** (re) Lembranças de imigrantes. São Paulo: Arte e Ciência, 1999.
- MONTEIRO, Paula. **Da doença à desordem: a magia na umbanda.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- MARQUES, Roberto. **Contracultura, tradição e oralidade.** (re)inventado o sertão nordestino na década de 70. São Paulo: Annablume, 2004.
- NASCIMENTO, Diana Maria do. **Do Tabuleiro dos negros à Planalto da Bela Vista. História e Memória.** Monografia da Graduação em História apresentada a UECE – FAFIDAM. Limoeiro do Norte, 2002.
- NEVES, Frederico de Castro. **A multidão e a História: saques e outras ações de massa no Ceará.** Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 2000. Coleção Outros Diálogos; 3.
- _____. **As Mil voltas do Seu Muriçoca: migração e paternalismo nos relatos de um narrador exemplar.** Trajetos Revista de História da UFC. Fortaleza, Vol 2, nº 3, 2002.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio.** 5. ed. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002.
- RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto. O museu no ensino de História.** Chapecó: Argos, 2004.
- RIOS, Kênia Souza. **Engenhos da memória: narrativas da seca no Ceará.** Tese de Doutorado em História apresentada a PUC. São Paulo: 2203.
- _____. **O teatro de Seu Muriçoca: memórias de uma farda.** Trajetos Revista de História da UFC. Fortaleza, Vol 2, nº 3, 2002.
- SAMUEL, Raphael. **História Local e História Oral.** Revista Brasileira de História. São Paulo. v 9 no 19, setembro de 1989/fevereiro de 1990.
- PASSAVENTO, Sandra Jatahy. **Em busca de uma Outra História: Imaginando o Imaginário.** In: Revista Brasileira de História. São Paulo, ANPUH/Contexto, vol.15, nº29, 1995. p. 10-27
- PILAR, Maria do. Et alli. **A pesquisa em História.** Coleção Princípios. 6º ed. São Paulo: Editora Ática. 1993.
- PINTO, Júlio Pimentel. **Os muitos tempos das memórias.** Projeto História. São Paulo, (17), nov, 1998.
- POLLACK, Michel. **Memória, esquecimento, silêncio.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol 2, nº 3, 1989, p 3-15.

- _____. **Memória e identidade social.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol 5, nº 10, 1992, p 200-216.
- PORTELLI, A. **Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre ética na História Oral.** Projeto História, São Paulo (15), abril de 1997.
- _____. **Sonhos Ucrônicos Memórias e possíveis mundos dos trabalhadores.** Projeto História, São Paulo (10), dez de 1993.
- _____. **Depoimentos: Alessandro Portelli entrevistado por Carlo Romani.** Projeto História, São Paulo (15), abril de 1997.
- _____. **L'ordine è già stato eseguito: Roma, le Fosse Ardetine, lá memória.** Roma: Donzelli, 2001. (Introdução).
- _____. Memória e diálogo: desafios da história oral para a ideologia do século XXI. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, Et. al. **História Oral: desafios para o século XXI.** Rio de Janeiro: Editora Fio Cruz; Casa Oswaldo Cruz, FVG-CPDOC, 2000, pp 67-71.
- SANTOS, João Luis dos. **Terra e Política: A Política local analisada sob a ótica camponesa.** Monografia da Graduação em História apresentada a UECE – FAFIDAM. Limoeiro do Norte, 2000.
- SILVA, Kamillo Karol Ribeiro e. **Entre a Poeira e as Águas.** A enchente de 1985 em Jaguaruana – Ce. Monografia de graduação em História, apresentada à UECE – FAFIDAM. Limoeiro do Norte, 2003.
- SHALINS, Marshall. Outras épocas, outros costumes: a Antropologia da História. In: **Ilhas de História.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural:** mudanças de atitudes em relação às plantas e aos animais, 1500-1800. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- THOMPSON. E. P. **A miséria da teoria.** Rio de Janeiro: Zahar, 1981
- _____. Prefácio. In: **A Formação da Classe Operária Inglesa.** 3 ed. Paz e Terra, 1997.
- _____. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- _____. **Tradición, revuelta y consciencia de clase. Estudios sobre la crisis de la sociedad preindustrial.** Barcelona: Editora Crítica, 1989.

- THOMPSON, Paul. **A voz do Passado: História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- TODOROV, Tzvetan. **Uma tragédia Francesa**. Rio de Janeiro-São Paulo: Record, 1997.
- VASCONCELOS, José Gerardo e MAGALHÃES JUNIOR, Antonio Germano.(orgs) **Linguagens da História**. Fortaleza: Impreco, 2003.
- _____. **Memórias no plural**. Fortaleza: LCR, 2001.
- VILANOVA, Mercedes. **La história sin adjetivos con fuentes orales y la historia del presente**. História Oral, 1, 1998;
- VOLDMAN, Danièle. **A invenção do depoimento oral**. In: Usos e Abusos de História Oral/Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira, coordenadoras – 5 ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.
- WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade: na História e na Literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989
- _____. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- ZUMTHOR, Paul. **A Letra e a Voz**. A literatura Medieval. São Paulo: Cia das Letras, 1993
- _____. **Introdução à poesia oral**. São Paulo: HICITEC/EDUC, 1997.